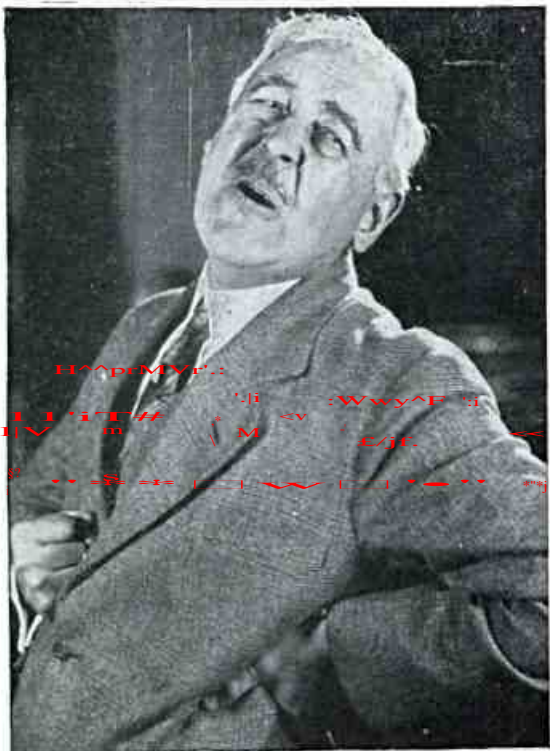
FON
FON
ANNO XXIII — Nº. 31
Rio, 3 de Agosto de 1929
Preço: 1$000

## — Quando se agachava um momento ou fazia qualquer esforço — dôr na cintura!

***E era tão intensa, que o mantinha prostrado numa cadeira por dias inteiros.***

De um tempo para cá, porém, tem sabido evitar todos esses soffrimentos com a incomparavel

# CAFIASPIRINA

**Não é só allivio completo que elle obteve, pois, como este remedio contribue tambem para a eliminação do acido urico, o seu mal foi pouco a pouco desapparecendo.**

Excellente, tambem, contra as dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas e rheumatismo; cólicas menstruaes, consequencias de noites em claro, excessos alcoolicos, etc.

*O analgesico por excellencia para as pessôas debeis, porque*

NÃO ATACA O CORAÇÃO NEM OS RINS.

# O conto brasileiro

## Uxoricida e filicida

É nomeado o major Flores administrador da Penitenciaria, em substituição a velho funccionario, ha poucos dias aposentado.

Ao entrar a vez primeira no edificio destinado aos criminosos, vê no pateo um homem bronzeado, robusto, sentinella á vista, algemado, acorrentado a um cepo de ferro, exposto ás inclemencias do sol, das chuvas, lançado ao rigor do clima.

Impressiona-se profundamente o novo administrador com a presença do preso naquelle logar. Impressiona-se e indaga de antigo funccionario do estabelecimento:

— Que é aquillo?

— Um "galés-perpetuo".

— Por que está alli?

— Porque assim o determinou o chefe de policia.

— Ha quanto tempo está elle alli?

— Ha dez annos.

— O chefe de policia que deu esta ordem já não está nas funcções do cargo.

— Não, senhor. Porém, continuamos a cumprir a ordem primitiva. Porque aquillo não é gente: aquillo é uma féra!

— Que barbaridade! Pobre homem!

— Seu major, não tenha pena delle, não; pois não merece compaixão de ninguem.

— Interessa-me saber a historia daquelle criminoso.

* * *

— Vae saber-lha.

Trata-se de Romão Jorge. Casado com linda mulher, a quem muito ama, desconfia que o juiz municipal da localidade lhe conquista a companheira.

Nunca tem prova da desconfiança, mas o ciume, misturado de amor e de odio, atormenta-o com viva dor. E soffre o homem a sua grande magua, quando nascem da esposa dois gemeos: um muito alvo, outro muito moreno.

Ao ver o gemeo de côr branca, transborda-lhe cega paixão; vê a extensibilidade da desgraça em toda a sua medonha nudeza, e, com a privação de todos os sentidos e por um momento alienado o juizo, estrangula a esposa, e estrangula-lhe o filho muito alvo. Em seguida, beija o recem-nascido de côr morena e parte em busca do juiz para se vingar. Este, porém, por felicidade sua, se acha em caminho da capital da então provincia nordestina.

Já é grande o escandalo clamoroso do povo. Resolve Romão Jorge entregar-se á prisão. Confessa o perpetrado e o que pretendêra perpetrar, affirmando não se suicidar por ter coragem bastante para espiar o seu crime.

O médo — que se apodera do juiz cobarde e do qual não consegue elle livrar-se com a preoccupação constante do perigo — fal-o algoz da propria victima, a quem persegue com deshumanidade.

Por influencia sua, é Romão Jorge condemnado a carcere perpetuo; e, por infamia, continúa ainda, com sentinella á vista, algemado, acorrentado áquelle cepo de ferro, exposto ás inclemencias do sol, das chuvas, e dormindo ao relento.

Quando a noite lhe permitte, estende o corpo na lage, encosta a cabeça no cepo e assim dorme como qualquer animal bravio; quando a noite é chuvosa, em movimento tropego anda o pobre homem em roda do cepo.

Ninguem se lhe aproxima. Por contagio mental, todos lhe têm aversão, todos lhe têm receio.

Alimenta-se dos restos dos outros presos. Não obstante acorrentado como féra, é alimentado qual porco na pocilga.

Nunca, em absoluto, reclama cousa alguma. Nunca se lhe ouve a minima queixa. Nunca diz nada. O seu silencio é de morte. A sua resignação é de um ascéta. Mesmo assim, de quando em quando, ainda o açoutam tesamente. Não sabe a razão do castigo aviltante, mas de modo algum procura sabel-a. Soffre com perseverança; curte calado. Já se não trata de um preso, senão de um martyr."

Flores, como leão que agitasse a juba, sacode a cabelleira negra; movido de indignação, contempla mais uma vez aquelle quadro terrivel, duro, e, impavido, ordena, com firmeza e energia:

— Fóra já aquellas algemas e aquella gargalheira...

— Seu major, pretende aconselhal-o a que não désse aquella ordem, mas o antigo funccionario não se dá a perceber.

— Prepare-se immediatamente um cubiculo isolado com catre e tudo mais que têm os cubiculos dos outros condemnados.

De tal maneira são dadas as ordens, que correm todos a cumpril-as. Emquanto vae alguem bus-

## O COMMENTARIO

*Á certos esforços nos Estados que merecem sempre menção especial pelo que representam como prova do espirito de tenacidade e do desejo de progresso da nossa gente. Longe da irradiação do Rio de Janeiro tudo é difficil, tudo é aspero, e certas realizações demandam uma fé, e um poder de vontade verdadeiramente notaveis.*

*Está neste caso a Escola Carlos Gomes, fundada no Ceará e com propriedade denominada Conservatorio de Musica do Norte. E' um estabelecimento unico no septentrião brasileiro, no qual se ensina a arte divina de Liszt, Wagner e Beethoven. Com elle o Ceará se apresenta um dos vanguardeiros de cultura musical no Brasil. A escola desenvolve-se sob a competente direcção dos maestros Edgard Nunes e Silva Novo, sendo este ultimo laureado com medalha de ouro pelo Instituto Nacional de Musica.*

*A Escola de Musica Carlos Gomes tem pouco mais de um anno de existencia e sua matricula já ascende a 114 alumnos.*

*Registrando a situação de franco progresso desse estabelecimento destinado a um bello futuro, fazemos votos para que em outras partes do Brasil se siga o exemplo do Ceará.*

# O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

car uma lima para livrar o preso dos ferros, das correntes enferrujadas, aproxima-se-lhe o administrador, bate-lhe no hombro e sauda-o:

— Bons dias, meu amigo!

Pasmam os empregados da Penitenciaria, pasma a força que guarda o edificio ante aquelle homem extraordinario, á vista do seu valor extremado, da sua e[illegible]cia inflexivel, do exemplo de c[illegible]mo que está dando.

E a sentinella, um policia pardaço, velho, boa praça, mas muito bronco, affirma a outro camarada, cheio de apprehensões, que só tem medo de duas cousas neste mundo de Nosso Senhor Jesus Christo: "de vacca braba, quando está chóca, e daquelle animal que está ali amarrado!"

Attonito, Romão Jorge crava os olhos esbugalhados e congestos no estranho personagem, abaixa a cabeça e não lhe corresponde. Ha dez annos, pessoa alguma lhe dirige a palavra com o fim de o saudar. Não se pode avaliar a impressão que lhe causára aquella prova de sentimentos do major Flores.

Insiste este em falar áquelle:

— Vae o senhor ficar livre desses ferros, vae ter o seu cubiculo, a sua cama para dormir; vae, emfim, ter outra vida.

E o preso, com a cabeça inclinada para o chão, emitte um monosyllabo imperceptivel, e dá de hombros. Aquillo não lhe causa móssa. Só acredita no absurdo, como Santo Agostinho.

Dahi a momentos se sente mais leve, e vae, ao lado do administrador, internar-se no cubiculo que lhe é destinado.

Entra. Como criança, examina, peça por peça, tudo o que está no pequenino quarto. Pouco a pouco vae desapparecendo a insensibilidade da sua alma, o semblante ficando menos carregado, vão as feições do rosto tornando-se mais doces; de contentamento brilham-lhe lagrimas que rolam pela face bronzeada. Minutos depois, observam todos a transformação immediata e completa da sua physionomia. Humana-se.

Assenta-se no meio do catre. Experimenta-o. Levanta-se. Aproxima-se do administrador. Dirige-lhe a palavra pela primeira vez:

— Obrigado.

E abaixando mais a voz, continúa:

— Póde deixar eu hoje descansar o resto do dia? Amanhã eu gostaria de trabalhar em qualquer cousa...

— Sim. Póde descansar durante oito dias. Ha de o senhor ficar muito fatigado depois do primeiro somno. Vá descansar. Nada receie, emquanto eu administrar este estabelecimento. Espero que saberá o senhor corresponder ao meu gesto.

— Obrigado. Prometto-o.

Dahi a pouco já não é a féra que ali entrara, nem é o homem, senão uma barra de chumbo estendida no catre. Dorme somno profundo, quietamente, serenamente, e assim todo o resto do dia, toda a noite, sem acordar nunca.

* * *

Nada se consegue saber si haveria alguma tara lombrosiana em

**FON-FON**

Revista Semanal Illustrada

Director:
SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso.
Thesoureiro: Cyro Machado.

Direcção, Redacção e Officinas: 62, Rua Republica do Perú, 62 (Antiga Assembléa)

Telephones — Director: C. 0377
Administração: C. 4136 — Endereço Teleg.: «Fon-Fon»

— Caixa Postal 97 —

RIO DE JANEIRO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

| | |
|---|---|
| Anno ........... | 45$000 |
| Semestre ........ | 25$000 |

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo:
EMPRESA AMERICANA DE PUBLICIDADE, LTDA.

Praça do Patriacha, 8 - sob.
Caixa do correio, 1431.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C., 9, Rua Tronchet, Paris. — 19, 21, 23, Ludgaste

Romão Jorge, muito embora correntes contrarias ás theorias de celebre criminalista neguem a inclinação innata para o bem ou para o mal, dependendo tudo do meio em que vive o homem. Nada hoje se poderia conseguir saber acerca do caso em causa, mas o certo é que aquelle preso em pouco tempo é o que tem mais apreço do administrador, dos subalternos deste, pelo comportamento exemplarissimo, pela dedicação ao trabalho, pelos seus bons habitos.

De longe em longe se observam em Romão Jorge phenomenos nervosos: ha no rosto laivos de chôro; os olhos estão congestos; evita, quanto possivel, trocar uma só palavra com outrem; apodera-se-lhe profunda tristeza.

Saudades da mulher amada? Odio ao algoz? Remorsos do crime praticado? Arrependimentos? Incertezas?

Talvez lhe passe ao mesmo tempo tudo isso nos pensares, mas é certo que a ninguém maltrata, a ninguem responde mal; unicamente não deseja que outrem se lhe approxime, exceptuando apenas o administrador, a quem tolera em semelhantes momentos, pelo muito que lhe deve. Dura, porém, poucos dias a crise nervosa.

Certa vez, mostra desejos de ter o filho moreno perto de si. Consegue o administrador fazer-lhe a vontade, e manda vir o menino, já com a edade de onze annos.

Matricula-o no Lyceu, com este nome: Antonio da Silva Moraes. Faz elle todo o curso de humanidades com distincções. Sob qualquer modo de se apreciarem as cousas, é o joven um talento peregrino.

Annos depois, e já não existe Romão Jorge, não obstante ser Antonio um homem de grande caracter, modesto, reconcentrado, acha quem delle tenha inveja, e venha, pelas columnas dos jornaes, injurial-o.

Quer saber-se o motivo por que fôra matriculado no Lyceu, dando o nome de Antonio da Silva Moraes, quando, annos após, resolve assignar-se Antonio Moraes Jorge. Só pessoas cuja probidade é duvidosa costumam trocar de nome como trocam de roupas! E fantasiam-se outras cousas mais em seu desabono.

Dá por bem se defender, explicando:

Tivera em menino o primeiro nome, em vista de haver sido criado no torrão natal por João da Silva Moraes. Depois de homem, porém, achou justo não se esquecer do progenitor, que por elle muito se interessara, e abraçou, então, o novo nome, em homenagem ao adoptivo e ao verdadeiro pae.

E' justamente o que deseja relembrar o invejoso: para soffrimento do pobre filho trazer á tona o crime de Romão Jorge, ao mesmo tempo uxoricida e filicida.

HERMINO LYRA.

# A Dama Solitaria

**De RALPH STOCK**

(Continuação)

PARA mrs. Strode, remando alegremente na prôa, mettida num traje masculino completo de banho envolvida num roupão, o mundo era bello nessa manhã e cheio de promessas. Por que era preciso sempre fazer alguma cousa mais do que vogar sobre as ondas, com um vento frio a açoutar as faces e o rugido de resaca do abysmo melodioso estendido pelo universo, adormecendo receios como um soporifico? "E' isto a vida" — disse comsigo mesma, exultando — o resto.... uma lamentavel pretensão.

Parecia-lhe tudo um sonho, desde o desabrochar alegre da natureza ao movimento cadenciado dos remos que faziam deslizar a canôa como por encanto pela estreita passagem, diante da qual abria-se o oceano. Foi ahi que, sem se deter, a canôa, voltando sobre a propria correnteza e levantando um grande volume d'agua, se rompeu de encontro ao rochedo. Foi um deslisar rapido como um vôo através d oespaço, e a canôa, levada numa cascata de espuma, lançou-se nas aguas tranquillas da Lagôa.

Mrs. Strode saltára nos recifes de Luana.

— E esta! — exclamou ella.

Amava, porém, sobretudo, os logares ermos, os rochedos impenetraveis, as lagôas isentas das rumorosas resacas e os sitios de ilhotas de coral, as abobadas e as cavernas. Era possivel ahi mergulhar-se num mundo desconhecido. E, então, ella, com as mãos de Felicia presas ás suas, exploraria os mysteriosos labyrinthos até onde fôsse bastante o ar para a respiração. Viriam depois as pausas, os descansos, em que se inclinariam á borda das aguas, mergulhando o olhar na fresca e verde profundidade do mar.... com suas algas moventes e o arco-iris das côres dos seus peixes.

*"Why plan and strive and plan again*
*While all things earthly pall?*
*What goal at last will you attain?*
*Come down and end it all."*

cantou mrs. Strode numa voz grave de contralto, e Felicia não a interrompeu.

Mas, subitamente, a dama solitaria tornou-se silenciosa.

"Eu me admirarei, — considerou ella — olhando ainda para baixo com uma estranha fixidez; — eu me admirarei muito se elle vier a fazer qualquer cousa...

E Felicia se admiraria tambem. Era uma fraqueza de ambas.

CERCA das duas horas daquelle dia, John Strode notou uma differença qualquer. Nunca houve meios de collocar-se ella — um elemento vagamente perturbador, se quizerem — de permeio em sua vida preoccupada de sempre. Sua "toca" estava aquecida. Não era dahi que lhe vinha então. Procurou dominar a irritação que já o assaltava; não o conseguiu. Esforçou-se para arremessal-a longe; ella tornava, porém, com uma persistencia enlouquecedora. Afinal, depois de uma suprema tentativa, de um momento de forte concentração, voltou-se abruptamente em sua cadeira movel, levantou-se e atravessou o quarto, pondo-se a olhar pela porta aberta com uma grande expressão de cansaço. Uma nuvem de patos selvagens salpicava o azul intenso do céo, baixando aqui e alli, tombando agora e outra vez mais como pedras sobre as presas. O mar rasgado pela fita branca dos rochedos, erguia-se e tombava como a espreguiçar-se no seu sorano. O sol eterno brilhava acolá. Claro estava que não entrava na agitação que assaltára influencia alguma de perturbações exteriores.

Strode voltou da porta com as sobrancelhas franzidas de uma desconcertante contrariedade.

Então, as menores realidades da vida começaram a desfilar uma a uma, indolentemente, em sua consciencia. Lançou, de repente, um olhar ao relogio. Estava parado, porque se tinha esquecido de dar-lhe corda. Sentia fome. Por que? Talvez porque não tivesse comido.... Não seria, por acaso hora de almoço?... do *lunch*? Já a tarde vinha chegando... Estranho! Resmungou, abrindo num arremesso a porta do beliche e indo para a coberta.

A serie de pensamentos tinha sido dispersada pela fome, era o que sentia mrs. Strode. Elle prestava, agora, attenção ao effeito curioso do accidente sobre si mesmo. Parecia-lhe, quando vagava pelo convez, que voltava de uma longa viagem. Algumas cousas lhe pareceram familiares, ainda que singularmente novas; sentiu que outras lhe faltavam; mas seu espirito recusou-se a supprir a deficiencia. No salão preparou um *brandy-and-soda*.

— Irei ficar embriagado? — rosnou entre dentes irritado. — Foi mais do que eu pensava.

Subitamente viu o seu rosto no espelho e admirou-se. Aproximou-se para examinal-o melhor. Notou, então, umas olheiras profundas que lhe accentuavam o brilho desusado dos olhos; as faces cavadas e a barba desgraciosamente crescida. Ergueu os braços apertando ambas as mãos sobre a cabeça até estalarem as juntas com a costumada tensão, e quando o fazia, viu reflectir-se no espelho uma lampada com um clarão vindo do angulo afastado do salão, ás suas costas: era um velador com um quebra-luz de sêda, tendo junto uma guitarra e uma cadeira de braços vazia.

O pequeno quadro transmittiu a Strode a mesma penosa impressão de privação de qualquer cousa. Ergueu-se e percorreu a salão. Pendurado a um dos braços da cadeira, estava uma de suas sandalias, com uma agulha de serzir pregada ao pello. Elle a apanhou e examinando-a mecanicamente, deixou-a depois com um riso breve, porque ella lhe dissera o que faltava a bordo do *Ajax*. Como não lhe occorrera ainda tal cousa, não deixava de ser engraçado. Tocou a campainha.

— "Parks — perguntou ao individuo assustado que appareceu á entrada da porta negligentemente alinhado em sua rapida *toilette* — onde está mistress Strode?

— Mrs. Strode sahiu cêdo, sir.

— Deixou algum bilhete?

— Não, sir.

# A DAMA SOLITARIA

*(Continuação)*

— Mas você não sabe para onde foi?

— Aos rochedos, creio, sir, para um pic-nic.

— Sozinha?

— Com uma nativa, sir.

Strode olhou em torno com uma expressão de vaga admiração.

— Que, Parks! ?

— Sim, sir.

— Por que não almocei ou fiz *lunch* ainda?

— Temos ordens severas de não chamar para não incommodal-o, sir.

— Sim, é isto então, — considerou Strode.

— Diga-me agora, — acrescentou com estranha vehemencia — como chego sempre a conseguir alguma cousa para comer?

— Mrs. Strode vae buscal-o, sir.

— Oh! — Strode parecia ponderar sobre o caso.

— Bem, traga-me qualquer cousa para comer; estou embaraçado na escolha; frio com salada, por exemplo.

Sim, sir.

Parks retirou-se, despertando o cozinheiro de sua habitual e rumorosa sésta com uma pancada significativa na testa para receber as ordens. O cozinheiro agitou-se.

Strode participou nesse dia de todas as complicações de uma refeição de frango frio. E ao fazel-a, considerou: Então elle "conduzido" para comer... "conduzido", elle?

A palavra chocara-o de algum modo; desapprovava-a. Era antes de tudo vergonhoso, pois não era? Quanto tempo já duraria isto?! — admirou-se elle. "Que delicada especie de occupação para Stella, essa, na verdade! Que fez ella assim de si mesma nesses dias passados ou nesses mezes?" Não tinha uma precisa lembrança da presença da esposa; parecia recordar-se de sua figura ás refeições, daquella figura graciosa afastada na ponta da mesa; silenciosa, nunca importuna, trazendo ainda um subtil ar de sympathia para todos os seus sonhos e abstracções. Curioso é que ella fôra sempre assim, sem uma unica palavra de revolta. E o maior aggravante estava na necessidade que tinha della naquelle momento precisamente para trocar idéas a respeito dos seus trabalhos. Reconhecia agora que uma vez ou outra precisava o individuo do silencio que é assim uma especie de atrophia. Mas hoje, todos os dias, por todo o tempo, a sua vida deve ser representada por tres pessôas. "Não é por habito estouvada. Não iria vagar á tôa por sitios afastados, quando sabe que fiquei sem o meu almoço e sem o meu *lunch*..."

Uma hora mais tarde, Strode passeiava no convéz mal occultando uma grande impaciencia. Não tinha por costume deixar dominar-se assim por o quer que fosse, mas, no momento presente, era presa de um desordenado e inconcebivel desejo de deitar os olhos sobre a esposa.

NO chá da tarde, servido pelo implacavel Parks, experimentou um terrivel máo estar, e pelas cinco horas que se seguiram a impaciencia deu logar a uma idéa insensata e não menos aguda ansiedade.

Sahiu á procura da esposa. Seria uma agradavel surpresa. Pediu um barco e partiu em demanda dos recifes. Além disso, estava apenas a meia milha de distancia, e Stella deveria encontrar-se por ali, nalgum recanto do rochedo...

A embarcação sulcava velozmente as aguas como um barco encantado. O poente, era um poente de sonhos, com ilhas perola e cinza fluctuando no amethysta do céo. A brisa da tarde, uma suave caricia, — mas de Stella, nem signal! Era de estranhar! Gritou, então, com toda a força dos pulmões sem deter os remos. E de longe chegou-lhe um pequeno grito em resposta. O coração saltou-lhe no peito ridiculamente.

"Que se passava dentro delle? Não sabia; não lhe importava saber; encontrára Stella!

Ella estava deitada junto a um rochedo com a "ojen nativa" de Parks, e enviou-lhe uma grande exclamação de surpresa como se o visse chocar-se com o barco de encontro aos recifes.

— Meu caro John! — exclamou — que aconteceu? Ha fogo a bordo?

Era uma desagradavel recepção com que não contava. Sentou-se um tanto bruscamente, procurando tomar folego. Impressionou-o, de algum modo, uma lamentavel e corpulenta figura humana, alli, junto á figura delicada de sylphide da esposa. Estava isto de accordo, aliás, com todas as estranhas experiencias desse dia em que lhe parecia vêr pela primeira vez a mulher.

— Não; absolutamente. — Sustentou com difficuldade. — Mas não vês que o tempo corre?

— Que tempo? — motejou mrs. Strode com olhos buliçosos. — Que temos nós com o tempo?

E, collocando as mãos de Felicia entre as suas:

— Talvez não saiba que se casou com uma sereia. "Veja, ó Calibans! que fomos quasi descobertas!"

E os dois corpos resvalaram para dentro d'agua tão silenciosamente como peixes.

A agitação do mar produziu largos circulos que se foram alargando cada vez mais.

Ao fim talvez de meio minuto, que a Strode pareceu mais de meia hora, elle foi até a extremidade da lagôa e observou-lhe a profundidade. Nada havia; nada mais do que um abysmo verde pallido fanjado da algas balouçantes.

Stella fôra sempre intrepida diante da agua; elle sabia... Em todo o caso desejava que não se entregasse mais a esta sorte de exercicio. Era incommodo, e elle não gostava de se incommodar.

UM minuto devia se ter passado, e um minuto era muito tempo para elle, um longo tempo. Não era agradavel. Pensou, então, em mergulhar os pés... e entrou até os joelhos, pondo-se a observar um peixe diminuto, malhado como uma zebra, que sahia de uma abertura no coral e gyrava como uma borboleta marinha na agua transparente. Qualquer cousa passou roçando... Que exquisito! Alguma brincadeira? Sei-o-ia? Stella deveria mesmo estar por ali... Mas, de repente, um pensamento assaltou o espirito de Strode, fazendo-lhe parar bruscamente o coração. E se... Mas era um absurdo! Ella seria a primeira a motejar de seus receios depois... mas o que não seria depois... se agora, emquanto estava a olhar para o fundo das aguas como um pateta... Neste momento o seu cerebro estava cheio de horriveis possibilidades. Não podia supportar mais... nem por tres minutos, esse estado de cousas! sim... não podia; era de todo impossivel! Ah!... Uma sombra appareceu acolá e atirou-se á superficie azulada do mar como um meteoro. E pouco depois tudo se explicou: um simples movimento de cabeça mostrou a Strode uns olhos espantados e medrosos... Era a nativa sozinha... Strode estremeceu; o golpe ferira-o em cheio. Inclinou a cabeça e ali deixou-se ficar sem forças. Depois, sem uma palavra, sem um olhar em torno, mergulhou. Mas como um mergulho para elle resultasse num insuccesso porque não sabia absolutamente nadar, só alguns minutos mais tarde foi retirado da agua, e muitos minutos decorreram para que abrisse os olhos.

## A DAMA SOLITARIA

(Conclusão)

O mais espantoso de tudo para Felicia foi a disposição de amirto em que icou a dama solitaria. Com a cabeça de Bunny no regaço e depois de ter-se certificado de que nada mais soffrera do que o forte abalo necessario, voltou-se para ella, como uma leôa, e esbravejou:

— Vae-te embora, pequena odiosa!

E Felicia se foi. "Que queria dizer aquillo?" Remando em seu barco de volta á casa, ella procura deslindar o mysterio. A dama solitaria tinha dito: "...muito me admirarei se elle fizer uma qualquer cousa..."

Muito bem, ella, Felicia, tomára apenas o incommodo de indicar-lhe um meio simples de occultar-se numa gruta afastada, e voltára para vêr o resultado. Não era por acaso satisfactorio o que acabava de acontecer? Haveria algum dia explicação para ella dos habitos desses povos estranhos?

Felicia de Luana, não obstante, nada receia. E em casos de damas solitarias resolve nunca mais aventurar-se.

**

---

# NUMA NOITE DE CHUVA...

Chovia.

Chovera hontem e hoje o dia inteiro, chove agora e ainda por muito tempo choverá.

Era uma chuva fina, seguida, impertinente; uma chuva a que chamam de mulher.

Fazia frio, frio genuinamente carioca.

* * *

— Que chuva intoleravel! — exclamou Alfredo, detendo-se no meio da sala. — A volúpia do ocio; os charutos; os bons livros; a temperatura deliciosamente morna desta sala, lá fóra, dos infelizes que patinham nas pôças dagua; a dança futurista dos guardas-chuva pelas calçadas e pelo asphalto molhado, o chiar farto dos automoveis já me enervam. Não sei como um poeta de bom humor possa cantar a chuva!...

Roberto espreguiçou-se na "maple", metteu as mãos nos bolsos do chambre e disse, bocejando:

— Ora, poetas... Os melhores versos á chuva são feitos quando a secca devasta.

— Quer dizer você que não ha sinceridade nos poetas?...

Roberto não respondeu nada, ou por outra, respondeu tudo por um gesto em que mostrava não estar para conversas.

Alfredo, que queria fazer alguma cousa, quando nada falar, foi novamente á janella, acompanhou dahi, com os olhos, um par de namorados, que, esquecido á chuva, passeava, puxou um cigarro e aventurou:

— Os medicos prohibiram-me o fumo, mas não posso deixar de fumar.

Roberto mexeu-se novamente na poltrona e rosnou:

— Os medicos...

— Os medicos, sim. A medicina amor do officio: cinco modistas e está adiantadissima. Basta dizer...

Roberto suspendeu-lhe a palavra segurando numa revista e folheando-a.

Alfredo conteve-se, contrariado, e continuou a passear dum lado para o outro.

Pensava em sahir, mas andar ao léo, á chuva, era de máo gosto, como lhe não agradaria ver nos theatros as eternas fachuchadas. Ao cinema, já os correra todos. Ficar em casa, porém, sem ao menos ter com quem palestrar, era horrivel, impossivel! mesmo.

Mas por que Roberto, hoje, não queria conversar? Negar mesmo? Elle nunca na vida concordara... Seria o silencio um modo de o contrariar?...

Não. Havia uma causa.

E essa causa não lhe foi difficil encontrar.

* * *

Roberto passava pelos trinta e dois annos de homem que desde os treze tinha a burra do avô e a porta de casa abertas.

Com a morte do grande pae, viu-se com cinco mil contos e sozinho.

Ficou louco depois que enxugou a ultima lagrima pelo morto querido.

Amou onze bailarinas, levando-lhe uma dellas, com uma formidavel pneumonia, oitenta contos e cumprimentos de todas as respeitaveis vizinhas; seis manicuras, que só não lhe arrancaram as unhas pelo duas dalilas.

Todos os amores foram eguaes — como si os houvesse differentes!

Um dia, em beijando a bocca duma viuva, sentiu-se enfastiado, teve vontade de experimentar uma cousa differente de tudo.

Viu a vizinha, uma recatada mocinha de quatorze annos, que só conhecia o amor pela bocca das amigas, e disse-lhe um dia que a amava.

A pequena gostou da declaração, mas a familia...

— Que?... Aquelle piratão?...

* * *

A causa do silencio era a vizinha — era o amor.

Alfredo, antegozando bôa discussão, troçou:

— O amor... o amor!... Quem havia de dizer ainda que o Roberto suspiraria de amores?

Roberto tirou um cigarro do bolso, accendeu-o e respondeu laconico:

— E' verdade.

Alfredo desesperou-se. Estava tudo consummado. Enfiou o capote e sahiu sem destino, com o firme proposito de ir mesmo até o diabo, caso fosse possivel.

ODYR DO COUTTO

ARLETTE (S. Paulo) — Aqui está a sua cartinha, com o respectivo pedido de graphologia:

"Illmo. Sr. Yves — Saudações. —Não fosse a certeza das gentilezas e bondade com que attende aos seus consulentes, certamente não ousaria importunal-o.

Assim é que ouso pedir-lhe o favor de um meu estudo graphologico.

Julgo que nestas simples linhas que lhe dirijo, exponho ao seu exame a minha letra, aliaz tão feia e incerta.

Na resposta, rogo-lhe dirigir-se a "Arlette".

Terminando, peço-lhe que receba não só os meus effusivos agradecimentos, mas tambem o meu sincero preito de admiração pela emotiva e agradavel leitura que me proporcionou o "Suave enlevo"..."

Attendendo ao interesse com que me pede o estudo de sua letra, devo declarar que ella não revela bôas coisas.

Antes de tudo: V. Ex. é muito inclinada á mentira. A sua vontade é incerta, vacillante, mas prepotente. Nervosa, irrequieta, complicada, não é uma criatura que precise bem o que deseja. E' pretenciosa, fatua, preguiçosa e mediocre de espirito. Teimosa, difficilmente cede á opinião alheia, em detrimento da sua. Esta é que deve prevalecer. E' muito vaidosa, mas reservada. Não deposita confiança em ninguem. Vive a luctar com os proprios desejos e as proprias emoções. E' fria, pouco expansiva, e não é capaz de affeições fortes e firmes.

Apparentemente, é uma criatura de physico indolente e desencorajado; mas interiormente e de uma grande vibração. Em summa são escassas, escassissimas as qualidades bôas que lhe possam ser apontadas. Ultimo detalhe: é egoista, desse egoismo material.

Por tudo isso, não creio que seja sincera quando se refere ao meu livro, suppondo que modifique o resultado do meu estudo sobre a sua graphia.

AVIO BRASIL (Bahia) — A sua chroniqueta está um pouco banal. Falta-lhe uma certa graça, para tratar de assumptos frivolos, sem cahir na frivolidade. O difficil está nessa particularidade. No emtanto, vou arranjar um recanto de pagina para o sr. Quero com isso provar que o sr. me cahiu na sympathia — justamente porque não me elogiou hypocritamente.

Muito bem.

D'ARGONTHIER (S. Paulo) — Meu caro confrade. A minha bôa vontade em attender o seu pedido, não encontrou uma justificativa para aquelle seu estylo encaroçado, uma carta intima, em que se deixa o coração falar, no desafogo da sua dôr, do seu desespero ou na vibração da sua felicidade risonha.

Escrever! Como é difficil traduzir, com elegancia e belleza, o flagrante dos nossos pensamentos e das nossas vibrações interiores!

O sr. expoz as suas idéas, é verdade, baseado, talvez no conceito hugoano: "Il est permis même au plus faible d'avoir une bonne intention et de la dire"... Está bem. Todos nós temos esse direito. Mas é que em literatura ha o pudor do espirito. Expôr mal, sem elegancia, sem graça e sem belleza é um crime. E foi talvez por ter assim interpretado a arte de escrever que Oscar Wilde defendia a these de que não havia livros immoraes: havia livros bem ou mal feitos.

Não se precipite: ha de vir época em que o sr. produza lindas paginas literarias.

AGENOR DE SOUZA (Capital) — O seu soneto "Cascata" deverá apparecer brevemente.

MANOEL MOREYRA (S. Paulo) — A sua fantasia será publicada.

MARGARIDA SILVA (Capital) — Uma vez que V. Ex. pede a minha opinião sincera, sobre a sua tentativa poetica, accentuando que pretendia offerecer as suas quadras a alguns amiguinhos seus, devo declarar que suspenda esse offerecimento, quanto antes, afim de que elles, os seus amiguinhos, não riam da sua musa desastrada... quer dizer, mas aque commette desastres poeticos...

Quanto á graphologia não é possivel. Primeiro, porque V. Ex. tem uma alma complicada; depois porque não observou um indispensavel requisito: o seu nome verdadeiro. Nenhum graphologo criterioso fará o estudo de sua graphia, sem se basear na sua assignatura authentica, considerada, em graphologia, a reveladora da synthese psychologica. Ella é a nossa bussola, a nossa estrella dos Reis Magos, o nosso ponto de mira do atirador, o calcanhar de Achilles... dos outros, o barometro da alma. Em summa, a assinagtura, quando verdadeira, é a base do graphologo.

Agora um detalhe: V. Ex. escreveu: "expor-me á ridiculo". Por que esse a craseado?

L'OMBRA (Capital) — Li o seu postal, num motivo sentimental: um par de namorados, num recanto de floresta. Elle, meio curvado diz-lhe uma phrase doce, que resuma um projecto de amor.

Exemplo: elle dirá:

— Vamos, decide-te! Construiremos um lar... onde o nosso amor se possa expandir... abrir as azas e vôar, liberto de convenções...

Indecisa, meio enlevada com as palavras que ouve, ella parece dizer:

— Vou pensar... Depois, veremos o rumo que tomará o nosso amor.

E elle:

— Oh! Esperar! Lembre-se de que "tou lasse, tout casse, tout passe.."

No emtanto, eis o que V. Ex. me escreve, numa salada italo-brasileira: "Yves — Chi dice troppo si perde; chi voul sopere, soffre. Si come il viso si mostrasse il cuore..." O resto não interessa.

Li e reli tudo isso, e fiquei como Œdipo, deante da Esphynge, antes de decifrar o enigma. Não, mile (ou madame?) não tenho paciencia para decifrar charadas. Eu amo as coisas ás claras, porque, ás escuras, não é difficil a gente tropeçar e cahir... n'um poço...

NIT (S. Paulo) — Eil-a, a sua carta lilaz. Envolve-a uma onda de perfume, que a embalsama e exhala neste ambiente de sala de redacção. E' um magnifico perfume. E' uma carta que é um motivo de encanto para mim.

Apavora-me, no emtanto, a sua letra de quem sabe dissimular as suas secretas emoções até a hypocrisia.

Que horror!

Si é verdade a historia do "ponto côr de rosa", eu o espero com absoluto interesse.

ALTINO SOUZA (Capital) — Os seus versos estão concebidos e realizados com a ordem, o acerto e a meticulosidade de um trabalho de relojoeiro. Todas as peças juntas, certinhas, correctas, mechanicamente ajustadas, azeitadas (oh! o sr. é um excellente azeitador!). Mas no meio de tudo isso, não ha uma nota vibrante, uma imagem nova, uma idéa plenamente, vivida, original. E' tudo frio, monotono, regular como o tic-tac de um relogio, cuja corda se esgóta ao fim das 24 horas regulamentares, sem nos produzir uma emoção que

sua agite os nervos e sacada a alma.

Eis porque voto contra a sua "A' Morte", mesmo que o sr., com esse motivo tragico, persista na idéa de querer "morrer" e "enterrar-se" no cemiterio da cesta...

Mas fóra de brincadeira: quando digo que o sr. faz tudo certinho, correcto, justo, etc., faço uma bôa pilheria. E' só para lhe dar a illusão de que o sr., realmente é um bom poeta. O sr., sem duvida, teve esse susto... de alegria... poetica. Mas desde que lhe asseverei ter o sr. escripto uma poesia de "pé quebrado, certamente terá um susto... de tristeza... poetica.

Que diabo! Já que os srs. poetas se divertem em nos dar o que fazer com as suas drógas literarias, é justo que tambem nos divirtamos com essas "blagues" innocentes.

E agora, até sabbado.

PRINCEZINHA (Capital) — Para se obter um estudo graphologico, é necessario escrever mais de vinte linhas, em estado de repouso absoluto, sentado em posição natural, e sobre papel de linho (liso). E' indispensavel a assignatura authentica, e não simulada, pois o graphologo, na maioria dos casos, descobre o embuste.

Como V. Ex. não preencheu nenhuma dessas formalidades, não conseguirá, desta vez, o seu promptuario graphologico.

CIRENIA SILVA (Capital) — Si se trata de pessôas de sexo differente, esse sentimento, que lhe parece tão estranho, tem um nome que a conveniencia silencia.

O mais é hypocrisia; é querer mascarar com euphemismos uma coisa que tem uma physionomia typica, e sobre a qual não é possivel estabelecer confusões.

Particularizando a questão (embora essa revelação vá extra-programma, valha por um hors-d'œuvre) ouso affirmar que só os sinceros são capazes de encontrar embaraço para definir o que seja "uma adoração ferozmente egoista."

Ha tanta superioridade em se dizer abertamente: "Eu digo que amo porque o amor sublima e dignifica", como ha inferioridade em se pretender simular esse amor, em obediencia a certos subalternos interesses.

Era com essa franqueza que queria que lhe falasse, e fizesse projectar sobre o seu espirito de escol as "minhas luzes" (!)?

NUAGE BLANCHE (Pará) — Antes de tudo, queira acceitar a expressão sincera das minhas condolencias, pelo fallecimento desse grande culto, que era o seu parente. Commoveu-me a grande pie-

# SAIBAM TODOS...

*(Continuação)*

dade com que traçou o necrologio do illustre paraense, cuja vida foi um exemplo de fortaleza de animo e de serena resignação, em face dos amargos determinismos da vida. Não chego ao extremo dos muçulmanos, apegados ao fatalismo, e para os quaes "tudo tem que acontecer porque está escripto". Mas acredito que ha uma força sobrenatural, contra a qual a nossa fatuidade nada pode.

Os scepticos, os positivistas, os negativistas, em summa, os anti-fatalistas argumentam que, para se admittir o effeito como sendo uma manifestação de inevitavel fatalismo, teremos tambem que admittir a causalidade desse effeito como sendo outra manifestação do mesmo fatalismo. E assim cahiremos num circulo vicioso.

Ora, eu não investigo, nem discuto si a causalidade é ou não é obra do fatalismo. (Ha muita coisa entre o céo e a terra que a razão não explica, ensina Shakespeare. Por que é que a terra gira em torno ao sol, e não é este que gira em torno a terra? Explique-se o "porquê"...)

Mas voltando ás nossas considerações philosophicas. Não quero saber si a causa e o effeito são obras do fatalismo. O que é preciso admittir é que ha uma força sobrenatural pairando sobre o destino dos homens e das coisas.

Talvez eu esteja errado. E' possivel que nesse fecundo dominio da philosophia, só tenha escripto tolices. Consola-me a certeza de que, muitos outros, antes de mim, já escreveram tolices identicas — ou maiores.

Quanto á pontualidade ou falta de pontualidade, da nossa correspondencia, ella se explica facilmente. E' que, apesar do seu espirito legitimamente literario, nem por isso prescinde de um certo tom de intimidade, que é uma especie de "flirt" mental (oh! os "flirts" mentaes!) e, consequentemente, as suas missivas e as minhas respostas, estariam fóra do programma desta secção. O publico teria o direito de reclamar: "Mas, afinal, que têm os leitores com os casos intimos, ou litero-sentimentaes, dessa "Nuage Blanche" e desse "Yves de tal"? E teria razão.

De resto, com a vida afanosa e exhaustiva que tenho, de escrever continuamente, de responder cartas literarias, na sua maioria femininas, já exgotei a minha sensibilidade.

De sorte, que já não me enthusiasma a perspectiva de corresponder-me, n'um estylo mais ou menos alambicado, com uma consulente, que pode ser uma Eva, mas tambem pode ser um Adão, sob o disfarce de uma Eva. E não sinto esse enthusiasmo, justamente porque essa natureza de correspondencia é commum, nesta secção. Pode parecer pretensão: mas direi tambem que os proprios telephonemas, de leitoras mais ou menos insipidas e pauperrimas de espirito, tambem não me impressionam. Pelo contrario, muitas vezes desolam. E tanto é assim que dou um doce á leitora que ainda me colher n'um "trote" desalentador.

GAUCHINHA (S. Paulo) — Aqui está a sua cartinha, de menina do grupo escolar, e que escreve num cursivo titubeante, de quem espera levar "zero".

Li, attenciosamente, os seus queixumes e tomei nota do titulo que me deu — de amiguinho — amiguinho seu (!) — na esperança de que, si algum dia me encontrar aqui, na Avenida, ou ahi pelo Triangulo, não me voltará o rosto, com um muchôcho — si por "acaso" o "Acaso" "casualmente" nos permittir a "casualidade" de um encontro "casual", de que resulte um "caso" que só nos "cause" um grande enthusiasmo, afim de que um de nós possa dizer: "Eu caso!"

Aqui vão, em doses homeopathicas, as respostas que lhe devo:

1º. — Gosto muito das gauchas; excepto uma que é a expoente da delicadeza... pelo avesso.

Essa gaucha é de uma grande evidencia; 2º. — A sua cartinha, apesar de infantil, denota que V. Ex. é muito intelligente. E si é certo que os seus dezeseis annos não são duplos, é claro que ainda é uma criança; e, destarte, está em condições de progredir e preparar o seu espirito, uma vez que provou ser uma auto-didacta; 3º. — Para ser franco, não encontrei

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Peru',

Caixa Postal 97 — Telephone

Central 4136.

FON-FON — 3-8-929

Data da consulta ...........................

.................................................

Nome do consultante ......................

# SAIBAM TODOS...

*(Conclusão)*

erros na sua missiva. E' uma carta de menina sabida demais, para quem só tem dezeseis annos. E como só a Natureza é que é responsavel pela intelligencia de uma joven de dezeseis annos, (ha muitas que, aos 32, não possuem um millimetro della) louvemos a Mãe-Natura, pela concessão que lhe fez...

Faço votos par aque engorde muito, de modo que a sua cintura attinja a um metro de circumferencia e V. Ex. possa calçar, folgadamente, um lindo sapatinho nº. 44...

FREIRINHA (S. Paulo) — Ah, isto sim. Agrada-me essa perspectiva. V. Ex. diz: "Ora, não precisarei nada disso". Muito bem: Gosto das paulistas porque são decididas. Quero convencer-me, não segundo o conceito francez, de que se serviu, mas de perto.

Sou como S. Thomé: gosto de vêr e pegar para crêr.

Quanto ao telephonema, é claro que não vou exigir esse prejuizo de alguns mil réis, para V. Ex. Mas não é a primeira paulista que me telephonará de S. Paulo... Isso eu lh'o juro.

Gostei do seu perfume. E' excellente. Dize-me o perfume que usas e eu te direi quem és. Uma senhorita que usa essencia de rosa, de jasmim ou de cravo, é uma criatura vulgar como uma folha de papel...

F. JUNIOR (Bahia) — Ora viva! O senhor faz votos para que eu esteja de bom humor. O meu bom humor quem o estraga são os leitores. Desde que não me façam ataques injustos, quando não os posso attender, é claro que o meu bom humor se conserva magnifico.

Escreve o senhor — de um modo que é sincero, sem aggredir, e amavel sem me elogiar. Sabe que o elogio (hypocrita) para mim, como o trote telephonico?

Eis a sua missiva:

"Yves — Assiduo leitor do FON-FON, e especialmente das secções Saibam Todos, Evanidades e Trapaças, maximé da primeira, que tão bem V. dirige, venho pedir-lhe que faça o estudo da minha letra.

Conscio de ter preenchido as formalidades exigidas para tal fim, penso não me dirá: eu não sou graphologo. Não por ser assiduo leitor, coisa que, eu sei bem, não é lá credencial, porque todo o mundo diz sel-o. Nem tão pouco por gostar de sua secção: muitos apparentam isso, mas que, ao não serem attendidos, lhe atiram pedras... que lhe não attingem.

Praza aos céos que esta missiva lhe encontre bem humorado e, tambem, que lhe não cause mau humor.

E' desnecessario dizer-lhe que não me molestará um resultado desfavoravel... eu não sou boneco.

Por cá, na Bahia, como bem sabe, o meio litterario não é tão vasto quanto o do Rio. As bôas revistas nos faltam; ha tentativas de revistas; as bôas, oh! céos! temol-as dahi.

Para a resposta queira usar do pseudonymo — F. Junior.

Do admirador agradecido."

Muito bem. Lá vae a sua graphologia.

O senhor não é um homem de bom gosto. E' pouco espiritual e muito material. Egoista, é dos que tratam de si, sem, no emtanto, sacrificar os demais. E' violento, voluntarioso e fulminante. E' de poucas palavras: espirito synthetico. Um pouco fatuo, sob a apparencia da simplicidade. E' resoluto, decidido. Methodico, ordenado, gosta das coisas rectas e é incapaz de certos deslises na sua conducta. Combate com vigor quando se trata de defender as suas opiniões. As suas idéas são claras. O senhor não é homem de meias palavras. Não é nervoso, no sentido pathologico em que essa palavra deve ser tomada: é nervoso por ser um vibratil, um agitado, um impulsivo.

E' só.

A. S. (Estado do Rio) — Qualquer livro didactico, que o sr. procure, encontrará na Livraria Francisco Alves, á rua do Ouvidor, 166.

YVES.

# O Menino Perdido

O homem era alto, robusto, com a cara atravessada por uma longa cicatriz. Chamavam-no o *Torto*. Não se lhe conhecia outro nome desde que sahira do hospital e depois do carcere, com um olho de menos e uma condemnação a mais: uma punhalada que vibrara em um rival, num caminho deserto...

Era uma dessas tristes noites de inverno. O *Torto*, que caminhava arrimado ás paredes, parou de repente ao ouvir atrás delle uns passos bem conhecidos: os dos policias.

Occultou-se detrás de uma arvore, para deixal-os passar. Temia que o reconhecessem e o levassem preso.

Mas, emquanto continha a respiração, sentiu em seus pés alguma cousa que se movia. Inclinou-se, estendendo as mãos.

— Que é isso? — exclamou, dando com os olhos numa especie de embrulho. — Bandidos! Deixar uma criancinha assim, para que morra de frio!

Levantou-a para olhar como era, mas a neve e a escuridão não o deixaram ver bem. O melhor era entregal-a á primeira pessoa que passasse.

Cobriu o menino com sua capa, e voltou sobre seus passos, chegando á sua casa sem ter encontrado ninguem. Paciencia!

Uma vez em seu aposento, accendeu uma vela e viu sahir, dentre os farrapos, uma carinha amarrotada. O pequeno corpo não mediria mais de tres palmos.

— Bandidos! — repetiu o *Torto*, envolvendo o pequeno no lençol de sua cama e deitando-o ao seu lado, muito aborrecido ao verificar em que se havia mettido. Que ia fazer com aquelle menino?

De repente se lembrou da velha vizinha que, em outras occasiões, lhe servira tambem. Encaminhou-se para a porta, quando o menino abriu seus olhinhos azues e gritou:

Mamã! Mamã!

Voltou-se o *Torto*, e murmurou:

— Ainda chamas essa desalmada? Fica quieto.

Calou-se a criança. Mas havia em seu olhar uma tão triste exprobação, que o homem sentiu um remorso e não se moveu.

O menino, confortado com o calorzinho, começava a ter confiança, e o *Torto* lhe deu um pedaço de pão. Mas este era muito duro para seus dentinhos, e o garoto começou a chorar de novo.

Então o *Torto* desceu, correndo, á casa de pasto. Mandou lavar e encher de leite uma garrafa. Os poucos freguezes do estabelecimento ficaram espantados ao ver aquillo. Leite, quando o *Torto* não comprava sinão vinho ou aguardente!

De regresso, o homem fez fogo no fogão e poz o leite a esquentar em uma caçarola.

Depois tomou o menino nos braços. Como estava magrinho. A chamma parecia atravessar o delicado corpinho, dando-lhe um tom roseo.

Quando o leite tinha fervido, *Torto* poz em uma chicara o pão cortados em pedaços pequenos, e começou a alimentar o pequeno faminto, que abria desmesuradamente a bocca, como fazem os passarinhos recem-nascidos, no ninho.

— Então tu tambem és filho de ninguem? — disse o *Torto*. — Bravos! Estaremos bem juntos.

Limpou, com a manga, a bocca da criança. Poz duas

# De Sylvio Zambaldi

cadeiras contra a parede. Sobre ellas, uma almofada. E recostou a criança no improvisado berço.

— Até que emfim! — murmurou, dirigindo-se á porta.

Mas um cansaço subito o fez deter-se.

Fóra, fazia frio, e a empresa era arriscada...

Ouviu-se um assobio vindo da rua. Depois, outro, mais prolongado e agudo.

— Que o diabo os leve a todos! — resmungou, de muito mau humor, o *Torto*.

Tirou a roupa com toda a calma, apagou a vela e deitou-se.

No dia seguinte, levantou-se muito cedo. Não. Não fôra um sonho. O menino estava alli, dormindo. Resolveu chamar a vizinha, que acorreu, pressurosa.

— Um menino! — exclamou ella, cheia de assombro, e juntando as mãos.

— Pouca conversa! — disse, em tom imperativo, o *Torto*. — Vou sahir, mas voltarei immediatamente.

E desceu á casa de pasto.

Esperavam-no alli varios individuos de má cara, que o receberam sem enthusiasmo. Respondeu elle com um gesto indicando que tinha pressa e que não queria ser amolado.

Pediu os jornaes da manhã, mas não encontrou o que lhe interessava: a noticia de se ter perdido uma criança.

— Devem tel-a abandonado completamente — pensou.

Vendo que decorriam dois ou tres dias, chamou a velha e disse-lhe que fosse á delegacia dar conta do achado.

— Levo tambem o menino?

— Sim.

— E deixo-o lá?

O Torto olhou o menino, que estava brincando sobre um panno estendido no chão. E respondeu:

— Não. Diga que está resolvida a mantel-o em sua casa até que os paes o reclamem.

* * *

Um dia foi o *Torto* a uma obra em construcção. Apresentou-se ao feitor, e perguntou-lhe:

— Ha trabalho para mim? Preciso ganhar o pão.

Foi acceito. Trabalhou com afinco, sempre afastado de seus collegas, taciturno e impenetravel. Era sempre o primeiro a chegar e o ultimo a sahir.

O salario da primeira semana foi destinado pelo *Torto* a comprar roupas para o menino. E no domingo seguinte todos admiraram o vestidinho novo do pequeno, que, agarrando-se ás mãos do *Torto*, gritava alegremente:

— Papá! Papá!

Afinal, *Torto* conheceu dias felizes. Encontrara um ser que não o odiava. Deixava-se submetter e dominar por essas mãozinhas delgadas que apenas conseguiam abraçar seu pescoço herculeo. Conhecera jamais outras caricias? Não se lembrava. Vivera sempre só, tendo contra si todos os seus semelhantes. Sua maldade, sua brutalidade era o desquite, era a vingança contra os que o haviam abandonado. E aquella infeliz criança fôra abandonada, como elle, e teria morrido de frio si elle não a houvesse recolhido, si não lhe houvesse proporcionado calor e vida.

# O MENINO PERDIDO

*(Conclusão)*

. . .

E dizia a Santiaguinho:

— Tua historia é a minha. Historia de dôr. Por isso é que te quero. Trabalharei por ti, e quando fores grande e robusto, não abandonarás o pobre velho que te criou. Somos sós, tanto tu como eu, e não devemos nunca mais nos separar.

— Nunca! Nunca! — repetia Santiaguinho, abrindo muito os olhos, nos quaes se reflectia uma promessa de paz.

Então o *Torto* o tomava em seus braços e o embalava, cantando-lhe uma canção que ouvira quem sabe onde...

Um dia, em que monologava assim, junto ao fogo, um accesso de tosse do menino, seguido de fadiga, interrompeu o curso de seus pensamentos. A carinha do pequeno se tornára vermelha e ardia como fogo. Sua fronte estava banhada de suor.

O *Torto* sentiu uma sensação de terror.

— Que tens? Que tens?

Santiaguinho procurou levantar-se, agarrando-se aos hombros do *Torto*, abrindo a bocca como si estivesse se asphixiando.

O homem olhou-o com espanto, incapaz de fazer qualquer coisa para allivial-o.

— Que tens?... Que tens?

O menino offegava.

Então o Torto chamou a velha, e esta comprehendeu immediatamente a natureza do mal.

— Depressa! ... Um medico!

Mais rapido que o raio, desceu o *Torto* a escada e atravessou, correndo, a rua. Dois agentes de policia quizeram prendel-o, e elle os repelliu, correndo sempre.

Os agentes seguiram-no, já auxiliados por outros. Alcançaram o *Torto* e o cercaram.

O prisioneiro lutou desesperadamente, mas foi dominado pela força.

Então, supplicou, chorou, pedindo que o deixassem salvar a vida de Santiaguinho e chamassem um medico com urgencia.

Mas os policiaes não lhe deram attenção e o levaram para a delegacia, mais morto do que vivo.

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

Quando compareceu perante o tribunal do jury, accusado de desacato e rebellião, o *Torto* se conservou sempre calado, nebuloso, com o olhar fixo no solo, em um recolhimento terrivel.

Mas quando a velha, chamada a depôr, disse que Santiaguinho havia morrido, o *Torto* ergueu de subito a cabeça mostrando um semblante cadaverico, envelhecido de repente em mais de trinta annos, e, estendendo o punho ameaçador para os juizes, gritou:

— Assassinos!

# O que nem todos sabem

A planta maior do mundo é uma especie de alga que mede, aproximadamente, trezentos metros de comprimento. Os insulares do Mar do Sul utilizam os talos seccos na fabricação de cordas, que têm grande resistencia.

. . .

O dr. Gilbert, notavel nevrópata norte-americano, acha que o pensamento é o principal responsavel pela maioria (talvez noventa por cento) das enfermidades que atacam o homem. Innumeros casos poderia elle citar em abono dessa theoria. Exemplo: um individuo, ao chegar a sua casa, depois de assistir ao enterro de uma pessoa querida, se sente enfermo, deita-se e morre poucos dias depois. Trata-se de um caso typico de morte por depressão mental. Tambem não é raro o caso de mães que enfermam repentinamente ou repentinamente morrem ao saber que um de seus filhos foi victima de uma desgraça.

. . .

Ha, certamente, crianças prodigios que não têm realizado as promessas da infancia; muitos homens celebres, porém, revelaram extrema precocidade. Assim, Dante escreveu, aos nove annos, um soneto, que mereceu louvores; Tasso, menos precoce, aos dez annos compoz os seus primeiros versos; Calderon começou a escrever aos treze annos; Victor Hugo, aos quatorze; Byron, aos doze. Com esta edade, Pascal resolveu as trinta e duas proposições de Euclydes.

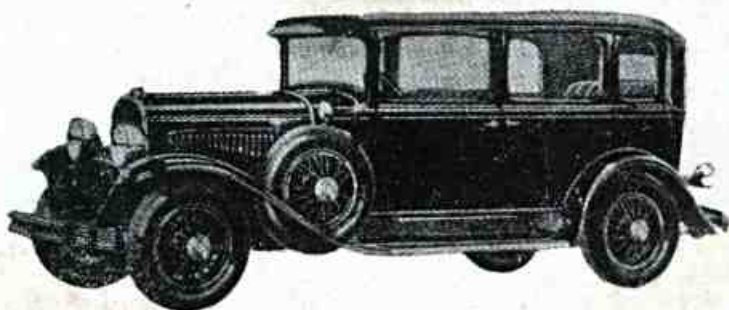
Musicos e pintores são, em regra, mais precoces; aos seis annos, Meyerbeer tocava piano em publico; Aendel, aos treze, compoz uma missa; Weber, nessa mesma edade, fazia representar uma opera; Mozart, aos cinco annos, era pianista; Claudio Vernet, aos seis, desenhava com grande pericia; Raphael, aos sete annos, pintava quadros já dignos de attenção.

. . .

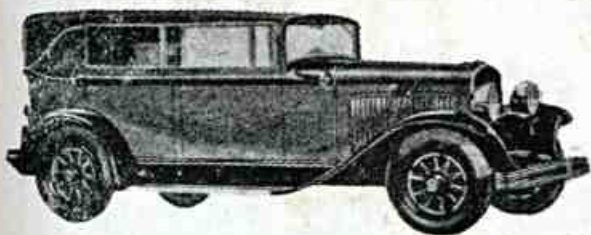
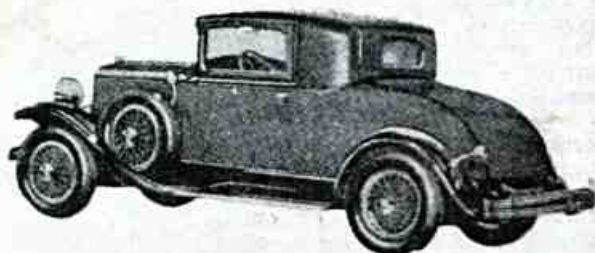
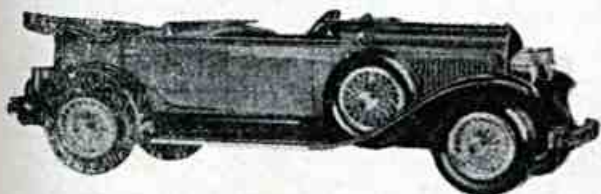
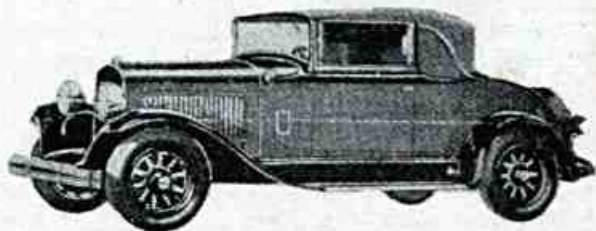
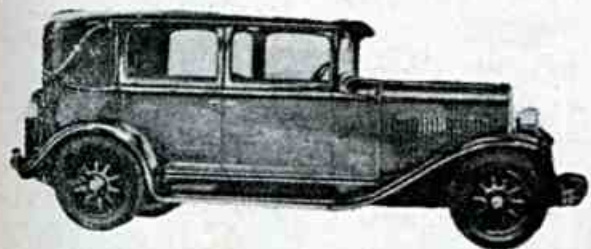
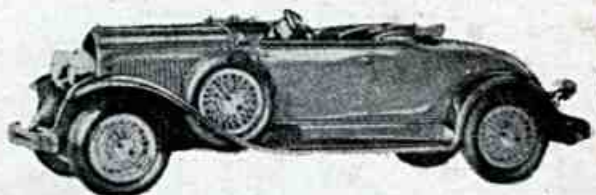
Os indios do Alaska eram muito habeis na esculptura sobre madeira. Crearam uma quantidade enorme de mascaras, que, a despeito de sua fórma grotesca, são consideradas com obras primas. A originalidade dessas mascaras e o luxo de detalhes que nellas sobresae, é motivo de surpresa para quantos as observam.

. . .

Na rêde ferroviaria da Suissa contam-se nada menos que 239 tunneis, de um comprimento total de 163 kilometros.

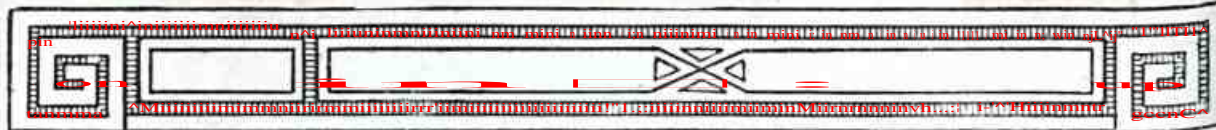
Os tunneis mais compridos são os seguintes: o Simplon, o mais comprido do mundo, com galeria dupla, perto de 20 kilometros; o Gothardo, com perto de 15 kilometros; o Ricken, 8,6 kilometros; o Hauenstein, 8,1 kilometros.

O Chrysler "75", Sedan Royal

# Chrysler

## Miss Universo do Automobilismo

O Chrysler "75", Sedan Conversivel

O Chrysler "75", Coupé (com assento atraz)

O Chrysler "75", Modelo Phaeton (5 logares)

O Chrysler "75", Coupé Conversivel

O Chrysler "75", Sedan Urbano

O Chrysler "75", Roadster (com assento atraz)

DISTRIBUIDORES:

**AUTO MERCANTIL BRASILEIRA S. A.**

AVENIDA RIO BRANCO Nº 247

# O DOIVO DE AURELIA

## DE MARK TWAIN

OS factos que vou narrar se acham consignados em uma carta que me dirige certa senhora residente na linda cidade de São José. Não conheço a autora da missiva. Assigna Aurelia Maria, o que bem poderia ser um pseudonymo. Como é este um detalhe que em nada affecta o interesse da narrativa, devo não me deter muito nelle e abordar de cheio o assumpto.

Segundo posso colligir pela simples leitura do documento, a joven Aurelia soffreu muito no mundo e, além disso, se encontra sem saber que fazer em um momento decisivo de sua vida. Quer contrahir matrimonio; mas, de um lado, lho impedem conselhos mais ou menos interessados de amigos e parentes, e, de outro, difficuldades de um genero novo em absoluto. Apesar dos pesares, insiste em casar, e pensando que minha opinião ha de tiral-a do aperto, me escreve solicitando-ma, por certo com a eloquencia capaz de commover uma estatua.

Sabei, agora, a triste historia de Aurelia.

Acabava ella de completar dezeseis annos, quando encontrou em seu caminho um guapo rapaz de New-Jersey, chamado Williamson Breckinridge Caruthers. Viu-o e amou-o com todo o ardor de que é capaz um coração meridional, tendo a sorte de ser correspondida. Juraram ser um do outro, com o consentimento de suas respectivas familias, e durante algum tempo foram felizes. Sua existencia parecia estar caracterizada por uma immunidade contra a desgraça um pouco superior á que possuem ordinariamente os humanos. Subito, mudou a face da fortuna. O bello Caruthers foi atacado pela variola negra, mas não uma variola negra benigna, e sim variola das mais virulentas e destructoras. De modo que, quando Caruthers se restabeleceu, parecia sua cara um plano em relevo das montanhas Rochosas. Desventurado Williamson!... Sua belleza havia fugido para sempre!...

Aurelia pensou, a principio, em romper seu compromisso. Mas, tocada de compaixão, limitou-se a adiar o casamento por alguns mezes, deixando o pobre Caruthers tranquillo e cheio de illusões.

Na vespera do dia fixado para o enlace, Breckinridge, que contemplava distrahidamente o vôo de um cometa, cahiu em um poço e quebrou uma perna. Esta teve que ser-lhe amputada por cima do joelho.

Pela segunda vez, procurou Aurelia libertar-se da palavra empenhada, mas, não obstante, novamente triumphou o amôr, e o casamento ficou transferido até quando Williamson estivesse completamente restabelecido.

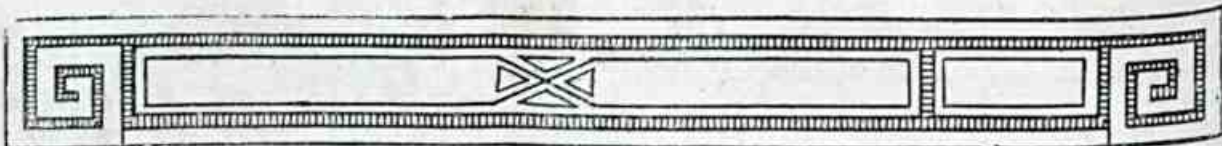
Novo infortunio, não mais leve que os anteriores, impediu a celebração do enlace. Estava Caruthers assistindo ás salvas de artilharia commemorativas da independencia americana, quando o disparo imprevisto de um canhão lhe arrebatou um braço. Tres mezes depois, a roda de uma machina de cortar lhe levára o outro. Ao ter Aurelia conhecimento dessa série de desgraças, julgou morrer de desespero. Affligia-se ao vêr que seu noivo a ia abandonando de pedaço em pedaço, e pensava que, si continuasse tal systema de reducção, muito breve não restaria grande cousa de Williamson, pois ella não tinha meios para detel-o no funesto caminho emprehendido.

Em seu grande padecer chegava quasi a lamentar, como o negociante que se obstina em continuar uma empresa e perde cada vez mais dinheiro, o não ter acceito Breckinridge antes que elle houvesse soffrido tão alarmante diminuição. Sobrepoz o affecto, resolvendo por fim Aurelia fazer frente a todo custo ás deploraveis disposições de seu noivo.

Novamente se aproximou o dia do casamento e novamente se amontoaram as nuvens da desillusão. O incorrigivel Caruthers enfermou de erisipela e perdeu completamente o olho direito. A familia e os amigos da joven, considerando que esta havia demonstrado muito maior obstinação generosa do que racionalmente se lhe podia exigir, intervieram pela terceira ou quarta vez, e quasi conseguiram desistisse ella de seu empenho. Digo quasi, porque o rompimento não chegou, por fim, a ser feito. Aurelia disse que sim ao escutar os raciocinios de seus conselheiros, mas depois voltou atraz, reflectiu uns instantes e declarou que, afinal de contas, não dava Breckinridge nenhum motivo de censura. Em vista disso, foi adiado o casamento, e Caruthers acabou quebrando a outra perna.

Foi um dia negro para a generosa moça aquelle em que ella viu os medicos levarem em um sacco o quarto pedaço de Williamson. Chorou como uma triste Magdalena, pensando que, de dia a dia, se ia reduzindo a esphera de seus affectos. Mas, com tenacidade de martyr, resistiu ás suplicas familiares, e reiterou a Breckinridge sua palavra de casamento.

Poucos dias antes da data fixada para o enlace occorreu a ultima desdita. Em todo o anno houve apenas um homem que fôsse cahir nas mãos dos indios de Gwen River, e esse homem foi Williamson Breckinridge Caruthers, de New-Jersey. O desventurado noivo se dirigia á casa de Aurelia, entregue a dôces sonhos de amôr, quando o aprisionaram os pelles-vermelhas e lhe rasparam o craneo. Os crueis colleccionadores de cabelleiras deixaram a cabeça de Caruthers como uma bola de bilhar.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

# *Incomparavel!*

## MARAVILHA CURATIVA HUMPHREYS

### *Remedio Incomparavel Para*

**Lesões, Feridas, Contusões, Queimaduras, Escaldadelas, Hemorrhoides, Dôr de Dentes, Nevralgia facial, Rheumatismo, Picadas de insectos, Ulceras, Queimaduras do sol, Resfriamentos na garganta.**

**Loção maravilhosa para uso depois de fazer a barba e como uma preparação geral do toucador.**

**Allivía instantaneamente todas as affecções da pelle, taes como erupções, espinhas e cravos.**

Exija a Maravilha Curativa Humphreys

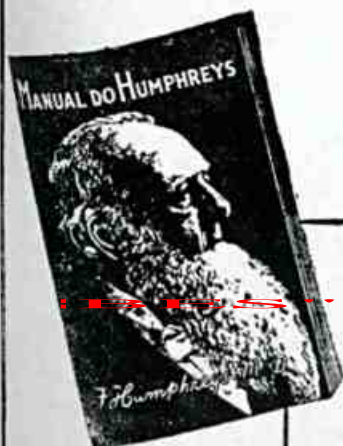
*Não se acceitem substitutos*

## GRATIS

O Manual de Humphreys é um livro muito util que trata sobre todas as molestias que podem ser cuidadas em casa indicando os remedios para as tratar. Teremos verdadeiro prazer em remetter gratuitamente este livro muito valioso.

Dirijam-se a

SCHILLING, HILLIER & CIA. LTD.

CAIXA POSTAL 564 - RIO DE JANEIRO

## MARAVILHA CURATIVA DE HUMPHREYS

Tal é a situação do noivo de Aurelia na actualidade. A abnegada moça continúa a querêl-o, apesar de tudo, e dahi a razão porque me consulta.

"Que devo fazer?" — disse, no final de sua estimada carta. — "Amo Williamson, ou pelo menos, ao que resta de Williamson. Minha familia oppõe-se, com todas as suas forças, ao casamento, porque meu noivo, além de se achar impossibilitado para ganhar o

# O NOIVO DE AURELIA

*(Conclusão)*

pão, é ainda mais pobre do que eu, que não sei o que são cinco dollares reunidos. Supplico-lhe que me tire dessas angustiosas duvidas. Aguardando sua resposta, etc."

* * *

Responder categoricamente a uma pergunta dessa natureza é mais difficil do que parece. Trata-se de dar uma resposta clara, terminante, sem ambiguidades. Vae nisso a sorte e talvez a vida de uma mulher e de quasi as duas terças parte de um homem.

Vamos vêr. Custaria muito a reconstrucção completa de Breckinridge? Porque, si não fôsse cousa muito cara, poderiamos tentar algo nesse sentido, destinando parte de minhas economias á compra de braços, duas pernas, uma peruca e um olho de crystal, tudo isso destinado ao bom Williamson. Creio que todos sahiriamos ganhando alguma cousa: elle ficaria muito apresentavel, a noiva muito contente e eu satisfeitissimo por haver contribuido para a felicidade de dois sêres que se amam.

Feita a reconstrucção, que conceda minha missivista a seu adorado um prazo improrogavel de noventa dias, afim de que elle se habitue ao uso de suas novas acquisições; e si, findo esse prazo, Breckinridge não tiver deixado a cabeça em algum logar, que se casem, abençoados por Deus.

Assim, pois, apreciabilissima senhorita, si seu noivo cede ainda a essa tentação estranha de fracturar alguma cousa de seu corpo toda vez que encontra opportunidade favoravel, sua proxima experiencia lhe será certamente fatal, e nesse caso ficará a senhorita para sempre tranquilla. Supponho que se tenham casado ao occorrer a catastrophe, herdará a senhorita, por direito proprio, as pernas, os braços e outras miudencias do defunto. Então, na verdade, a senhorita só perderia o ultimo pedaço vivente de seu marido honrado e desgraçadissimo, que levou sua vida a satisfazer os incomprehensiveis instinctos de destruição. Tente a prova, senhorita. Meditei muito sobre o assumpto, e creio que é a unica solução razoavel. E' claro que Caruthers procederia lealmente começando por arrebentar os miolos. Mas uma vez que escolheu outro systema, querendo, sem duvida, prolongar-se o mais que lhe fôr possivel, não temos o direito de misturar-nos em questões intimas. Tire o melhor partido das circumstancias e pense que talvez a felicidade conjugal resida no facto de um dos esposos encontrar-se como Breckinridge...

M.

As especialidades da Casa A. Doret. Os penteados modernos para Bebé. — a ondulação permanente que permitte todos os penteados, moderne, grosse boucle, garantida 8 mezes. — A mise en plis inegualavel, com as loções resinosas A. Doret. — A lavagem de cabeça, seccagem instantanea, com Etherol Doret, sem mau cheiro nem perigo de inflammação.

As tinturas A. Doret são sempre as melhores, que imitam mais o natural, e completamente innofensivas. Nossas cabelleiras para "soirée", em côres, são as mais modernas. Vejam exposição. Massagens, Manicuras. Productos de Belleza Doret. Tratamento especial para a caspa e queda de cabellos.

---

*O que distingue a casa A. DORET das outras casas de cabelleireiros — a clientela escolhida que frequenta ha vinte annos seus salões.*

*Os penteados A. DORET são sempre originaes e elegantes.*

*Os cabellos tintos ou descoloridos nunca são resequidos; são sempre lustrosos e macios, nunca perdem a ondulação natural.*

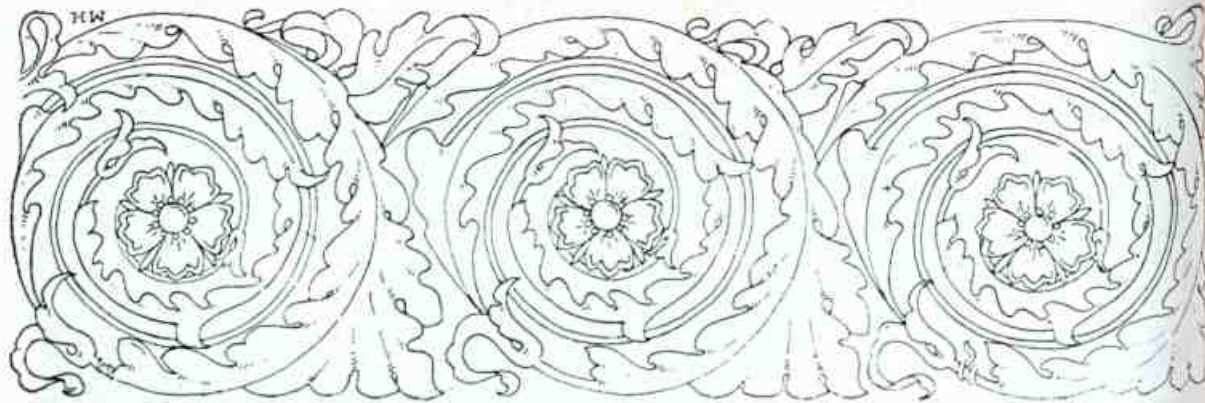
*A pessôa que trata sua cutis na casa A. DORET nunca tem espinhas, poros dilatados, cravos, etc.*

*Usem sempre os productos A. DORET, quer para os cabellos, quer para o rosto.*

*Seguindo os conselhos de A. DORET nunca vos arrependereis.*

*A Casa Doret é e será sempre a primeira e a melhor casa de cabelleireiro do Brasil.—5, rua Alcino Guanabara,—5, Tel. C. 2431*

RIO DE JANEIRO

# O ramo de Jasmins : :

MANOLO bebeu a grandes sorvos o café que a velha creada lhe havia offerecido, poz ao hombro sua carteira de collegial, e, entrando de pontas de pés no dormitorio onde ainda repousava sua mãe, se inclinou suavemente para o rosto querido e lhe deu um beijo. Depois sahiu com cautela, temeroso de perturbar o somno daquella mulher a quem queria com cega adoração.

Já na rua, a caminho da escola proxima, voltou a torturar seu cerebro com uma idéa que, desde alguns dias, o obsecava. Sua mãezinha fazia annos naquelle dia, e elle tinha poucas moedas para adquirir aquelle magnifico ramo de jasmins que um vizinho lhe vendia.

— Falta-me apenas um mil réis... um mil réis... De onde tirar essa fortuna?

Falando alto, detendo-se ás vezes, caminhando apressado outras, chegou até o local onde um grande letreiro annunciava: "Não ha férias".

Havia passado a hora de entrada. Os meninos já estavam em aula.

— Outra vez tarde, Manolo... — exclamou, com voz aspera, a professora.

— Dormi...

— Pois procura ser pontual de agora em deante. Não esqueças que estás atrazado em arithmetica.

Manolo occupou seu banco em silencio e fez um poderoso esforço de vontade para attender ás licções que dava aquella mulher alta, esqualida, cujo vestido longo, sem fórma alguma, lhe tirava todo o aspecto de feminidade. Mas, inutilmente. A idéa de que esse dia sua mãezinha completava annos lhe transtornava o cerebro, punha palpitações em seu coração. Um mil réis... onde encontral-o?

— Resolvam este problema de quebrados! — ordenou a voz da mestra.

Manolo procurou afastar por um momento sua obsessão, abrir os olhos, olhar aquelles numeros, que augmentavam e diminuiam ante sua retina inconsciente. Mas sua preoccupação vencia a vontade. E novamente elle dizia comsigo: "De onde tirar um mil réis?" A' hora do recreio, teve a inspiração de negociar sua caneta com os collegas. Mas nenhum delles teve interesse em adquiril-a. Só um rapaz, de nariz curvo e olhar fixo como ave de rapina, lhe offereceu um tostão...

Desesperado, não achando solução para resolver seu grande problema, se afastou dos companheiros buliçosos, e por detrás das grades contemplou as ruas. Um garoto brincava com uns cobres no passeio em frente. Manolo distrahiu-se olhando as moedas que brilhavam ao sol. De repente, uma senhora com um valise se deteve deante do garoto, e disse-lhe:

— Si me levares esta valise, te darei duzentos réis...

O garoto guardou os cobres, tomou a valise e seguiu a senhora. A scena inspirou Manolo. Iria á estação e se offereceria para carregar valises... A idéa, apenas esboçada, adquiriu forças. Dava parte de enfermo na escola, e pediria licença para se retirar. A professora não lho negaria...

Cinco minutos depois, seus pequenos pés voavam em direcção á estação. Tinha tres horas disponiveis. Cinco viagens a duzentos réis sommariam um mil réis... Compraria a planta, e a levaria á sua mãezinha. E já parecia vêl-a sorridente, ébria de alegria ante tal offerta...

Aguardou com ansia a chegada do trem.

— Senhora..., a valise..? Quer que lhe leve essa caixa, senhor?

Sua vozinha se perdia entre os apitos da machina e o grito dos vendedores ambulantes.

— Senhora... a valise?...

Ninguém se dignava olhal-o siquer. Sua pessoinha passava despercebida entre o continuo vae-e-vem de passageiros e vendedores. Sentiu desejos de chorar quando o ultimo viajante entregou sua valise a um carregador. Passo a passo, contendo as lagrimas, foi até o jardim onde estava a planta de jasmin. Apertou nas mãozinhas as seis moedas de cem réis que sua previsão havia reservado do dinheiro que sua mãe lhe dava para guloseimas, e puxou o cordão da campainha para chamar alguém. O jardineiro cumprimentou-o affavelmente.

— Olá! Trazes o dinheiro?

— Não, senhor... Não pude conseguil-o... Mas com estes seiscentos réis... dê-me um raminho de jasmins... E' para minha mãe! Hoje ella completa annos...

Reprimiu as lagrimas. Haviam-lhe ensinado que um homem não deve chorar. E apertava as mãos e mordia os labios para que a dor não o vencesse.

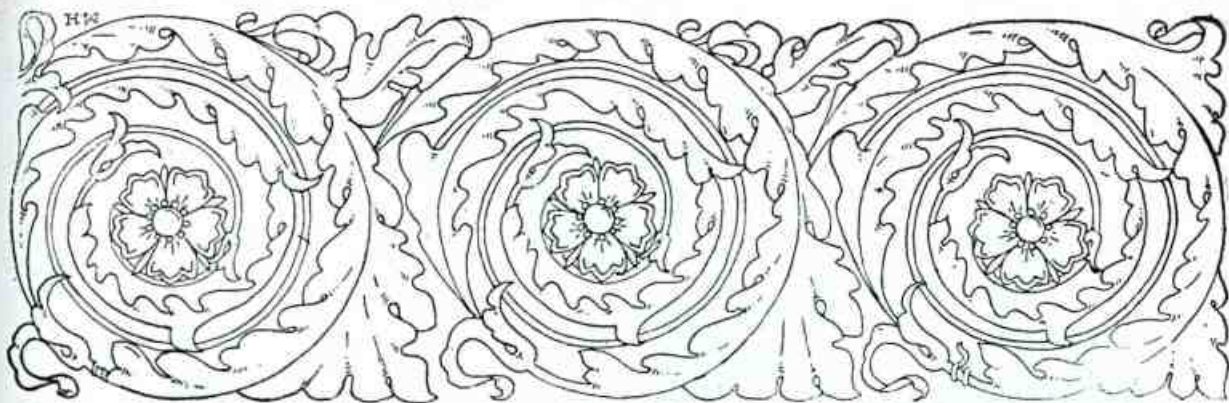
Com o ramo de jasmins chegou a sua casa.

— Feliz dia, mamãezinha!...

E prendeu-se ao pescoço materno e derramou na saia daquella mulher a quem tanto amava as perfumadas corolas brancas.

— Filhinho!... Meu filho todo!

A mãe chorava e ria abraçando o menino, beijando as flores.

— Meu filhinho querido!... Como compensas todos os meus cuidados!... Como me fazes doce a vida!

De

# Sofia Espindola

Mais tarde, entre lagrimas, Manolo confessou o fracasso de seus projectos. Elle pretendia offerecer-lhe toda a planta... Mas de maneira alguma poude conseguir um peso. Quando contou o episodio da estação, a mãe ficou emocionada.

— Sempre me quererás assim? Sempre?

E o menino se apertava ao pescoço materno, beijando-lhe a fronte, os olhos chorosos, os cabellos já pontilhados de fios de prata...

— Verás... Com um de teus jasmins farei uma planta... E a conservarei toda minha vida, porque ella será a eterna demonstração do carinho que me tens, queridinho...

Naquella mesma tarde, a mãe tomou uma flôr, encerrou-a em uma garrafa de vidro, fez mais pronunciada a sua abertura e a mergulhou na terra.

— E disso sahirá uma planta, mamãezinha?

— Sim... E será a que tu me offereceste neste dia memoravel.

...................................

VINTE annos depois. A flôr se havia transformado em planta, a planta havia dado muitos jasmins, as perfumadas corollas brancas haviam perfumado o quarto de Manolo annos após annos. Depois, a planta decahira, de tanto viver, e sobre esse montão de terra outra planta surgira, desejosa de luz e de vida.

Manolo, o collegial que uma manhã de janeiro torturava sua cabecinha para encontrar o mil réis mediante o qual adquiriria o presente para sua mamãezinha, passeava obsecado por não saber de onde tirar dois contos de réis para presentear sua noiva com um anel de brilhantes.

— Meu filho... Si não pódes, não deves desesperar-te. Tua noiva comprehenderá a situação... Não és rico...

— Bonita razão a tua!... Bem vês... Meu casamento se vae adiando dia a dia... Oh! Por que, em logar de uma profissão, não me deste um officio?

— Filho!...

A velhinha ficou pensativa. Adorava aquelle filho como a um deus. Durante vinte e oito annos fôra sua amiga, sua mãe e sua conselheira. Mas no caminho surgia uma mulher. E o filho esquecia completamente a mãe, para insistir o amôr da outra, a intrusa, a que entraria como rainha naquelle lar.

Ella esqueceu sua dôr e pensou na felicidade desse pedaço de seu coração feito homem.

Hypothecaria a casinha, e com seu producto Manolo poderia casar-se...

E assim foi. A intrusa penetrou como rainha e senhora na casa. A mãe ficou relegada ao ultimo plano.

Bem cêdo a esposa comprehendeu que o olhar vigilante da mãe feria sua dignidade, e pediu a Manolo que sahissem dali. Morariam sózinhos, como convinha a dois recem-casados. E Manolo accedeu. As lagrimas de sua mãe não o impressionaram. E uma tarde a velhinha ficou só naquella casa povoada de recordações.

— Virei vêr-te sempre, mamãezinha!

— Sei que irás esquecer-te de mim!...

— Mamãezinha... não digas isso!...

E Manolo fechava-lhe os labios com beijos. E passou-se esse anno. Um grande ramo de jasmins foi o habitual presente para o dia da mãe. Elle o levou pessoalmente. E passou-se outro anno. Os jasmins foram enviados com uma breve carta de parabens. E os annos foram transcorrendo. A mãe estava cada vez mais triste. Seu filho negava-lhe o consolo de uma caricia. Quando ia a sua casa desejosa de abraçal-o, a frialdade de sua nora a cohibia. E suas visitas se foram tornando cada vez mais distantes. E como Manolo, absorvido por suas preoccupações e por sua mulher, não ia vêl-a, os dias e mezes lhe transcorriam longos, cheios de lagrimas e tristezas.

E chegou aquelle dia em que a vida lhe punha um anno mais. Para obsequiar seu filho, fez dois pasteis. Preparou a mesa com jasmins, e, vestida com certa elegancia, aguardou sua chegada. Passou a manhã, transcorreu a tarde. A mãe, ansiosa, esquadrinhava a rua, esperando vêr o carro que traria seu filho querido. E chegou a noite. As sombras se estenderam piedosas pelos campos. Oh, Manolo já não viria!... Esquecera-se della... A outra, a intrusa, a bella mulher que lhe offerecia a primavera de sua juventude, o retinha... Ella já não servia. Como um trapo velho, a atirava a um recanto, a esquecia...

Teve um repentino frio. Seus olhos sem lagrimas se encheram de sombras. Foi até o cofre onde guardava seccas as flôres que o anno anterior Manolo lhe havia mandado, apertou o ramo amarellecido, e, beijando-o com amôr, adormeceu sobre elle, piedosamente, com o somno beatifico de que não despertaria nunca mais...

KOHOUT.

ANNO XXIII

# FON-FON

NUMERO 31

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 3 de Agosto de 1929

# MAGDALENA...

MARTINS CAPISTRANO

EM 1915, quando a Europa toda se debatia, dolorosamente, na angustia tragica da guerra, Paris era abalada com a noticia do desapparecimento de uma mulher que enchéra a sua vida delirante com a intelligencia, a graça, a vibração, a alegria e a belleza luminosa de uma figura peccadora. Uma mulher que empolgára a cidade amavel com a seducção irresistivel da sua mocidade gloriosa. Eva Lavallière, cuja popularidade attingira, então, á mais alta e expressiva culminancia, abandonára a vida tumultuosa do palco, para fugir de Paris, das suas tentações, dos seus triumphos. O gesto da famosa actriz fôra tão intempestivo, tão estranhamente inexplicavel, que ninguem acreditava houvesse sido voluntario. Ella era linda e joven, e tinha tantos admiradores... Todos os homens de Paris lhe queriam bem. Todas as mulheres da cidade luz gostavam de vêl-a em scena, com aquelle encanto tão seu, que nenhuma outra possuia. Artista e mulher, ella podia se orgulhar de o ser maravilhosamente. E tinha um nome de sonoridades triumphaes. Um nome de gloria na vida theatral parisiense. Lavallière era, por assim dizer, a alma inquieta, a alma insatisfeita e amorosa de Paris. Na *Comedie Française*, onde a sua arte se multiplicava nos mil encantos das suas attitudes, ella encarnava typos diversos, vivia temperamentos exaltados ou serenos com a mesma graça e o mesmo successo com que passeava o seu esplendor de mulher bonita pelas ruas parisienses. Em *Les Vieux Marcheurs* e em *L'Oiseau Bleu*, creou figuras que morreram com ella. Figuras symbolicas deste seculo de civilização vertiginosa Pobres figuras humanas de mulheres ingenuas e modernas.

Eva Lavallière, depois de ser actriz de grande celebridade, depois de ter deslumbrado aquella gente cosmopolita que enche Paris, desappareceu. Sem um adeus fulgurante. Sem uma explicação da sua brusca resolução. Desappareceu á *franceza*... Mysteriosamente.

Fôra para onde? E por que fôra? Eram indagações que andavam na bocca de todos os parisienses, de todos os forasteiros de Paris, que tanto a queriam, que tanto gostavam de applaudil-a.

Paris estava duplamente desolado. O phantasma da guerra enchia-lhe, sinistramente, as ruas. Só se falava em batalhas, em sangue, em derrotas imminentes. Em toda parte se commentava a audácia germanica.

E foi nesse ambiente de duvida, de incerteza e de dôr que cahiu, como uma granada allemã, a noticia da fuga mysteriosa de Eva Lavallière. A grande actriz, a famosa mulher resolvêra abandonar a scena e ir para longe, para bem longe do peccado...

Para onde teria ido? E os mezes iam decorrendo, e o tempo ia sepultando a ansiosa interrogação parisiense.

Um dia, sabe-se a verdade. Eva estava nos Vosges, nos Alpes, afastada do mundo, afastada do delirio de Paris. Ali vivia silenciosamente, serenamente, numa cabana, a sua nova vida. Vida de recolhimento. Vida contemplativa. Vida mystica.

Eva não chegou a ingressar no convento, como se pensa. Pretendendo entrar para a Ordem das Carmelitas, não o conseguiu, em virtude do seu passado. Não tinha o preparo espiritual exigido. Não podia ser religiosa. E desistiu de seu desejo.

De repente, um anno depois de seu exilio voluntario, surgia de novo em Paris. Mas voltava tão differente... Não era mais aquella Eva Lavallière que perturbára o mundo frivolo e inquieto das suas victorias de actriz. Era bem outra Eva. Uma Eva taciturna, retrahida, discreta, desalentada e modesta. Magdalena arrependida...

Sua vida, então, deslisou plácida e austera, melancolica e apagada na mesma terra delirante e alegre onde começára ruidosa e plena de gozos materiaes.

Eva Lavallière não era uma freira, mas era um anjo da caridade. O resto de fortuna que lhe haviam deixado seus prazeres, sua vaidade antiga, ella o distribuia com os necessitados, com todos aquelles que soffriam a tortura da miseria. Distribuia-o sorrindo piedosamente, emquanto o *Savoyard* — o grande sino do campanario da basilica de Mont-Martre — derramava no ar a harmonia grave e mystica dos seus repiques vespertinos...

Agora é que ella era digna da sympathia de Paris.

A Eva Lavallière que esplendêra na vida mundana da grande metropole já tinha morrido em 1915...

POESIA DE MULHER

Versos... Foi esse o titulo synthetico, mas expressivo, que a poetisa Esther Ferreira Vianna deu ao seu livro de poesias. A esse titulo, appoz o subtitulo de — "Brinquedos meus", como querendo exprimir que a poesia, para ella, é uma agradavel diversão.

Muito bem.

Em 1927, numa conferencia que realizei no Curso Angela Vargas, intitulada "Poetisas cariocas", tive ensejo de referir-me á autora de "Miragens" e "Contrastes". Disse eu, por essa occasião, a proposito da sua arte inflammada: "Scientificista e philosophica é a musa de d. Esther Ferreira Vianna. Os seus assumptos predilectos não são o amor, a esperança, a illusão, a alegria ou a saudade". E, ainda agora, posso confirmar esse juizo, uma vez que nos seus "Versos" d. Esther se revela a mesma cerebral de 1927.

Liberta dos motivos do coração, preoccupada, quasi sempre, com os phenomenos da natureza cosmica e certos problemas da vida humana, sob o ponto de vista philosophico, d. Esther chega a desconcertar-nos com estes versos da sua intima Confissão:

*Eu sou uma emotiva, uma sentimental;*
*aprofundo-me mais do que mesmo ninguem*
*no sentir de minha alma passional*
*que altiva se retem!*

E' raro vel-a vibrar as cordas do coração. Dir-se-á que a sua arte é toda feita de equações, de calculos e interrogações.

E nesse martyrio do espirito, nesse embate do pensamento com o mysterio das coisas, se não brotam violetas e geranios, embalsamando os seus sonhos de moça, fulgem, de quando em quando, na noite trevosa das suas duvidas, scentelhas e estrias de fogo, côr de ouro rubro, falseando entre o seu buril de artista e o granito, ainda informe, do seu verso vibrante.

Bastos Portella.

UM DOMINGO VADIO...

Nesta manhã luminosa do meu domingo vadio, divirto-me lendo Cyrano de Bergerac, a comedia heroica de Edmond Rostand, apresentada pela primeira vez ao publico em dezembro de 1897, no theatro de la Porte Saint-Martin, de Paris.

E' uma leitura que faço, talvez pela decima vez, e sempre com igual encanto, ou melhor, com um encanto sempre novo.

E, pelas mãos de Cyrano, caminho até Roxane, ouvindo-o exclamar:

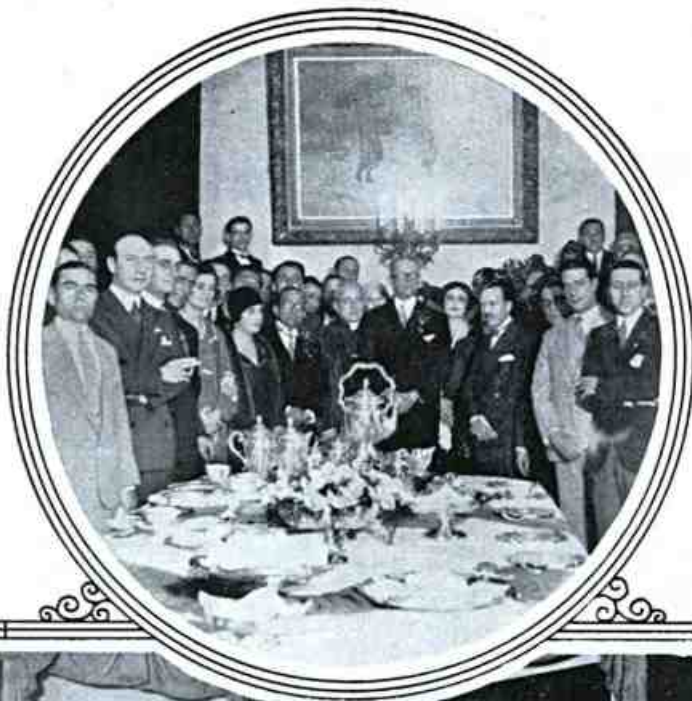
*Un baiser, mais á tout prendre, qu'est-ce?*
*Un serment fait d'un peu plus près, une promesse*
*Plus précise, un aveu qui veut se confirmer,*
*Un point rose qu'on met sur l'i du verbe aimer;*
*C'est un secret qui prend la bouche pour oreille,*
*Un instant d'infini qui fait un bruit d'abeille,*
*Une communion ayant un gout de fleur,*
*Une façon d'un peu se respirer le cœur,*
*Et d'un peu se gouter, au bord des lèvres l'ame!*

A FIM de agradecer ao sr. presidente da Republica a sancção da recente lei que reformou e melhorou o montepio militar, estiveram, sexta-feira penultima, no palacio Guanabara, as senhoras e filhas de officiaes do Exercito e da Armada, que foram recebidas pelo dr. Washington Luis e sua exma. esposa.

## GLYCINIAS

"Como as gaivotas e as ondas, nos encontramos e nos amamos. Vão-se as gaivotas, voando. Vão-se as ondas, rolando. E nós tambem nos vamos..."

E' de Rabindranath Tagore, o doce poeta oriental, o trecho que te mando aqui, nesta *glycinia* desolada. Trecho que symboliza bem o destino do nosso amor.

Nós tambem nos encontrámos, um dia, e, um dia, nos amámos. Como as gaivotas e as ondas... Por isso é que o nosso amor, querida, vae passando tambem, voando e rolando, como as gaivotas e as ondas. Voando sobre o mar da desillusão e rolando pela praia do desengano. Vae passando, vae fugindo de nós, que não nos atrevemos a perseguil-o.

O nosso destino, querida, é o destino das gaivotas e das ondas...

O sr. embaixador Bernardo Attolico offereceu, quarta-feira penultima, na séde da real embaixada da Italia, um chá em honra dos «footballers» brasileiros e italianos que no dia seguinte tomaram parte no grande jogo nocturno do estadio do Fluminense. Figuras de destaque em nossos circulos sportivos e sociaes, além dos representantes das altas autoridades e membros illustres da colonia italiana, compareceram a essa brilhante reunião.

. . .

Esta certo.

Divina loucura a deste verso divino.

E fico a scismar na formidavel potencia do genio creador literario da França, prodigioso laboratorio de idéas.

Cyrano de Bergerac é um dos modelos de uma nova organização literaria, pois, Edmond Rostand deu á sua obra a feição de um poema comico-heroico, ao invés de Boileau, o burilador dos poemas heróe-comicos.

Rostand creou, e encontrou em Coquelin o grande interprete da sua obra.

Isto, em França, é possivel!

Nós outros temos de nos contentar com a gloria alheia e até com os ismos...

MARION.

# MADORNA DE YAYÁ

*Yayá está na rêde de tucum*
*a mucama de Yayá tange os piuns,*
*balança a rêde,*
*canta um lundum*
*tão bambo, tão molenго, tão dengoso,*
*que Yayá tem vontade de dormir.*

*Com quem?*

*Ram-Rem.*

*Que preguiça, que calor!*
*Yayá tira a camisa,*
*toma aluá,*
*prende o cócó,*
*limpa o suor.*
*pula na rêde.*

*Mas que cheiro gostoso tem Yayá!*
*Que vontade doida de dormir...*

*Com quem?*

*Cheiro de mel da casa das caldeiras!*
*O saguim de Yayá dorme num ôco!*
*Yayá ferra no somno,*
*pende a cabeça,*
*abre-se a rede,*
*como uma ingá.*

*Pára mucama de cantar,*
*tange os piuns,*
*cala o ram-rem,*
*abre a janella,*
*olha o curral;*
*um bruto sossego no curral!*

*Muito longe uma peitica faz si-dó*
*si-dó... si-dó... si-dó...*

*Antes que Yayá corte a madorna,*
*a moleca de Yayá*
*balança a rêde,*
*tange os piuns,*
*canta um lundum*
*tão bambo,*
*tão molengo,*
*tão dengoso,*
*que Yayá, sem se acordar,*
*se coça,*
*se estira...*
*Estira-se toda, na rêde de tucum.*

*Sonha com quem?*

# Evanidade...

## A HISTORIA DE UM SONHO

J'eus une amie, un jour, aux yeux couleur de [songe

E' assim que Maurice Magre, o poeta de "*La Chanson des hommes*", começa um dos seus poemetos.

Elle teve uma amiga de olhos côr de sonho. E eu tive um sonho que era da côr dos olhos da minha amiga. Justamente porque o que amava eram os olhos dessa criatura de eleição.

Essa criatura... Até poderia dizer, como nos bellos contos de Perrault, ou das "Mil e uma noites", pela bocca venial de Scheherazade, que tão bem envolvia, na trama subtil e rendilhada de mentiras, o espirito credulo de Shehriyor: "Era uma vez..."

A historia desse meu sonho lindo, ou melhor, dessa mulher, que era uma filigrana de carne de liz e rosa, dentro dos "chiffons" dos suas sêdas, saturada da perfumes atordoantes — a historia dessa criatura excepcional pode ser contada em um só pequeno capitulo de amor.

Talvez não seja bem um capitulo de amor. Mas é um capitulo de magoas, de melancolias, de amarguras caladas, essas longas amarguras que se traduzem pelo perpassar das horas de um vago ocio silencio, das vigilias sombrias e prolongadas, ao pé de um "abat-jour" feito de lyrismo e de extases, e que começam com a penumbra do entardecer e terminam com a pallidez da madrugada, que apparece, muito loura, com a sua mão côr de rosa, e apaga, maciamente, a luz da "stella Matutina..."

Ah, si eu contasse a historia dessa mulher...

Valeria a pena?

*Para falar com franqueza, essa figura do meu sonho de amor foi sempre uma figura subjectiva. Porque si ella existia, na realidade; si existia, para os beijos de alguem — e eu acredito que sim — a minha bocca está virgem da sua bocca.*

Ora, o amor que se não *positiva* no *flagrante* de um beijo violento, pode ser tudo para um homem que não ame fantasmas, menos um amor authentico e tangivel.

Mas não esqueçamos que Platão asseverava: "O verdadeiro amor é esse estado que medeia entre o possuir e o não possuir".

Pouco platonico, bastante objectivista e dotado de um senso muito pratico, como requer o espirito do seculo, comprehendo, no emtanto, e acho explicavel esse amor definido pelo philosopho grego.

E' claro. Habituei-me a viver com a figura mental dessa mulher — que idealizava, por um secreto instincto de perfeição e egoismo; — criei, para ella, um ambiente de belleza e de luxo, em que a fazia mover-se como uma boneca animada... A força de fixar essa vida artificiosa na imaginação, acabei por me convencer de que ella existia materialmente, para mim. E esperei-a. Esperei-a na ansiedade de ouvir-lhe um sim ou um não.

Si ella vivia a sua vida concreta, real e palpavel, na sinceridade do seu amor, para um outro, por que tambem não poderia viver para mim?

Com Musset, eu tinha a certeza de que a mulher que se quer negar não vacilla. Diz não. — "*La femme qui veut réellement refuser se contente de dire: Non. Celle qui s'explique veut être convaincue.*"

Esperei-a. E, um bello dia, ella pensou, ou não

NOSSA brilhante collaboradora Cinderella, que tambem usa o pseudonymo de Petite Source, e que acaba de ser justamente laureada com o primeiro premio (1:000$000) no concurso de contos da Sul-America, disputado por 49 concorrentes, o que a põe em grande relevo entre as escriptoras do Brasil actual.

Um pelotão de rendas e de fitas...

pensou — *porque as filhas de Eva não pensam* — *e disse summariamente: Não!*

*Ahi está! A historia dessa criatura, cujos olhos eu amava tanto, póde ser resumida nesta synthese dolorosa: Um sonho... Uma mulher real para alguem, imaginaria para mim... A espera de um beijo... E o desengano de um «não».*

*A vida! Oh! a vida tem sempre o seu lado côr de rosa...*

• • •

FARPAS — Domingo... Eis-me ás voltas, novamente, com um domingo burguez... Escrevo num dia de domingo. Que fazer?

Oh, que dia imbecil!

Ainda si eu possuisse um automovel, uma *limousine* para fugir da cidade...

Mas o diabo é que não possúo nem uma bicycleta... E' horrivel! E vá a gente se acostumar á estupidez de uma vida de letras, sem o dôce conforto e luxo de um automovel!

Ninguem tem culpa disso, sei eu. Mas quem me paga a tristeza de ser *prompto* é o domingo.

Imaginem... Si eu hoje possuisse ao menos uma baratinha, abalaria daqui, desta minha rua barulhenta e povoada de melindrosas, para um recanto da cidade.

Havia tanto para onde ir... Não iria a Petropolis. Não faria a volta pela Gavea e Tijuca. Não faria o que toda gente faz. Tomaria a direcção e tocaria para a solidão de sêda de uma praia deserta. Bem deserta. Onde só houvesse palhoças humildes, coqueiraes e pannos de velas ao sol. E' claro que iria com ella. Ella!

Sabem os senhores quem é ella? E' uma creatura que me entende ás mil maravilhas...

Ora, muito bem. A minha tarde de hoje seria linda. Uma tarde, n'um reconcavo de uma praia, deserta e longinqua, á maneira daquellas que Pierre Loti nos evoca nos romances cheios de miragens.

Mas como não tenho o automovel, fico em casa, entre os meus e este ramo de rosas, que uma anonyma me offereceu pela manhã... Fico em casa a escrever esta nota, e, então, desando descompostura no domingo.

Pois não é uma vida amarga essa? Nem aos domingos descanso!

Antes eu fôsse aquelle caixeiro do botequim, que ali está. Elle hoje teve a sua folga. Ao passo que eu... Si fôsse possivel se analphabetizar do dia para a noite eu me sentiria feliz. E' bem melhor ser analphabeto do que ser escriptor de revista...

A gente vive uma vida tão obscura...

Afinal de contas os senhores nada têm com isso. Quem me ha de pagar é este domingo burguez: vou descompol-o...

Mas não! Agora reparo: si não fôsse elle, hoje não haveria este crepusculo tão dolente, tão cheio de mansa poesia... Lá vae o sol rolando nas tintas de purpura e ouro do occaso. Ha um socego triste aqui em casa. E o reflexo dourado, que vem da tarde langue, e banha as vidraças das janellas, acorda um mundo de evocações distantes e uma serena melancolia se insinua aqui na sala, como se fôsse um chôro subjectivo da penumbra...

...E lentamente, louvando este domingo burguez, eu recito, para mim mesmo, como quem reza, estes versos de um contemplativo...

*Hay en la contagiosa*
*[tristeza de esta tarde*
*— hora crespuscular —*
*[yo no sé que de ambiguo*
*sutil y misterioso...*
*[Mientras cae la tarde*
*mi alma, la romantica*
*[sueña, sueña...*

CHARLA — De Yves — E' comico. Até causa hilaridade. Por favor, meus senhores, queiram dizer-me uma cousa: quando se ama, e de repente se odeia, será possivel um par de amantes romper definitivamente?

E' possivel que os senhores fiquem indecisos. Essas coisas do coração quasi não podem ser resolvidas assim de momento.

O amôr! O amôr é tão complicado, é tão cheio de imprevistos... Imaginem que sendo o mundo que faz o amôr, é este que faz o mundo andar aos trancos. E' Béranger, o famoso cancionista francez, quem o diz:

*C'est l'amour, l'amour*
*[l'amour*
*qui fait le monde*
*á la ronde,*
*et chaque jour,*
*á son tour,*
*le monde fait l'amour...*

Bonito, não é?

Quiz com isso provar que o amôr é uma coisa difficil. Difficil como fazer um bom soneto, depois de Heredia, ou entender a alma de uma mulher que se diz sincera...

Mas vamos á nossa charada: póde-se romper

Quando se odeia? Eu asseguro que não.

Querem os senhores uma confirmação disso? Figuremos esta scena á *Grand-guignol*.

Elle, desesperado, e quasi certo de que ella arranjou um outro.

— Hypocrita! Fingida! De hoje em deante, está tudo acabado.

Ella, com medo do Othelo, e, ao mesmo tempo, innocente:

— Paulo, querido Paulo, escuta meu amôr!

— Não quero saber de nada! Estou furioso! (Como Orlando?) Odeio-te de morte! Sei que me enganas com outro!...

Ella, supplice:

— Tem calma, Paulo! Tudo isso é uma infamia! Eu só gosto de ti! Vem cá, dá-me um beijo. Um beijo longo, como o de Paolo e Francesca. Serei a tua Francesca!... (Esqueci de dizer que ella é romantica).

O Paulo, já menos furioso, esfria os nervos.

Ella domina-o. E o cavalheiro acaba chegando ás bôas: fazem as pazes.

O odio ahi teve força de attracção, força constructiva, aggregadora.

Dias depois, muito sereno, o cavalheiro reflecte. Pensa, pensa, e fica na duvida, como aquelle personagem de Tolstoi, na *Sonata de Kreutzer*: "Engana-me ou não enganará"? Elle não tem elementos para provar que ella não lhe é fiel. Mas tambem já não tem coração para amal-a.

E rompe... Rompe porque a serenidade é má conselheira do amôr: ella possue uma força dissolvente, neutralizadora e corrosiva. E' como o arsenico; mata lentamente...

De modo que podemos chegar a este resultado psychologico: Quando um homem ameaça: "Eu te mato porque te odeio" é signal de que elle ama desvairadamente. Ao passo que aquelle que fuma e sorri, e declara com um sorriso equivoco: "Não sei... Depende... Talvez sim, talvez não", podem contar na certa que esse homem já não ama...

BLAGUE — Minha amiga — Começo, paradoxalmente, este bilhete, este *petit* Meu, com um "adeus para sempre". Por que é esta a ultima vez que te escrevo.

E' portanto uma carta de desafogo esta missiva ditada pelo meu coração destroçado. Coração?

Certamente, não digo bem — chamando coração a um vacuo doloroso, que parece um abysmo.

Já não tenho coração. A imaginativa grega foi muito feliz em representar Eros, o Cupido dos latinos, na figura de uma creança loura, motejadora e astuta, cruel e piedosa, risonha e severa, em summa, absurda como tudo que se não póde conceber.

Cupido, como sabes, traz nas mãositas gordas um punhado de flechas. A's vezes, empunha um facho. A significação desses symbolos é bastante conhecida. Quer dizer que o amôr fére os corações, lacera-os, martyriza-os a flechadas, como os selvicolas, ou os consome a fogo. De qualquer modo, quem ama está sempre a depender desses supplicios mortaes. E' horrivel, não é?

Pois esse é o meu caso, querida. A principio o filho de Aphrodite, o terrivel deuzinho de cabellos de ouro e epiderme de liz, se limitou a fazer sangrar o meu coração; depois requintou na sua crueldade: reduziu-o a cinzas, com o facho devorador da sua maldade feroz.

Percebes? Queixo-me do amôr. Mas no caso vertente o meu amôr cruel és tu, minha pequena. Isto é, eras tu — porque, como dizia o poeta, para mim tu és hoje, apenas, a

*vaga claridade*
*que veste o céo azul do*
*[meu presente*
*e vem da estrella branca*
*[que passou...*

O fogo da tua maldade sem par destruiu o meu coração que era teu. E si ha nisso um immenso padecer, si é certo que soffro horrivelmente na solidão que me rodêa, não é menos verdade que me considero feliz. Sou feliz porque não tenho mais coração. Não te amo, mas tambem não poderei soffrer por outra, visto como não se concebe o edificio sem o alicerce.

Ah, querida! Perdôa-me essa imagem de mestre de obras. Porque, a falar a verdade, tudo isso que venho escrevendo é mentira. Não soffro por ti, nem por mulher alguma. E isso justamente porque sou felicissimo no amôr. O que eu desejava era escrever uma chroniqueta, para *Evanidade*. Faltava-me assumpto e o melhor que encontrei foi este — o de te dirigir uma carta.

Continúo a passar muito bem. Nem eu sou homem que me impressione com o amôr. Si hoje tu me enganas, é claro que tambem te engano dez vezes mais, — uma vez que só me lembro de ti quando estou em crise de assumpto e a imaginação se me afigura dura e surda como uma pedra. De resto, eu não creio no amôr. O amôr é — segundo um

ELLAS parecem dizer: «Qual de nós é a mais linda?» E, certamente, todos responderão: «Cada uma tem o seu encanto...»

escriptor de minha predilecção — como os espiritos, os fantasmas que toda gente fala, mas que ninguem ainda viu.

Adeus, querida, e perdôa-me esta *blague* do teu — Claudio.

OS HOMENS... AS MULHERES... — Eu rio das mulheres.

— Por que?

— Por muitos motivos.

— Diga um delles.

— Um delles? Ora, são tantos! Por exemplo...

— Continue, seu "blagueur".

Ninon, falando deste modo, sentada deante de mim, tinha um riso "moqueur." Dir-se-ia que estava disposta a retribuir todas as perfidias que fizesse, em relação á mulher. Insistiu:

— Continue. Vamos

lá! Cite um dos motivos que o fazem rir de nós outras...

— A preoccupação de originalidade...

— Que tolice!

— Tolice?

— Sim. Quer maior?

Agora fui eu quem sorriu e zombou de Ninon. Expliquei-lhe que as mulheres, em geral, tinham a idéa fixa da originalidade. Ser differente das outras! — eis o pensamento de todas. Ora, si todas raciocinavam assim, é claro que o "stock" de originalidade exgotar-se-ia.

— Isso é piada sua.

— Piada? Então não quer convencer-se da verdade?

E noutro tom:

— Toda mulher se considera insultada, quando affirmamos que é semelhante ás demais. "Deus me livre — exclama ella — Não quero fazer o mesmo que as outras fazem... Vê lá si sou igual a essas outras?"

Ninon explodiu:

— Nova tolice! Não vê que si uma mulher affirma ser differente das suas companheiras de sexo, é porque tem motivos para isso?

— E' isso mesmo. Todas acreditam que têm motivos para affirmal-o.

— Não faça ironia. Eu, por exemplo, não me considero semelhante a nenhuma outra filha de Eva. Julgo-me excepcional.

— Excepcional! E' o termo. E' a expressão predilecta. Creio mesmo que, neste mundo de meu Deus, não ha mulheres

que não sejam excepcionaes...

Houve um silencio embaraçado entre nós. Ella chegou a entreabrir a bocca escarlate. Tive um sorriso que queria dizer: "Ninon vae dizer uma banalidade qualquer..." Afinal, falei eu:

— Digo que não ha hoje mulheres que não sejam excepcionaes, justamente porque, em materia de serem communs são brilhantemente excepcionaes: quasi não ha parallelo... Mesmo porque seria difficil conseguir um terceiro sexo...

Ninon teve um arremesso:

— Com você não se póde conversar.

E arrematou:

— E' um perfeito garoto.

# O Romance do Rio Azul

*A' flôr do rio azul*
*Leve batel deslisa...*

*A agua ondula e encrespa,*
*Além desfaz-se em flôr,*
*E murmura, chorosa, uma canção de amôr...*

*O luar lava em prata a paizagem* **tranquilla,**
*O céo offega arque ja e cheio de oiro scintilla...*

*Corre o barco á flôr d'agua...*

*Dentro delle um casal.*
*Lindo par amoroso,*
*Joven e amoroso par...*

*Elle nobre, ella nobre,*
*Só o pobre remeiro que impulsa o barco é pobre...*

*O vestido da noiva é todo feito de prata;*
*— Representa uma paizagem perto de umbrosa matta*
*Onde pascem rebanhos de alvas ovelhas novas...*

*As estrellas, faiscam e scintillam das covas*
*Do céo que esplende sobre o rio a* **rolar,**
*Todo feito de prata e de caricia do luar...*

*Corre o barco á flôr d'agua...*

*Como vae todo em flôr,*
*Sobre as aguas que o têm como uma tenda de amôr...*

*E' pequeno o batel,*
*Pequenino é o casal*
*Que elle leva a sonhar...*

*Sob o limpo crystal*
*Do luar...*

*Longe, desponta, entre loureiros,*
*O pagode nupcial...*

*A Noite alonga-se pernaltica e* **pensativa,**
*E a sua mão de rendeira tece e aviva*
*A côr do céo que é azul e escumilhado de astros...*

*Vêem-se, depois que passa o barco nupcial, os rastros*
*Que deita no seu lindo vogar,*
*Entre as flôres que borda dentro d'agua o luar...*

*O rude barqueiro adormeceu.*

*A luz da camara amorosa*
*Adormeceu voluptuosa*
*Sem o mais intimo rumor...*

*O barco vae entregue ás frageis mãos de Amôr...*

*Na camara escura*
*Murmura,*
*Num arrepio,*
*De frio,*
*O harpejo*
*De um beijo...*

*A noiva tem na cabeça uma flôr de amendoeira..*

*Corre o barco á flôr d'agua...*

JOAQUIM THOMAZ.

# A MULHER CHIC

Eis uma pagina galante, que apresentamos ás nossas leitoras elegantes. Ahi estão os ultimos modelos de chapéos, lançados em Paris, por Madeleine, Alphonsine, Marthe Berthon e Helene Corbett.

(Photo Pierre Younitzky — Paris — Especial para FON-FON.)

# ADÃO & EVA

## O QUE ELLES NÃO PERDOAM

Uma sala de restaurante, á hora do almoço. Todas as mesas occupadas. Murmurio de vozes, em surdina, por entre claros sons de crystaes e talheres e os passos azafamados dos "garçons". A um canto, Nelson devora um bife sangrento em frente a seu amigo Mario. Este come e fala com menos disposição.

Nelson (proseguindo a conversa interrompida) — Assim, ainda não conseguiste saber nada?

Mario — Não. E nem imaginas como anseio por sahir desta duvida. Prefiro a certeza, ainda que seja a da traição. A mentira, meu amigo, é o acto humano mais infame... E as mulheres são tão hypocritas...

Nelson — O odio á duvida é natural. Todos o sentem. Sendo o soffrimento uma affirmativa, si bem que dolorosa, a duvida é a negação indecisa que provoca nova affirmativa. E' a injecção de cafeina que prolonga a agonia. Mas falta você com a verdade ao dizer que a mentira é o mais vil dos gestos humanos. Ha enganos piedosos, fingimentos santos...

Mario — Detesto por instincto qualquer falta de sinceridade. Ainda quando, por um motivo elevado, possa ser passivel de perdão... mas sem razão alguma! Si Mariza não me ama, porque não m'o dizer? Nenhum laço irreparavel nos une...

Nelson — Por que detesta você qualquer falta de sinceridade? Que é a mentira sinão a arte de crear illusões e que nos dá a vida sinão apparencias? Sempre reflecti que o maravilhoso e o irreal de todo romance é que o autor ergue o leitor acima da vida como num vôo sobre lares e consciencias, de modo a fazel-o conhecer todos os dados de um problema, do qual na realidade nós só conhecemos parcellas incompletas ou truncadas... Nós vivemos de illusões, meu amigo... Podemos dizer que as respiramos, as bebemos, e comemos. Você póde saber acaso o que sobre sua pessoa disseram hontem Fulano e Beltrana, em cuja amizade confia? Dos factores proximos ou longinquos que encaminharam para o successo ou o fracasso um esforço seu, quantos lhe são conhecidos?... E quando, no cinema, vejo dois amantes, que se buscam desesperadamente, passarem em uma multidão quasi ao lado um do outro sem se verem, e se afastarem para sempre, estremeço de angustia... Conhece você os perigos que o roçaram, os affectos que ignorou, a sorte que perdeu?... Em torno de nós, os actos, a vida toda é mysterio... Por que odiar a mentira de alguem, como si sómente ella obscurecesse o caminho que trilhamos?...

Mario (que ouvira absorto). — Mas si é justamente porque tudo é incerto, que ansiamos pelo repouso da confiança ao menos no coração que amamos!

Nelson — E você crê que, mesmo sendo absolutamente sincera, a pessoa querida, esse repouso existe? Não comprehende que as trevas que nos cercam penetram os corações? Que dia a dia os seres se modificam ao sabor das apparencias que oscillam e que o malentendido se insinúa entre as almas mais leaes? Prenderam, ha dias, um vendedor de talismans... Que mal fazia elle?... Vendia esperanças, espargia illusões... Por que então dizem que mais vale a crença, seja qual fôr, do que o scepticismo absoluto?... Olha, Mario, a verdade é que os homens não odeiam a mulher pela mentira com que ella os engane, sinão pela imperfeição ou suppressão dessa mentira...

## O QUE ELLAS NÃO COMPREHENDEM

Na sala de entrada de um palacete no Flamengo, Semi-escuridão. Ao centro, uma pesada mesa de mármore, sustentando um bronze. Os degrãos atapetados da escada se offerecem em espiral macia. Pelas paredes, panoplias e medalhões antigos. A um canto, um enorme sofá de couro, um pouco usado, por isso mesmo mais fundo e voluptuoso. Sobre elle, em meio a almofadões amassados, Maria-Elisa se inclina para Ruth. Esta, quasi deitada, apoia a cabeça nos braços erguidos.

Ruth (interrompendo o que a amiga lhe dizia). — Não é ciume; é revolta pelo desafôro!

Maria-Elisa (sorrindo pacientemente). — Não é ciúme, é zelo, explicam os homens. Não é ciúme, é revolta pelo desafôro, dizem as mulheres... Por que ninguém confessa esse sentimento, tão humano, entretanto? Pois eu, si o percebesse em mim, diria: "Tenho ciúme". E não iria procurar outro nome para encobril-o. A questão, porém, é que nunca o senti.

Ruth — Duvido! Você póde não confessar, mas no intimo ha de experimental-o.

Maria-Elisa (pensativa). — Não, nunca senti ciúme. A razão talvez seja que tive em casa, desde a infancia, um exemplo tão frizante dos males e ridiculos que elle traz, que o abominei para sempre.

Ruth — Qual! Quem não tem ciúme não ama.

Maria-Elisa — Não diga isso... Já procurei uma definição para o ciúme e eis a que me pareceu melhor: "E' o instincto de defesa do amor cuja posse nos dá ventura ou orgulho".

Ruth — (erguendo-se um pouco sobre o cotovelo num gesto de attenção). — Você disse bem: é o instincto de defesa do amor que nos pertence. E como tal é justo e razoavel.

Maria-Elisa (animada pelo interesse da outra) — Sim, mas, como todo instincto de defesa, elle é tambem, naturalmente aggressivo! E como a aspereza é o ácido corrosivo do amor, o ciúme falha o seu proprio fim e destrôe o que pretendia conservar.

Ruth — Talvez... Mas como se dominar ante certos factos que revoltam todas as fibras do ser?

Maria-Elisa (fitando, entre compassiva e desdenhosa, os olhos fuzilantes da amiga). — A's vezes esses factos não passam de méra coincidência. E o ciúme age desastradamente como remédio violento sobre uma carne sadia e...

Ruth (interrompendo-a, com a mesma expressão antipathica que a enfeiava). — Coincidencias... Coincidências! E a gente a fazer o papel de Christo, não é?...

Maria-Elisa (a principio, com doçura persuasiva, emquanto em seu olhar vencia a compaixão). — Ouça, Ruth. Você diz que não ama quem não tem ciúme... Não é verdade. Quem uma vez comprehendeu amargamente o ridículo e a inanidade desse pobre sentimento, póde amar e o não sentir. Si feliz, não se atormentará com minúcias cuja explicação terá minutos depois... E si vê que seu amor lhe escapa, saberá suffocar o instincto obscuro e tonto da defesa, para lutar com a intelligencia. Então procurará reter o affecto que lhe é caro pela seducção, pela ternura, pelo despreso, si preciso fôr... mas nunca pelo ciúme! E si fracassar, minha querida, irá buscar no mais profundo de seu coração a força de vontade necessária para se matar, se dominar ou se entregar a outro, mas não mostrará ciúme nunca!

Porque, ainda a vingança, única que podemos esperar de um grande amor despresado, é a imagem que delle ficou na vida do ser amado... e que talvez um dia venha a pungil-o acerbamente... E o ciúme, minha amiga, as scenas, as reclamações, os insultos, as supplicas aviltantes, degradam essa imagem, irreparavelmente, e frustram a derradeira esperança de desforra.

(Maria-Elisa acabára falando com paixão dolorida e convicta. Em torno, a semi-escuridão da saleta parecia aspirar á calma e ao silencio.)

SOB os auspicios do Touring Club do Brasil realizou-se, sabbado ultimo, na séde do Automovel Club do Brasil, a Convenção Preliminar Turistica, destinada a tratar da regulamentação e segurança do trafego nas rodovias que ligam esta capital aos Estados do Rio, Minas Geraes e S. Paulo, e bem assim da estadia dos turistas nesta capital e nas cidades ligadas por estradas de rodagem, e ainda do transporte de malas e mais objectos de bagagem dos passageiros de carros particulares e em transito.

## PENSAMENTO DE MULHER

Ha mulheres majestosamente adereçadas como cysnes. Irritae-as: vereis as suas plumas eriçarem-se durante um segundo; depois desviam-se silenciosamente para se refugiarem no meio das ondas.

Carmen Sylvia.

O Pavilhão do Paraná, na 2.ª Feira de Amostras do Districto Federal, encerrada domingo ultimo, foi centro, tambem, de elegantes e finas reuniões. As «tardes de matte» offerecidas pelo seu delegado especial, nosso collega de imprensa, L. Costa Andrade, á sociedade carioca, constituiram um acontecimento mundano de fina distincção. Na gravura acima vêem-se, além do representante do sr. presidente da Republica, varios vultos de destaque na nossa alta sociedade, que tomaram parte na «tarde de matte», em honra do chefe da Nação, no Pavilhão do Paraná.

# PAIZ DAS PEDRAS VERDES

De

RAYMUNDO MORAES

RAYMUNDO MORAES é paraense e amazonense ao mesmo tempo. Porque nasceu no Pará, mas exerce sua actividade no Amazonas. Mas elle é, antes de tudo, brasileiro. E brasileiro que honra seu paiz, pela intelligencia, pela cultura e pelo patriotismo sadio que inunda sua alma deslumbrada. Escriptor imaginoso e subtil, de estylo nervosamente pessoal, seu nome goza de notavel prestigio no Brasil inteiro. E' um nome literário de tão grande repercussão, que de Manáos elle nos chega até nós, aqui no sul vertiginoso, com a mesma sonoridade triumphal com que écôa nos circulos mentaes da Amazônia...

Raymundo Moraes inicia, com este fascinante "Paiz das Pedras Verdes", a sua valiosa collaboração no FON-FON.

EMBORA a Amazônia seja, na sua maioria topographica, uma vasta planura alluvionica, varzea trigueira retalhada de prateados fios dagua, o seu debrum é de pedra. Desde o hemicyclo andino, no fundo occidental, até a linha dos flancos a norte e ao sul, que o muro do amphitheatro, escancarado para o mar, denuncia a rocha nos seus multiplos aspectos.

De maneira que se não deve estranhar que na formidável planície, de terra leve e collo sedimenticio, quasi erma do penhasco e do monolitho que não sejam os rolados nas avalanches dos cimos, exista tanta pedra verde. São numerosos, pois, os tembetás de orthosia e as camandulas de cornalina. E' que a percinta arenitica contornando a lyra enfestonada e ondulante, corresponde, no relêvo geologico e na grandeza da moldura, á vastidão theatral da bacia.

Seria preciso ainda assim que se mergulhasse na historia autochthone desde as primeiras investidas do conquistador, para lá da descoberta, afim de se ter a noção exacta da abundancia e do uso que o indio fazia da pedra verde, encontrada nos seus machados, nos seus punhaes, nos seus trophéos e nos seus fetiches. Utensílios domésticos, armas de guerra, adornos festivos, talismans de amor abriam-se-lhe no silex.

Da busca porventura dada nos enfeites e nos ídolos, nas reliquias e nos amuletos das tribus perdidas no valle, das orlas atlanticas ás puñas peruvianas, dos reconcavos de Matto Grosso ás bordas do Parima, resalta esse magnético attractivo do incola pelo crystal, como se a sua veneração pelo sol e pelas estrellas, pelo trovão e pelo fogo, cedesse o passo, num encanto votivo e pagão, á lithurgia verde e methamorphica da agua solidificada na grossularia, no melanito, no porphyro e no beryllo.

Os esfloramentos de schisto verde encontrados por Frederico Hartt, no Tapajós, abaixo de Itaituba, repontam igualmente no alto rio Branco, á sombra do Roraima, esboçam-se em Monte Alegre, nas faldas do Ereré, esgarçam-se nas vertentes do Tocantins, no arco dos Pyrineos. Parecem o esqueleto monstruoso de algum deus de opala, enterrado ha millenios, e mostrando, pelos rasgões da túnica de argillas rôxas, as costellas, os femures, as tibias, as claviculas verdes.

Mal o aborígene deixava a gleba movediça e chã da baixada, nos atrevidos raids alpestres para o combate ao inimigo e a caçada á embiára grauda, logo se lhe deparavam, no rebordo dos platós, as toalhas estratigraphicas do amazonilo. Telegraphando na peleja dos companheiros pelo toque sonoro das napupemas, assignalando na luta as posições pelo semaphoro oscillante da fumaça, o indio não tirava o sentido da pedra.

Druida americano com a visão embebida na relva, no arbusto e na arvore, pantheista errante sob os zimborios vegetaes, preso á belleza chromatica do seu *habitat*, amando e orando á sombra de grandes chapéos verdes, assim que rompia da jangla rumo do altiplano desnudo e árido, arenoso e pardo, levava na menina dos olhos o matiz glauco da flora — e todos os verdes da hylóa, numa eclosão nostalgica e panoramica, rebrilhavam-lhe na vista.

Dahi o interesse pelo seixo de diorito que seu pé topava e que sua mão levantava, tanto mais estirado e guardado com carinho feminino no fundo do panacú escoteiro da viagem, quanto lhe recordasse, no palôr da tinta, a abobada de suas cathedraes silvestres, o tecto arboreo de sua pousada nômade, a alcatifa de samambaia de suas veredas invisiveis. Ademais, o achado era tido como um signal propiciatorio dos caruanas, vigilantes e generosos com os fieis tutelados.

A noticia sensacional de que na mesopotamia interferida pelo Nhamundá e pelo Trombetas, ao fundo das aguas mysteriosas do Espelho da Lua, as icamiabas colhiam certas pedras verdes e sagradas, distribuindo-as depois com os amantes, devia ter alvoroçado todas as tribus da Planície. Talisman que além da saúde, da felicidade e do encanto, transmittia a virtude — a imaginação do incola phosphorescia por adquiril-o.

Denominado muirakitã, pedra de commando, insignia de chefe, e não muirakitan, nódulo de pau, como corruptamente se escreve hoje, os naturalistas, os archeologos, os sabios, os militares e os frades procuraram-no, buscaram-no insoffridos, já não diremos para constatar-lhe a estructura e a origem, mas, de certo, para lhe experimentarem o sortilegio miraculoso. De Humboldt a Barbosa Rodrigues, do conselheiro Fischer a Ladisláu Netto escreveram-se artigos, memorias, volumes sobre a nephrite e a jadeite, maravilhosas pedras verdes cujo condão divinatorio perturba a intelligencia.

Nem a admiravel ceramica indigena de Marajó, nem as urnas anthropomorphas das grutas de Maracá, nem ainda os mythos pittorescos e ferozes de todo o valle verdejante tiveram a força suggestiva e hypnótica do amuleto conhecido por *muirakitan*. O verdadeiro nome da Amazônia, de um extremo a outro da Planície, devia ser, por esse imantado fascinio pela conta malva de feldspatho — o Paiz das Pedras Verdes.

# O ANNIVERSARIO D'"O GLOBO"

O "GLOBO" festejou no dia 27 do mez próximo findo mais um anniversario da sua fundação.

Diario moderno, elaborado com o brilho e a competencia das pennas mais illustres da imprensa brasileira, o vibrante vespertino carioca é bem um dos orgãos representativos da opinião popular.

Fundado por Irineu Marinho, o remodelador insigne dos nossos processos jornalisticos, "O Globo" appareceu justamente n'uma phase em que as classes opprimidas necessitavam de mais um defensor dos seus direitos e das suas justas aspirações. Dedicando-se, brilhantemente, á causa publica, não tardou a se vêr prestigiado pelas sympathias populares.

E esse programma de bem servir ao nosso povo, o valente vespertino o tem sabido cumprir, até o presente, sem quebra de linha e sem desfallecimentos.

Dispondo de pessoal competente e senhor de todos os segredos do jornalismo moderno, abriga na sua redacção uma phalange de moços que se destacam pela scintillação do seu espirito e o denodo das suas attitudes.

Falando desses nossos brilhantes collegas, é necessario não esquecer os nomes de Eurycles de Mattos, intelligencia dynamica, vibratil e vertiginosa; Leal da Costa, o tino financeiro alliado ao espirito jornalistico; Herbert Moses, a cultura scientifica, a actividade emprehendedora e incansavel; e todos elles principaes directores do "O Globo".

Seguem-se os seus distinctos auxiliares. Horacio Cartier, — o estylista incomparavel, a quem são familiares todas as modalidades do jornalismo, sem referir os seus meritos de artista, que tanto o distinguem como poeta e prosador de phrases luminosas; Raphael Barbosa, outro intellectual de cerebração possante, estheta puro e perfeito; Eloy Pontes, o mestre das perfidias contundentes, o argumentador ousado e temivel; Roberto Marinho, fluente e vibrante, de attitudes fidalgas. E quantos mais? Costa Soares, — o fixador dos flagrantes da vida quotidiana, nas suas linhas mais impressionantes; Manoel Gonçalves, o chronista de estylo sóbrio, claro e visão perucuciente; Pereira Rego, o commentador vibrante e sagaz; Netto Machado, outro mestre do commentario; Paschoal Ferroni, um jornalista sereno, e, afinal, Barbosa Corrêa, que é um rendilhador de phrases lapidares.

Por todas essas razões, "O Globo" é um jornal que se impõe á admiração e ao acatamento de todas as classes populares. Consequentemente, a sua data anniversaria não é grata sómente aos seus elaboradores, mas tambem a todos os que o lêem e nelle encontram um leal defensor das causas nobres.

OS amigos, discipulos e a familia de Irineu Marinho, na manhã do anniversario d'«O Globo» foram visitar o tumulo do seu saudoso fundador, depositando flores e externando pensamentos de saudade

Na egreja de São José, depois da romaria ao tumulo de Irineu Marinho, se realizou uma missa em acção de graças, fazendo a predica monsenhor Benedicto Marinho.

# Diplomacia

ESTÃO focalizados nos detalhes photographicos desta pagina os acontecimentos diplomáticos que se verificaram no correr da semana. Acontecimentos que reuniram as figuras mais representativas do nosso mundo social, além dos diplomatas estrangeiros aqui acreditados e autoridades brasileiras. E' a recepção que o sr. ministro Victor Maurtua offereceu, domingo passado, no palacio da legação do Perú, por motivo do anniversario da independencia do paiz amigo. E' o jantar offerecido, pelo sr. ministro do Paraguay, ao chanceller brasileiro, dr. Octavio Mangabeira. E', finalmente, o banquete que o sr. embaixador do Chile, dr. Irarrazaval Zañartu, deu, na séde da embaixada, em honra do sr. ministro das Relações Exteriores.

## SERMÃO DO MEZ DA GLÓRIA...

*Tudo é possivel nesta vida.*
Antes do sim, não digas não...
Braza dormida,
chamma repousada,
renova o incendio, anima-se em rajada
e arma a devastação.

E, muita vez, de onde suppunhas
só receber louvor consciente,
ou amizade incondicional
(disso são teus ouvidos testemunhas
e nos olhos possúes — duplo fanal)
vem a ameaça, o insulto, a affronta...
Achas que não? Cabeça tonta!
Sempre a girar, tão differente
de toda gente!
sonhador... sonhador sentimental...

Mas, lá vem sempre um dia... toda gente
renuncia, rasteja, agrada e mente...
Braza dormida
que aspira a flamma renovada,
tem de abjurar a luz do ideal,
arder, viver — "fazer a Vida",
sacrificar á Vida... etc. e tal...

Nada é impossivel, já te disse.
Na mocidade ou na velhice,
sempre ha caminhos para chegar antes
que a Sinceridade
aos cimos culminantes
da orographia da Sociedade!

— "Lobo e cordeiro..." Nada! Apenas,
lobo-raposa
que ataca, a pleno sol, os gallinaceos
e, ainda com o sangue e as pennas
pelo focinho, ou entre as patas, ousa
negar a identidade de raposa
e entrar, manso e domestico, os palacios...

Emquanto isso, o cordeiro
fica de fóra, ou fica no xiqueiro,
desgarrado no aprisco ou no quintal,
humilde, á humilhação de cada dia,
á espera da tosquia
etc. e tal...

Fabulas, aphorismos, lendas... nada!
Braza dormida,
flamma acordada...
*Tudo é possivel nesta vida...*
Não? não crês, afinal?
Preferes não mentir? Não renuncias
tuas fantasias?
Juras o bem, negas o mal?
— Pois has de ser braza dormida
durante toda a tua vida,
ou isso, ou menos, etc. e tal...

# Bazar de Bonecas

## Feira de Vaidade e de Elegancia

### BALCÃO FLORIDO

Sobre o amor:

*Son plus profond abime est sa plus belle forme.*

Essa phrase, posta na bocca de Hadewijch, a mysteriosa inimiga de Ruysbroeck — o Admiravel — reflecte e traduz bem uma das mais profundas e fortes manifestações do amor no coração humano. Porque nos abysmos, ás vezes impenetraveis e insondaveis do amor, é que arde mais intensamente o fogo sagrado cuja flamma, crepitante e ardente, illumina e incendeia a tragédia interior de tantas vidas profundamente dolorosas.

São tragédias, muitas vezes, silenciosas e, por isso mesmo, mais vividas na sua dôr, ou são tragédias que se exteriorizam e trazem, ao palco agitado e tumultuoso da vida, todo o desespero e toda a amargura, toda a angustia e todo o soffrimento de todo o grande e profundo amor que lhes deu forma, que lhes deu expressão, que as creou e animou.

Tambem a mais bella forma do meu amor é o abysmo que cavaste no meu coração. O abysmo que ahi abriste, um dia, para satisfação unica da tua curiosidade de mulher. De mulher sem alma e sem coração.

Mas nem por isso eu te quero mal. Esse amor, mysterioso, intenso, infinito e loucamente doloroso, é a exaltação da minha vida, a sua unica e grande expressão. Toda a minha emotividade, todo o meu ego, com o seu soffrimento e a sua inquietação, ardem na pyra em que transformo a minha dôr no incenso e na myrrha que queimo em teu louvor.

Porque tu és a minha fonte dolorosa, a fonte em que bebo a taça amarga da minha desillusão que, é, ainda, paradoxalmente, a illusão da minha vida e a minha tragedia interior.

Busquei em ti, na doçura de teus labios mentirosos, a ambrosia com que sempre alimentar o mais lindo e o mais suave sonho de amor e felicidade que alguem pudesse sonhar e... realizar. Mas tu me déste apenas o fel, todo o fel que se continha no teu coração de mulher. E, gotta a gotta, eu, que te amava até o sacrificio, venho esgotando o calice de amargura que estendeste para os labios que te imploravam doçura de beijos e caricias frescas de agua pura de fonte.

Ha vidas, porém, predestinadas para a angustiante provação desses jardins de oliveiras. E tu és o meu *Horto das Oliveiras*, o meu jardim de supplicio.

Escreveu um psychologo que *le plus déchu des hommes a toujours une sorte de lieu sacré, une sorte de retraite dans son ame, où il retrouve un peu d'eau pure, et où il va puiser la force nécessaire pour continuer de vivre.*

Eu bebo, porém, na fonte mesma da minha amargura, a agua de dôr que alimenta a minha vida. Uma agua pura e amarga que mata e que alimenta, e que eu sorvo silenciosamente, *sans autre témoin que mon coeur...*

FEMINISMO

A senhorita Rosalmira Colomo é a joven e galante feminista mexicana que está trabalhando, junto á Commissão Internacional de Mulheres, em Washington, em prol da igualdade de direitos.

### SORRINDO...

Nietzsche foi um philosopho de attitudes muito francas e decididas, para não dizer audaciosas mesmo.

Collocado no ponto de vista através de que via o mundo, a humanidade e as coisas, o solitario e rude pensador de vez em vez fazia tambem a sua blague-

zinha, sobretudo com as mulheres e especialmente as mulheres cultas, literatas.

Agora mesmo, relendo as suas *Maximes et Pointes*, em *Le Crépuscule des Idoles*, não me contenho que não passe esta para o papel que venho garatujando:

*On dit que la femme est profonde — pourquoi? parce que chez elle on arrive jamais jusqu'au fond.*

Não fica, porém, ahi a perversidade dessa blague do creador do super-homem, porque Nietzsche, levando mais longe a sua maldade — fecha-a assim: *La femme n'est pas même encore plate.*

Mas isso, certo, não passou de blague, muito embora Nietzsche se declarasse abertamente um franco inimigo da mulher de... letras.

Eu, pelo menos, cito a phrase sem sub-intenções, como uma blague que não deixa de ser deliciosa...

*ROSAS DE SANTA THEREZINHA*

*Meu principe e meu senhor* — Os ultimos *Pombos-correios* que trouxeram á sua exilada *Santinha* a consolação do seu carinho, do seu amor, encheram-na tambem de uma louca alegria. Alegria e tambem orgulho, meu principe adorado: alegria de me sentir assim querida e orgulho de ser amada por você, que tão bem tem comprehendido a alma feliz e exaltada da sua Maria do Céo.

Agora mesmo, a admirar, da janella do meu quarto, a luz que se derrama e espalha sobre este recanto sertanejo, enchendo de caricia e de alegria a copa verde das arvores e a terra morena e fecunda, tenho a impressão de ser mesmo, como você disse, uma raiz humana, uma raiz, porém, que vive, não da seiva que suga no seio da terra, mas da que haure nas entranhas do proprio amor que faz desabrochar em sua alma as rosas mysticas de seu coração, deste coração de que é sol, de que é luz, a caricia quente de seus olhos, meu principe. Porque eu sinto que toda a illuminação do meu ser interior é obra miraculosa e bemfazeja do amor que faz a festa e a alegria de minha alma de mulher — o suave e abençoado amor do meu principe.

Escute: não sei bem por que tenho, agora, as pupillas cheias de lagrimas. Alegria? Saudade? Não sei o que será. Uma e outra coisa, talvez, ou melhor, ternura, excesso de ternura, dessa ternura que amollenta e amacia o meu ser, com suavidade de veludo, sempre que pego da penna para conversar com você...

Mas, hoje, noto, estou a sentir, mais do que nunca, a sua ausencia. Estas lagrimas... Esta saudade...

Meu principe e meu amor, venha ver-me, venha trazer á sua *Santa Therezinha*, aqui da terra, á sua Maria do Céo, o suave peccado do seu beijo, a benção illuminada de seus olhos...

Choro, não posso mais escrever. Estou triste, sinto-me tão só e tenho tanta necessidade de carinho, tanto desejo de o ter, para sempre, junto de mim!... — Sua, Maria do Céo.

EDMÉA Montanari, a festejada soprano que o nosso publico mais de uma vez tem admirado e applaudido. Cantou na ultima temporada Scotto, no Municipal, tomando parte na representação da opera «Innocente», de Mignone, e ainda este anno sua voz se fez ouvir, com destaque, em «Carmen» e «Palhaços», por occasião da visita que nos fez a Companhia do Centro Artistico de São Paulo.

*SEARA ALHEIA*

JUANA DE IBARBOUROU.

*Como un ala negra tendí mis cabellos*
*sobre tus rodillas.*
*Cerrando los ojos su olor aspiraste,*
*diciéndome luego:*
*— ¿Duermes sobre piedras cubiertas de musgos?*
*Con ramas de sauces te atas las trenzas?*
*Tu almohada es de trébol? Las tienes tan negras*
*porque acaso en ellas exprimiste un zumo*
*retinto y espeso de moras silvestres?*
*Qué fresca y extraña fragancia te envuelve!*
*Hueles a arroyuelos, a tierra y a selvas.*
*Qué perfume usas?*
*Y riendo, te dije:*
*— ¡Ninguno! ¡Ninguno!*
*Te amo y soy joven, huelo a primavera.*
*Este olor que sientes es de carne firme,*
*de mejillas claras y de sangre nueva.*
*Te quiero y soy joven, por eso es que traigo*
*las mismas fragancias de la primavera!*

*ESTRELLAS CADENTES*

No céo de teus olhos, meu amor, eu fui encontral-as mais lindas estrellas cadentes que os meus olhos já viram: — tuas lagrimas, mas as lagrimas da tua alegria, quando o alvoroço sadio e puro do jubilo te inunda o ser em pleno deslumbramento de belleza e de graça, de fascinação e de enthusiasmo. Como é bom e delicioso ver-te assim, a sorrir, illuminada de alegria, emquanto no céo de teus olhos uma, duas, e ás vezes mais, estrellas cadentes, feitas de lagrimas, brilham e palpitam nas tuas pupillas negras para, depois, descerem pelo suave carmim de tuas faces...

Vi-te, assim, uma vez e assim tive-te nos braços palpitante e alvoroçada como um passaro inquieto. E as lagrimas da tua ternura, uma a uma, se foram

desprendendo do céo de teus olhos enternecidos e foram as mais lindas estrellas cadentes que os meus olhos já viram...

## SOCIEDADE

Elegancias — O nosso companheiro Bastos Portella foi convidado pelo Departamento Social do America Football Club, representado pelo seu director, dr. Henrique Alves, para organizar o programma da proxima festa de arte, que se realizará no dia 17 do corrente, ás 9 horas da noite, na séde daquelle club. Como se sabe, os festivaes do America têm constituido verdadeiros acontecimentos artisticos, desde que foram iniciados, e tiveram, á sua frente, os drs. Henrique Alves, Oswaldo Curty e Bastos Portella. O dr. Oswaldo Curty desligou-se do Departamento Social, tendo, por isso, cessado a sua acção.

Ficaram os outros dois organizadores, que, embora lamentando a ausencia do illustre companheiro, muito se vêm esforçando para que a primeira festa deste anno tenha o mesmo brilho das anteriores.

No programma que está sendo elaborado figuram, até agora, as senhoritas Xeusa Moura Ferreira, Lucia Lobo, Eufrice Paes Barreto, Dilke Barbosa Rodrigues, dr. Bento Martins e tenente Soffiati. Outros nomes não menos distinctos ainda deverão ser incluidos no programma.

## POMBOS-CORREIOS

Maria do Céo, meu lindo e suave amor — Já as azas, arfantes e inquietas, do ultimo *pombo-correio* que lhe enviei cortavam o espaço luminoso, em busca da ausente, mas sempre e cada vez mais, adorada castellã de meu coração, quando me lembrei que me esquecera de lhe falar um pouco de mim, da minha saudade, Maria do Céo.

E minha alma, minha querida, minha alma e meu coração, desde que você está ausente, vivem a repetir o circulo vicioso do rythmo da sua saudade. Uma saudade que é bôa, e é consoladora, e é suave, mas que não deixa de ser um "espinho cheirando a flor", na encantadora phrase de Bastos Tigre.

Deante disso, você não avalia a alegria, a festa que vae no mundo de minha alma e de meu coração, cheios de Você, Maria do Céo, quando recebi as suas ultimas rosas de *Santa Therezinha*, as que, hoje, enfeitam e perfumam o meu *Bazar de Bonecas*, de que você, meu amor, é o encanto e a graça.

Seu coração veiu ao encontro do meu, minha *Santa Therezinha*, e os dois cochicharam e tramaram essa abençoada coincidencia dos nossos mais intimos e gratos desejos. O rythmo da minha saudade cantou, em duetto com o seu, espaço em fóra, e, quando eu ia pedir-lhe para vel-a, você vinha tambem, pelo mesmo caminho, ao meu encontro, para convidar-me a ir visital-a nesse lindo recanto do seu sertão mineiro.

E eu me apresso em lhe enviar este alviçareiro *pombo-correio*, para dizer, minha adorada Maria do... Céo, da terra e tambem do meu coração, que, breve, muito breve, lhe farei a surpresa da minha visita.

Até lá, porém, não deixe de mandar-me algumas braçadas das Rosas de *Santa Therezinha*, as lindas rosas que são o encanto e o deslumbramento do meu amor do... céo.

## PETIT-BLEU

Já não posso crer em ti e nisto está o meu maior soffrimento. Sinto, ás vezes, que me amas; mas, porque já me mentiste, encontro um amargo sabor de

SENHORA Guiomar Lima Timoco e seu interessante filhinho Carlos, que está intrigado com a attitude risonha de sua mamã, deante da machina photographica...

* * *

mentira, de falsidade, de embuste nos teus transportes de amor, nas tuas caricias, e até nos teus gestos.

E soffro, por isso, soffro por já não poder acreditar em ti. Vejo-te a sorrir para mim, agora, e, logo mais, dares o mesmo sorriso para um outro.

A duvida é bem um travesseiro de espinho, como o disse alguem, e a que faz, hoje, a minha tortura de todo momento, foi feita de uma mentira de teus labios. Eu te suppunha incapaz de mentir, apezar de seres mulher como as outras e saber que as mulheres, em geral, fazem do amor um sport de... olhares e sorrisos e beijos pontilhados de mentira. Porque em cada olhar, em cada sorriso, em cada beijo de mulher ha uma intercadencia, um intervallo, uma pausa, uma reticencia que deixa adivinhar a mentira que fez o seu motivo.

E tu és a minha "mentira", de certo tempo para cá, tão linda e tão sorridente, e transformaste o teu collo macio e alvo — o teu collo, que eu procurava como um refugio amigo e bom — no travesseiro de espinho da duvida em que vivo e que tanto me faz soffrer...

# VIDA ESPIRITUAL

De C. da Veiga Lima

FAÇAMOS a vontade de Deus com todo o nosso coração. Que não fique uma nota de desillusão na mais intima vibração secreta do pensamento. Que a luz torrencial do alto seja como a chuva benefica que fecunda a terra e diviniza o humilde grão de trigo. O peccado não foi enviado á terra; os homens tiraram-no delle proprio.

Os homens são bons, são máos quem sabe? Cada alma tem sua angustia e seu desespero, sua illusão e sua esperança, seus momentos de exaltação e desanimo, a tristeza e a alegria, para compensar os extremos da melancolia e da felicidade. Ha, mesmo, momentos em que a alma, falando ao coração, renova o sentimento de infinito que o ser recolhe toda a hora da sua propria vida interior.

Para mim — "Elle a des raisins d'or la grappe de Mauiomm".

A minha alma autumnal é um terreno propicio á germinação da graça divina. Lê-se no Shabbad — "aquelle que se esforça de caminhar na vida do bem, obtem o auxilio do céo". Acho nisto uma fonte de energia, de optismismo, de alegria e de esperança; tudo isto dá a minha vida, a unidade espiritual que sonho! Confirmam-se as minhas aspirações religiosas (o sentido do divino sempre foi a miragem do meu pensamento secreto e a força da sua realização material).

Cada acto da vida é um acto divino e tem significação mystica para a alma! Não ha coisas vãs na ordem do sentimento, porque o que se impregna da nossa sensibilidade tem medida incommensuravel, é um imponderavel subjectivo! Sentimos a differença de viver quando a vida se espiritualiza, sentimos que a vida é melhor quando realizamos a nossa missão de amor. Somos instrumentos passivos da graça divina! O homem tem necessidade do amor, para recrear a sua propria essencia divina. Sou um mystico que se ignóra; ha na minha alma a ansia de encontrar a formula mystica do desconhecido, como si fôra uma conquista difficil, mas certa!

Messianismo espiritual, dom de poesia, ideal mystico, abstracção da realidade, que sei? Tudo isto vem do soffrimento, da vida interior que se consome no fogo da ardente paixão, do sentimento desinteressado do amor, da vida total da alma, em cada minuto ephemero da existencia. Só uma conversão real renova inteiramente o espirito; só o desejo da perfeição póde encaminhar a alma para as solidões paradisiacas do pensamento puro, onde se vive immaterialmente a illusão ardente das horas que passam!

Só a fé poderá salvar o homem! Disse o propheta Isaias: "a terra está cheia do conhecimento de Deus como o Oceano está cheio de voz divina, pelo verbo, pelo espirito."

Algum dia, como diz o propheta, os homens invocarão todos com labios puros o nome de Deus!

Continuamente o espirito divino nos ampára; — nas horas tentaculares de solidão interior, quando se desce aos abysmos crepusculares da alma, adormecida na inconsciencia de seus desejos e aspirações secretas, é que se comprehende que seria impossivel viver sem a crença absoluta na immanencia divina!

A redempção está no homem porque póde conquistal-a pelo seu proprio esforço. A verdade não é sobrenatural; a realidade não é prophetica — é um phenomeno que se comprova. A divindade está ao alcance do espirito infantil; é uma idéa pre-estabelecida na harmonia dynamica do conhecimento. Quem procura Deus, já o encontrou. O espirito geometrico não o define; só o espirito de finura, pascaliano de origem, póde interpretal-o com fidelidade.

Deus confirma, em substancia, a união do real e do ideal. Como se realiza o destino dos homens? Pela voz divina, pelo verbo, pelo espirito. Algum dia, como diz o propheta, os homens invocarão todos com labios puros o nome de Deus.

A evolução espiritual vem desde o primeiro propheta annunciador da necessidade determinista com a liberdade do *élan* creador, vital. A renovação espiritual é uma necessidade para a alma; é uma collaboração do divino com o humano, do ideal, até a época das apocalypses judaicos e do Aggadah hebraico. E' uma idéa maravilhosa do hebraismo a realização quotidiana do divino. E' a litteratura apocalyptica, messianica, eschatologica, toda côr e fantasia, toda ardor e esperança, como diz Lattes.

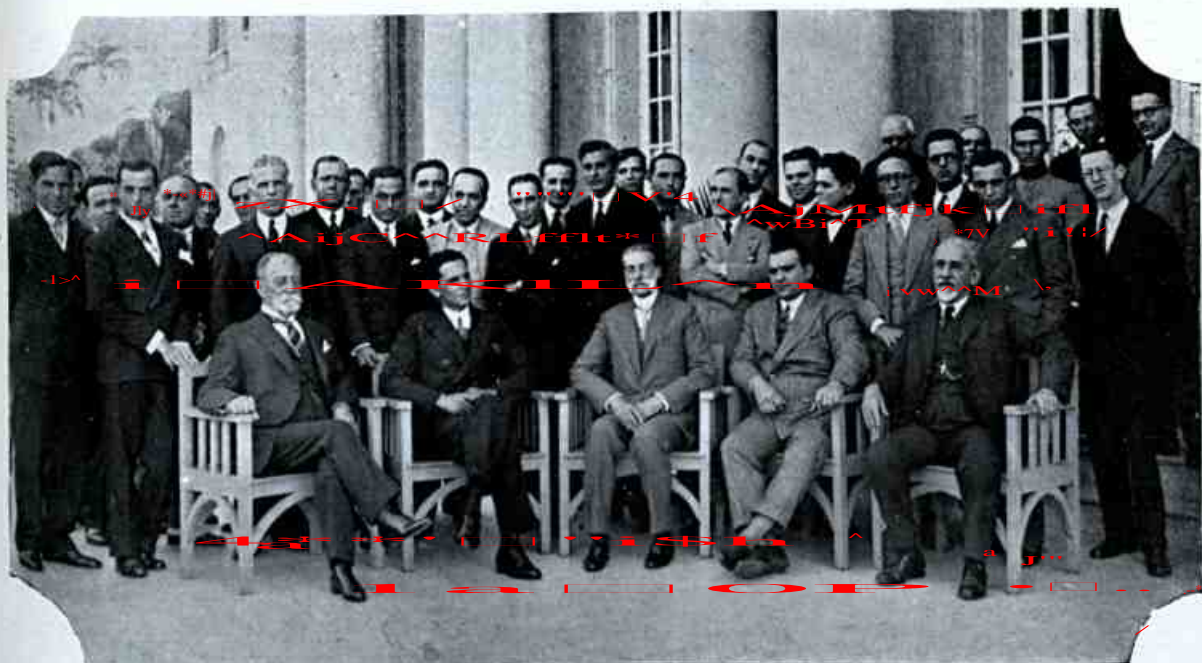
Pelo que tem de profundo, activo creador e animador de estados de alma, rarissimo o facto christão é de pura essencia milagrosa!

Ha indicio de divindade na aspiração do homem; a immanencia divina se manifesta na origem dos pensamentos sãos e nas harmonias terrenas do amor! O pessimismo é vão e esteril, não deixa florir o sonho, nem alimenta o dom poetico; imprime n'alma o sêllo do desengano e da desesperança. Só a espiritualidade confórta e eleva o espirito, retemperado na crença divina para supportar as aventuras terriveis das suas indagações metaphysicas e as angustias das emoções estratificadas nas camadas insondaveis do inconsciente! O ideal deve ser a aspiração permanente da alma humana!

O representante do Brasil junto ao Congresso Mundial de Engenharia, cuja reunião está marcada para novembro proximo, em Tokio, é o joven e já illustre engenheiro dr. Francisco Belisario Tavora, que seguiu para a capital nipponica quarta-feira penultima, a bordo do «Santos-Marú». O dr. Francisco Belisario Tavora é um profissional de merito que se tem destacado em nosso meio pela sua cultura, pela sua intelligencia, pelas suas qualidades de cavalheiro e, sobretudo, pelos seus trabalhos de engenharia. Dahi a sympathia com que foi acolhida, entre seus collegas e amigos, a sua escolha para representar a engenharia brasileira, como delegado do Club de Engenharia, no importante certamen internacional de Tokio. A photographia acima fixa um aspecto do embarque do dr. Francisco Tavora para o Japão, vendo-se aquelle engenheiro entre pessoas de sua exma. familia e amigos.

## FILIGRANAS

No seu livro lindo e delicioso *Nymphes dansant avec des satyres*, René Boylesve escreve ao fim do primeiro capitulo estas notaveis palavras: «Celui qui, par la vertu de l'audace, [illegible] divon, s'éleve jusqu'á gouverner les traits du dieu Amour, n'est inférieur á aucun roi.»

A phrase é curiosa e encantadora, mas falsa, porque, infelizmente, não ha audacia que chegue para se governarem as frechas do Amor. Elle as atira a ésmo como cego que é, e doido, de maneira que a maior superioridade seria livrar-se dellas e não dirigil-as. Não somos nós quem as lança e eis porque escapam á nossa pontaria. Si fossemos nós os encarregados desse serviço e não um terceiro, esta vida em verdade poderia ser intitulada sem a menor duvida: o successo!..

O dr. Jayme Perdigão, por motivo de seu regresso da Europa, onde se achava em viagem de estudos, foi, ha dias, homenageado pelos seus amigos, que lhe offereceram um almoço, no Hotel Gloria.

## NOMES DE MULHER

Ha nomes de mulher duma vocalização tão suave e tão dôce que, todas as vezes que a gente os pronuncia, como que os beija letra por letra...

* * *

Ha nomes de mulher que resôam no silencio das almas, lá dentro, no mais profundo do ser, como um alegre e alvoroçante repique de sinos...

* * *

Ha nomes de mulher que só se podem dizer em voz baixa, pausadamente, para saborear-lhes o gosto, como se bebe aos goles um precioso vinho secular...

* * *

Ha nomes de mulher que mal nos podem sair dos labios e cujas syllabas têm tal poder de evocação que são como as daquellas palavras divinas que somente os sacerdotes tinham o direito de pronunciar ante as aras dos deuses de outrora...

* * *

Ha nomes de mulher que são como esses crystaes de Murano em que cada dia se encontra uma belleza nova na trama multicôr dos arabescos de João de Udine. Continuamente nelles se acha uma intonação mais bella para dizel-os...

* * *

Ha nomes de mulher que são como o som dum alaúde ao longe, nas noites de luar de Veneza, quando as gondolas rasam a esverdinhada face dos canaes e dos balcões de marmore se curvam vultos pensativos de amantes á espera do beijo que vão dar ou receber...

* * *

Ha nomes de mulher que deixam de ser sons para ser brilhos e illuminam o caminho do amor como uma estrella milagrosa...

* * *

Ha nomes de mulher que escondem nos poucos sons de que são formados todo o infinito dos sonhos e dos desejos, toda a belleza dos dias de sol e toda a voluptuosidade das noites serenas...

* * *

Ha nomes de mulher que produzem na alma a alegria receiosa e tremula e a ansiedade tremula e deliciosa da verdadeira paixão...

* * *

Ha nomes de mulher que as envolvem em tanta graça como os leves, delicados e sumptuosos véos que esvoaçaram em tanto em derredor do maravilhoso corpo nú das lindas dansarinas de Tanagra...

* * *

Ha nomes de mulher perfumados como o sandalo, cheirosos como o nardo e propiciatorios como o incenso...

* * *

Ha nomes de mulher que são como uma bençam...

* * *

Ha nomes de mulher que dão uma alegria e que todas as vezes que ouvimos nos parece que os ouvimos pela primeira vez...

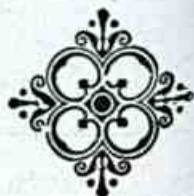
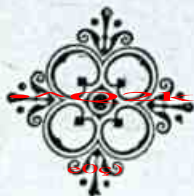
* * *

Ha nomes de mulher em que um capricho do Mysterio que nos circumda reuniu tudo: sons e perfumes, luzes e côres, magicezas e delicias, tudo o que póde tentar, prender e torturar nos mil tentaculos do Desejo e do Gôso...

* * *

Ha nomes de mulher...

D. JAYME

GENERAL Nestor Sezofredo dos Passos, secretario de Estado dos Negocios da Guerra. Militar illustre, que conquistou, desde os tempos escolares, a confiança e a admiração de seus camaradas, pelo seu entranhado civismo, amor á carreira das armas e coherencia na defesa da disciplina e dos seus sagrados deveres educadores. A' frente dos negocios da Guerra, está dirigindo uma grande cruzada nacional em prol da formação eugenica da raça brasileira através da pratica systematizada dos «sports». Na Escola de Sargentos de Infantaria do Exercito, teve s. ex. opportunidade de mostrar ás altas autoridades da Republica a efficacia dos methodos de educação physica adoptados nas nossas forças de terra. E' uma cruzada benemerita, a que nenhum brasileiro recusará, de certo, a sua collaboração mais enthusiasta e espontanea.

### O JUBILEU DO SANTO PADRE

A Liga Catholica Jesus, Maria, José, da Egreja de Santo Affonso, commemorando o 50.º anniversario da ordenação sacerdotal de S. S. o papa Pio XI, promoveu, domingo passado, uma «visita jubilar» a Petropolis, que foi levada a effeito com a presença de elevado numero de associados e com excepcional brilho religioso. Os romeiros partiram cedo desta capital, em trem especial que deixou a estação Barão de Mauá pouco depois das cinco horas e chegou a Petropolis ás sete da manhã. Ali foi observado um extenso programma, organizado pelos membros do conselho director da Liga e convenientemente approvado por ss. excs. revmas. o arcebispo coadjuctor, d. Sbeastião Leme, e o bispo de Nictheroy, d. José Pereira Alves, que tomou parte nas solennidades. As photographias desta pagina reflectem alguns detalhes da grande «visita jubilar» e nellas apparecem, além dos romeiros, o bispo d. José Pereira Alves, o padre João Baptista Smits, director geral das Ligas Catholicas do Brasil, o vigario de Petropolis, os conegos do Collegio São Vicente de Paula e os revmso. padres franciscanos que se reuniram aos romeiros.

# LANTERNAS DE PAPEL

## TRISTEZA AZUL

SENADOR Godofredo Vianna, relator do orçamento das Relações Exteriores, na commissão de Finanças do Senado. S. ex. vae representar o Brasil na Conferencia Inter-parlamentar de Commercio, em setembro proximo, a realizar-se em Berlim. O dr. Godofredo Vianna é uma figura de destaque na politica e nas letras do paiz.

• • •

*Dôce tristeza da minha vida que ninguém comprehende, que muitas vezes eu mesmo não comprehendo!... Dôce tristeza! Suave como um crepusculo de Junho e macia como uma caricia de mulher. Refugio do meu profundo desencanto dos homens e das coisas, não sei si mais dos homens que das coisas ou si mais das coisas que dos homens...*

*E dentro dessa azulada tristeza, azulada como um vulto de montanha ao longe, caminho, murmurando baixinho uns versos de Verlaine, que li no velho duma edição rara, em cujo frontespicio havia estas palavras: ce livre ne sera jamais reimprimé:*

Certainement le Sage doit
aimer en outre, même hostile,
même affreuse, même inutile,
la destinée où Dieu le voit,

se perfectionner sans cesse
par l'effort désinteressé
d'un cœur enfin débarrassé
de toute l'ancienne bassesse;

mais dans l'enthousiasme et l'heur
d'être meilleur encore que d'être
celui qu'on veut être et paraitre,
il faut toujours être meilleur.

*Sempre melhor! Como ao calor do fogo se purificam os metaes, assim aquelle que medita e que, portanto, soffre, dia a dia vae refinando a sua alma. Delicado e sensitivo, a brutalidade do ambiente humano não lhe causa revolta, mas tristeza. Sente-se como um rapazinho que sáe da sua casa familiar para uma orgia pela primeira vez. Entretanto, não deixa de amar a vida que Deus lhe deu e o destino que lhe confiou. Cumpre-o como um mysterio ordenado por meis forte poder, porém levemente sorrindo com o desencanto do seu coração...*

*E' a duvida melancolica de que fala o poeta e que a gente nem sempre troca por uma crença sincera, porque*

Comme cela lasse á la fin
de changer son fusil d'epaule...

*A grande consoladora das almas que mergulham nessa tristeza azul e cinza é a Arte. O amor do Bello afoga-as, enleva-as e as sublima. O amor de tudo o que é Bello, em verdade, á face da terra, obra de Deus ou obra do homem: o céo e o mar, as arvores e as flôres; as porcelanas e os quadros, as esculpturas e as architecturas, as musicas e os cantos; em fim a mulher, que a divindade modelou no corpo e que o homem modela na elegancia das côres e das linhas do traje. E, acima de tudo, o amor do Bem, que é a suprema expressão do Bello!*

Bah, resume ta vie
dans l'art calme et dans l'heur
du Bien qui ravit
et du Beau qui ne leurre.

*A tristeza azul dos desencantados é, a seu modo, uma contemplação. Uma contemplação dupla. Porque ella possue como que um dom especial de videncia e, não se contentando com o simples aspecto das coisas, vê a recondita paisagem das almas. E, assim, é como os tristes gosam a vida, contemplando o que escapa áquelles que a levam entre os rumores do jazz-band duma inconsiderada alegria.*

*Condemnemos a tristeza da misanthropia e do pessimismo, afastemos as negras asas da tristeza funebre, mas abramos, sorrindo, os braços á dôce tristeza azul daquelles que são, no dizer de Verlaine:*

.... les gens enfin rassis
et las des choses tentées...

CLAUDIO FRANÇA.

DR. Alfredo Machado Torres, que recebeu, por motivo da sua designação para o cargo de assistente da segunda enfermaria do Hospital S. Francisco de Assis, expressiva homenagem dos seus collegas e amigos.

# Historia de um conto

por

MALBA TAHAN

CERTA noite, num velho hotel de Constantinopla, em conversa com o professor Busken-Huet, tive occasião de referir-me a certos contos populares que, com differentes versões, se encontram em muitos paizes da Europa, Asia e Africa.

— Tenho observado — ajuntou o illustre folklorista — que os contos populares de certos povos emigram para paizes longinquos, antes, mesmo, que os povos emigrem. Posso citar um exemplo que é muito curioso. Conhece a historia do homem que vae ao inferno? Vale a pena recordal-a:

— "Era uma vez um rapaz ambicioso que vendeu a alma ao diabo, em troca de grande somma. Ao chegar ao Inferno, no prazo marcado, afim de cumprir o juramento, o joven encontrou as tres filhas do diabo. Uma dellas, a mais moça, enamorou-se do condemnado e prometteu ajudal-o nas occasiões de perigo. O diabo, no firme proposito de fazer mal ao infeliz, obrigou-o a cumprir varias provas perigosas, das quaes o rapaz, auxiliado pela namorada, se vae desvencilhando, com relativa facilidade. Certo dia, porém, os dois apaixonados resolvem fugir do Inferno. O diabo, ao ter conhecimento da fuga, persegue-os. Os jovens, quando se vêem na imminencia de ser alcançados, transformam-se, ora num raio, ora numa arvore, ora num animal, conseguindo, deste modo, burlar o diabo, e, finalmente, chegam a uma cidade, onde se casam e vivem felizes."

— Pois bem — continuou o erudito escriptor — essa velhissima historia, sob differentes formas, encontra-se na França, na Allemanha, na Russia, na Italia e na Hespanha. Deste ultimo paiz, ella emigrou para as Philippinas com os aventureiros hespanhoes. Uma vez chegado ao Extremo Oriente, começou o nosso conto a viajar de ilha em ilha, chegando, assim, aos saltos pelo Pacifico, até Samôa, na Polynesia. São curiosas as modificações soffridas pelo conto popular. Em Samôa, o joven passou a ser um cantor, chamado Siati, a quem um certo deus prometteu a filha — Puapaé — em casamento; seguem-se, como sempre, as diversas aventuras que precedem a fuga final, cheia de peripecias.

— Continuando, sem parar, a estranha peregrinação pelo mundo, o conto de Siati foi ao Japão, vestiu os seus personagens á moda nipponica e adoptou os diversos episodios ao sabor das tradições japonezas. Com esse aspecto — assim disfarçado — atravessou o mar Amarello pela bocca dos marinheiros e foi ter á China. Percorreu, de cidade em cidade, o formidavel paiz dos chins. O heróe do conto, com o nome de Li Dsing, criou rabicho, alongou os olhos, mudou de roupas e de costumes. Quando o conto, encontrado, afinal, em Kuang-Si por um folklorista notavel, o sr. Frobenius, regressou á Europa, vinha irreconhecivel! Pudera! Havia feito, durante cinco seculos, uma viagem completa pelo mundo!

— Eis ahi — concluiu o prof. Huet — a curiosa historia desse conto popular. Resta, apenas, que se faça, agora, um conto sobre essa historia...

# O RIO DE HONTEM

INGENUO... Ingenuo, positivamente, esse bondezinho moroso, que é toda a vida desse scenario antigo da rua Frei Caneca, rua famosa pela presença que nella se nota daquella casa grande, cercada de muralhas, e que é a Casa de Detenção — sepulchro de sêres vivos e desgraçados. O bondezinho, por signal que de Catumby, é uma nota ingenua do Rio de hontem — Rio de um tempo em que no Brasil não havia pressa... e em que o brasileiro sonhava, e cantava ao violão as suas serenatas de amor... —

A larga praça. Os [illegible], o [illegible], que insinua o seu busto forte, e [illegible]pellavel, por entre as multidões que se acotovellam; os automoveis que fogem, velozmente, como o sôpro vertiginoso da civilização, — tudo isso representa a vida dynamica deste quartel do século do radio e das «garçonnes»... Tinha de ser assim. O Rio de hoje é o Rio do Brasil que tem pressa, que corre, com as rodas dos seus autos, vôa com as azas dos seus aviões... vôa, vôa, pelo caminho largo do progresso...

(Do Album do photographo Malta)

O RIO DE HOJE

# SOMBRAS CHINEZAS

## Photo film da Cidade

MELINDROSA, sempre que se annuncia o "dia" desta ou daquella *flor*, ou *folha*, ou qualquer coisa symbolica a ser offerecida ao bolso do publico em beneficio das nossas instituições de caridade, é *figura* indispensavel e, em cada canto da cidade, lá está ella firme e sorridente, no seu papel de vendeuse.

...

COM a sua cêstinha cheia de *folhas verdes* e o seu cofre, já tilintante de nickeis e de pratas, que ella sabe arrancar ao individuo mais avarento, por obra de seu lindo sorriso, encontrei-a, um dia destes, na Avenida.

De longe, logo ella me viu e, lépida e festiva, veiu quasi a correr ao meu encontro.

— Esaúsinho! Uma folhinha, sim?

— De parra, Melindrosa?...

— Que parra, que nada, Esaú! Estás louco?...

— Não. Mas, positivamente, parece...

— Parece, mas não é. Isto se chama *folha de hera*.

— Ah! Sim. E' bonitinha. Gosto, mais, porém, da de parra. E' mais expressiva, mais symbolica, mais malher...

— Bandido! Como tu és malicioso! Malicioso e mau!

— Eu, mau? Eu, malicioso?

— Ah, Esaú, zanga-me comtigo. Vamos, paga a minha folhinha...

Puxei, a custo, uma pratinha de quinhentos réis para enfiar no cofrezinho de Melindrosa.

Ella, porém, reclamou vivamente:

— Apenas quinhentos réis, Esaú! Que horror! E's bem descendente de judeu...

— Mas, minha filha, é tão apertadinha a bocca do teu cofre...

— Vê lá o blagueur, a sahida que arranjou. Aqui cabe tudo, sabes? E a minha folhinha vale muito mais...

— Se fosse de parra...

— O "dia" da de parra virá, novamente, quando Deus crear outro paraiso terrestre. Vamos, paga, que me estás atrazando...

Não houve geito, senão pagar, em vez de uma, cinco folhinhas de hera...

...

E sahi a pensar que Melindrosa era tambem, como a hera, uma planta humana trepadeira e parasitaria, a vicejar, sempre verde e linda, na terra molle do coração dos homens.

Mas, como tudo na vida é um jogo de contrastes, emprestou-se á hera a honra de symbolizar a fidelidade... virtude que Melindre apenas conhece através da sua tradição e por ouvir dizer que existe...

DOLORES, a interessante filhinha do casal Mario Bemvindo de Vasconcellos, no dia de sua primeira communhão, realizada em Fortaleza, no Ceará.

...

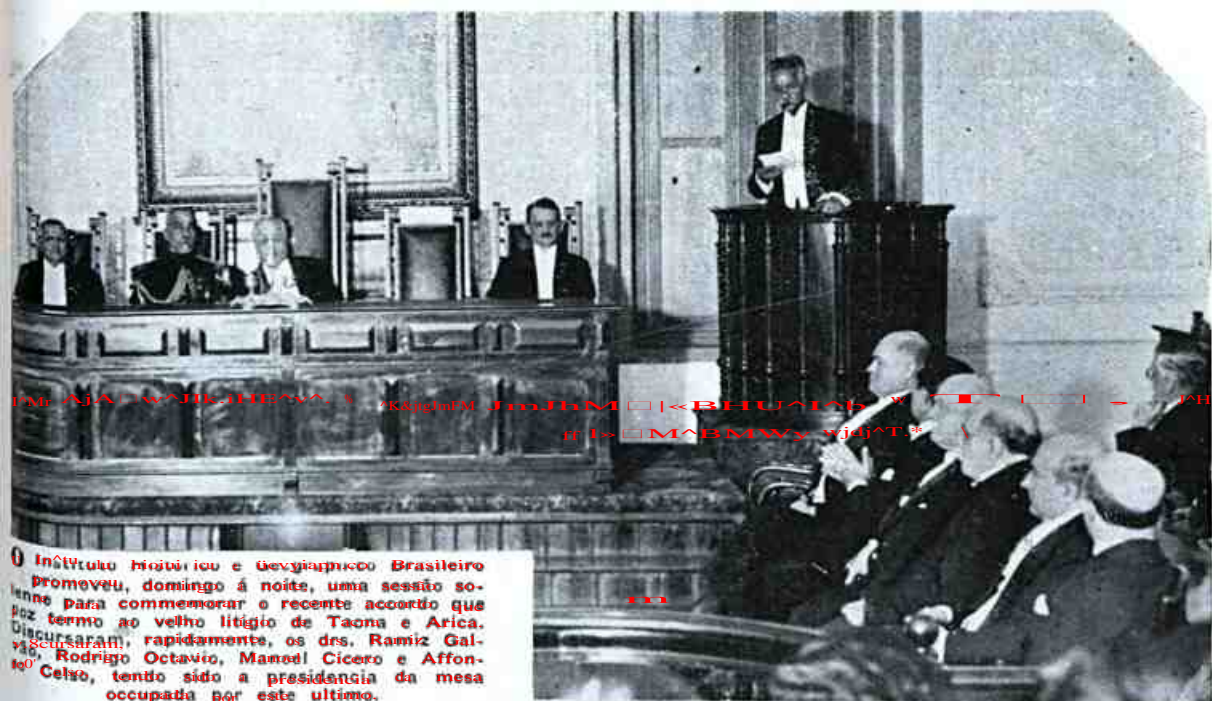
NÃO estou a dizer isso por maldade, nem, tão pouco, por blague.

A fidelidade, como a felicidade, como a fraqueza, como a tentação, como a fragilidade, como a inconstancia, como a illusão, tudo isso é deliciosamente feminino e, pour cause...

E já o grande Shakespeare escrevera: frailty thy name is woman...

E' natural, pois, que Melindre, como boa representante do seu sexo, tenha a fidelidade das folhas de hera, com que ella vae enfeitando todas as lapellas que encontra...

ESAÚ & JACOB

JOSÉ de Diniz, o joven e já notavel intellectual catharinense, membro da Academia de Letras e do Instituto Historico daquelle Estado, no seu gabinete de trabalho em Florianopolis, na companhia de seu encantador filho Luis Gastão.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro promoveu, domingo á noite, uma sessão solenne para commemorar o recente accordo que poz termo ao velho litígio de Tacna e Arica. Discursaram, rapidamente, os drs. Ramiz Galvão, Rodrigo Octavio, Manoel Cicero e Affonso Celso, tendo sido a presidencia da mesa occupada por este ultimo.

## [...]ORIANAS

O desenhista Cazales fez um dia em Paris um croquis de Paul Verlaine visto pelas costas: sutamba-que negro, cachenez transbordante, chapéo preto enterrado até as orelhas, o andar vacillante...

O poeta admirou o trabalho que ia servir de frontespicio para a sua edição artistica dos *Epigrammes* e escreveu em baixo estes versos:

*Grace à toi je me vois de dos*
*et bien plus vraisemblable:*
*dans ton croquis, à pas lourdauds,*
*je m'en vais droit au diable.*

*Moi qui, pour la posterité,*
*sur une aile celeste*
*croyais m'envoler, revolté,*
*fatal et tout le reste!*

*— Je m'achemine doucement,*
*d'un trot plus ou moins leste,*
*attiré par un double aimant,*
*vers le diable... ou le reste.*

O dr. A. La Rosa Castro, delegado official da Republica de Venezuela junto ao Terceiro Congresso Odontologico Latino-Americano, recebeu, em sessão solenne, que teve a presença do professor Frederico Eyer e outras figuras de destaque na classe odontologica, o diploma e a medalha de membro honorario da Academia Nacional de Odontologia. O flagrante acima nos mostra o dr. La Rosa Castro na occasião em que sua senhora lhe collocava ao pescoço a medalha que lhe entregara a Academia de Odontologia.

UM flagrante da «torcida» animada de um dos jogos do Campeonato de Athletismo do Interior, ha dias realizado em S. Paulo. A alegria era geral, sadia, franca. Alegria de mocidade...

A directoria do Club Portuguez e alguns membros eminentes da colonia lusitana de S. Paulo, reunidos por occasião do grande baile commemorativo do anniversario daquella sociedade.

### COCAINA

A vida é uma tragedia em tres actos: infancia, mocidade, velhice.

—

Ser pobre é uma condição: ser rico é uma necessidade...

As más acções não trazem remorsos; as bôas, trazem, quasi sempre, arrependimento...

—

A carteira do homem é o paraiso da mulher...

MARION.

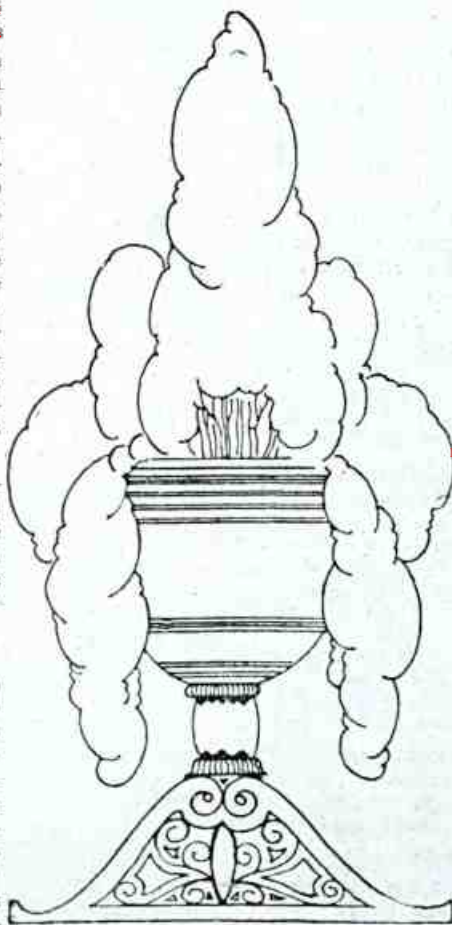
# AS CAUSAS DO SUICIDIO

AS classificações do suicidio mais diffundidas e as considerações que acompanham as numerosas estatisticas têm, em nossa opinião, um defeito muito grave: o de insistir mais sobre as causas occasionaes (amor, desastres financeiros, etc.), que sobre as causas intimas e profundas que levam certos individuos a acabar com a propria vida. E estas causas — as verdadeiras, as determinantes — pertencem muito mais ao dominio da medicina do que ao da sociologia ou ao da psychologia.

Desde muito tempo, se considera o suicidio como um indicio constante de desequilibrio mental, e, embora não seja possivel negar a influencia dos factores educativos e sociaes, não é menos certo que, mesmo nos casos de suicidio por miseria bem estudados por Proal, não incorrem nelles, segundo sua propria opinião, sinão os inadaptaveis e predispostos.

Que o suicidio apparece como um symptoma em muitas enfermidades mentaes, é cousa que ninguem seria capaz de negar. De fórma inconsciente, como em muitos epilepticos, o suicidio se apresenta nelles como um simples impulso irrefreavel, do mesmo caracter que o impulso homicida que os leva a assassinar o primeiro desconhecido. Em muitos outros enfermos, o suicidio é uma fórma de pôr termos ás suas angustias, aos seus soffrimentos nos melancolicos, ou um systema de fugir ás allucinações terrificas, como nos alcoolatras. Mas em certos delirantes religiosos ou hystericos, o suicidio obedece a moveis mais subtis e apparentemente inefficazes: seria um detalhe da theatralidade de seus caracteres; um modo de chamar a attenção para si mesmo; uma prova do estoico desprendimento pela vida que demonstraria, ao mesmo tempo, uma superioridade de espirito; uma estranha maneira de provar sua immortalidade...

Mas o facto de o suicidio apparecer em muitas enfermidades mentaes basta para dizer que é um indicio seguro de desordem psychica? Já dissemos que muitos alienistas se inclinam a admittil-o. Vamos ver agora em que raciocinio se fundam.

Dizem, preliminarmente, e não andam mal encaminhados, que não basta nenhuma das causas que a cada momento se invocam nos jornaes para explicar o mais simples dos suicidios. Naquelles que se matam por amor, por fracasso nos exames, por não supportar um castigo, é preciso que procurem outros moveis mais occultos e mais significativos. Milhares de homens têm contrariedades amorosas, descalabros economicos, fracassos de qualquer ordem. No emtanto, só um numero reduzidissimo recorre ao suicidio como um libertador. E si examinarmos com attenção esse numero reduzidissimo, procurando seus antecedentes, reconstruindo sua conducta, encontraremos sempre indicios mais que sufficientes para affirmar uma anomalia. No caso dos suicidios por amor, os alienistas exultam em repetir que aquelle que se mata por amor era porque já tinha um amor de louco...

Não tem muito fundamento — continuam falando os psychiatras — a objecção de que ha suicidas que não apresentavam signaes de desequilibrio anterior, ou posterior no caso de individuos que sobrevivem a sua tentativa de eliminação. E não tem valor essa objecção, porque o symptoma suicidio é commum no inicio de certas enfermidades mentaes, como o provam os innumeraveis suicidios por neurasthenia. Lamps relata a confissão de dois jovens que tentaram inutilmente contra a vida, e que manifestaram estar sujeitos a crises depressivas sem causa, com durações ás vezes de varias horas ou de um dia. Em igual sentido Garnier affirma que as affecções mentaes, nas quaes floresce preferentemente a idéa suicida, são, em geral affecções curaveis. Está comprovado que se observa maior frequencia da loucura dentro dos carceres do que fóra delles, o que se explica com o facto de que o delicto pelo qual o individuo foi processado não era mais do que o primeiro symptoma de uma enfermidade mental. O mesmo raciocinio vale tambem para o suicidio.

Um argumento de menos peso, mas importante, é a frequencia com que se encontram outros suicidas nas arvores genealogicas dos suicidas. Phenomeno esse que, embora não autorize a falar de uma *herança* do suicidio, induz a pensar que ha em toda essa familia um terreno evidente de degenerescencia.

Dessa fórma, a these de que todo suicidio ou tentativa de suicidio não é mais do que o indicio de alteração psychica, ainda que ligeira ou temporaria, não faltando nunca, em absoluto, o elemento morbido, não tem esse aspecto exaggerado ou absurdo com que se costuma motejar as theses dos psychiatras a quem se attribue uma mania que nem sempre é innocente: a de que, pelo habito de viver entre os loucos, procuram vel-os mesmo entre os sãos...

LUCIO MARTINS.

# Duas Mulheres

## DE PIERRE VALDAGNE

primeira esposa de Sederier não fôra muito recommendavel, e não temos o direito de examinar as razões que obrigaram Léon Sederier a divorciar-se della. O homem que havia encontrado com toda bôa fé na vida conjugal, teve que reconhecer que se enganára.

E' possivel que a conducta de Germana justificasse certos rigores, porque, não somente se concedeu o divorcio por culpa da esposa, mas ainda os juizes confiaram ao marido o cuidado do filho, um menino de tres annos e meio.

Sederier mostrava-se muito discreto sobre as recordações daquella época triste de sua existencia. Elle era um homem bom, que não sabia guardar odio. Si Germana não fôra digna do amor que elle lhe dedicára, melhor seria dobrar a pagina e esquecer. E conseguira-o.

A's vezes, no emtanto, experimentava uma desagradavel impressão: era quando a casualidade punha deante delle, em um theatro, em uma casa commercial qualquer, aquella que fôra sua mulher. Porque Germana não se afastára de Paris, e depois de tantos annos lhe apparecia sempre a mesma, muito simples em seu aspecto, nada provocadora e com uma ruga amarga, cada vez mais accentuada, nos dois lados da bocca.

Parecia ter organizado sua vida fóra da sociedade e suas leis. Sem duvida tinha um amante...

Sederier pensava nisso um minuto, e logo distrahia sua attenção em outra cousa, recordando seu novo lar, seu filho, que ia crescendo, seus negocios, que caminhavam ás mil maravilhas.

Porque Sederier se casára de novo.

Não devemos recriminar a sorte, porque nem sempre ella se mostra cruel. Si uma tormenta cobriu o céo de nuvens, não devemos desesperar, porque o bom tempo voltará.

Ensinado pela experiencia, Sederier não se casára de novo sem antes estudar detidamente sua futura esposa. Isabel, perfeitamente educada por paes impeccaveis, bem depressa se transformou na esposa, na amiga, na companheira ideal para Sederier.

Era, a um tempo, intelligente e de genio suave. Não teve medo de se casar com um homem que tinha um filho, porque estava certa de querer a esse filho como si fosse seu, embora o céo lhe désse a immensa alegria de ser mãe. Nunca seu marido havia de notar que ella fazia a menor differença entre seus filhos e o da outra.

Como passavam os annos e o esperado menino não veiu, o problema que Isabel se prometia facilitar ficou resolvido. Só teve que amar ao pequeno Alberto, e o amou com toda sua alma.

Cercou-o de cuidados. Velou pelo despertar da intelligencia e espiou ansiosa o apparecimento de algumas das taras maternas. Mas, já quando Alberto completou seis annos, a segunda senhora Sederier poude ficar tranquilla nesse sentido.

O menino, muito bonito, era um prodigio de bom genio, de intelligencia. Adorava seu pae e adorava tambem Isabel, sabendo que não era sua mãe, mas chamando-a sempre de "mamã".

E' ella o era em toda a extensão da palavra, consagrando-se á sua instrucção á sua educação, e occupando-se tanto de suas distracções como de seus deveres collegiaes.

Um dia, Sederier lhe disse:

— Embora a infeliz de quem me separei houvesse sido menos culpada e tivesse ficado commigo, Alberto não estaria tão bem como comtigo. Porque és uma admiravel mãe para esse menino que não é teu.

— Mas é teu filho — respondeu Isabel —, e apenas o dever devia dictar minha conducta. Não obedeço, entretanto, sómente a meu dever: quero a Alberto de todo meu coração. Não é meu filho, é verdade, mas eu o transformei em tal, modelando seu cerebro, educando seu coração... Graças a mim, elle estuda e é bom... E' um pouco meu, e seu affecto me recompensa de tudo quanto fiz por elle.

.. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. ..

Alberto Sederier completou dez annos de idade e fez sua primeira communhão de um modo edificante. No lyceu, foi um dos melhores alumnos.

Não julgueis, por isso, que não fosse alegre e brincalhão como os outros meninos. Era um diabinho bom, que se divertia sem fazer mal a ninguem, e cujas travessuras eram facilmente perdoaveis.

Franco, sincero, em breve chegou a ser um bello rapaz, radiante de saude, dividindo seu tempo entre os estudos e os sports, e constituindo um magnifico exemplo dessa geração que surge e nos promette dar verdadeiros homens.

Havia algum tempo, Isabel notava que rondava a casa uma mulher modestamente vestida, e cujo andar furtivo e incerto lhe chamou a attenção. Tambem poude notar que si ella sahia acompanhada de Alberto, a mulher olhava o rapaz com tristeza infinita, e depois se afastava precipitadamente.

Seria necessario não ser mulher — e Isabel o era — para não suspeitar que aquella mulher timida e errante era a primeira esposa de Sederier.

Sua intuição se transformou bem cêdo em certeza. Uma amiga fiel, a quem solicitara informações, fez-lhe saber que, effectivamente, aquella mulher era Germana, que ia espiar seu filho, a quem havia esquecido durante tanto tempo.

Isabel teve medo, mas as férias, afastando-a de Paris, acalmaram seus alarmas. Quando regressasse, a outra, envolta nos vae-e-vens de sua vida aventureira, já não se preoccuparia com Alberto.

O casal installára-se em uma villa que possuia na região do Seine-et-Marne, e onde Sederier descansava a gosto de seus trabalhos. Isabel preparava doces e conservas para o inverno, e Alberto desfructava de sua liberdade caçando, pescando ou lendo.

Uma manhã, o menino levantou-se com dor de cabeça e dentro de poucas horas se lhe manifestou uma forte febre. O medico, chamado immediatamente, diagnosticou uma febre-typho.

# DUAS MULHERES

(Concluado)

. . .

— Voltem a Paris immediatamente — ordenou. — O auto os levará em duas horas. Ali terão mais recursos que nesta aldeia. O enfermo póde fazer hoje a viagem sem perigo. Amanhã, já não seria prudente.

No setimo dia, Alberto estava gravissimo. Como que enlouquecido, Sederier e Isabel chamaram os melhores especialistas. Tinham-se apresentado complicações e era necessario prever e esperar tudo.

Aquella noite, deixando seu marido junto ao leito do pequeno enfermo, que delirava, Isabel se encerrou em seu quarto, e ali procurando dominar sua atroz angustia e chamando em seu auxilio todo seu sangue frio, tomou uma folha de papel e escreveu á mulher que vira mezes antes rondar a sua casa.

"Senhora: Seu filho, a quem quero como si fosse meu, está gravemente enfermo. Eu o cuidei e eduquei, mas a senhora é sua mãe, e assim julgo de meu dever avisal-a. Póde vir á minha casa quando quizer e só me encontrará a mim junto ao querido enfermo.

"E' uma mulher que escreve a outra mulher. Eu ficaria eternamente com remorso si não a avisasse, pois não posso crêr que, sabendo o que nos ameaça, não esteja tão angustiada como nós."

Horas mais tarde, Isabel recebeu a seguinte carta, escripta com mão tremula:

"Obrigada. Já sei que especie de mulher é a senhora, e que mãe foi sempre para Alberto. Não tenho o direito de entrar em sua casa. Reconheço-o. O que soffro neste momento apenas a senhora é capaz de comprehendêl-o. Minha presença, no emtanto, seria um transtorno para todos, sobretudo para nosso Alberto. A unica cousa que lhe peço é que me escreva sempre informando-me de seu estado.

"Depois, seja qual for esse depois, desapparecerei — Germana."

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Alberto se salvou, e Isabel mandou todos os dias noticia a sua mãe. Quando o menino estava fóra de perigo, Germana desappareceu sem deixar signaes e sem que Sederier soubesse que ainda havia nella uma cousa que a fazia digna de perdão: o amor a seu filho.

M. C.

# MEA CULPA

**DE J. MANUEL NEYRA**

Si alguem, por mais amigo que fôsse, me houvesse predicto minha situação ha um anno, tenho a absoluta convicção de que elle e eu teriamos passado um máo momento. Ou, noutras palavras: teria occorrido entre nós uma scena violenta.

E, no emtanto...

* * *

Sempre fui contrario ao casamento. Causavam-me pena os maridos... Considerava as esposas como a encarnação genuina da impertinencia e do aborrecimento.

O anel de compromisso, esse aro de ouro liso, com que os noivos parecem confessar "cahi na armadilha!!", e, as noivas "já o segurei!", me recordava o anel de ferro sujeito ao focinho dos bois para melhor serem conduzidos e dominados.

O casamento era a evolução refinada do martyrio.

Si alguem me houvesse predicto que eu...

* * *

Dulçura feminina. Calor de lar. Carinho. Conselho. Ternura. Confidencia... Palavrinhas ôcas que as proprias mulheres se encarregavam de repetir, de gravar em nós, para adormecer-nos com sua musica e surprehender nossa ingenuidade com maiores probabilidades de exito.

Toda vez que um amigo contrahia nupcias, eu annotava um fallecimento na lista de meus affectos. E rezava por sua alma. Invocava a seu favor a desproporção da luta: elle, um pobre homem; ella, uma mulher dotada dessa argucia felina, mimosa mas terrivel, que se escuda em um sorriso e ataca com as unhas...

Um dia, fiquei só.

Todos, um a um, como que obedecendo a um signo fatal e inevitavel, cediam ao sorriso... vencidos pelas unhas... e ostentavam o anel que havia de conduzil-os melhor...

Fiquei só, heroico, impertérrito, exemplo sublime de integridade e de sensatez!

Em minhas horas de angustiosa soledade, quando ninguem me concedia o prazer de uma confidencia, um conselho ou uma palestra amena, pensava. Pensava convencendo-me mais do que nunca que a mulher que procura marido, que consegue esposo, constitue um resabio de barbarie engastado na vida civilizada de nossos dias.

* * *

O antecedente de que eu considerasse o casamento como um crime, e de que me occorresse vêr em cada mulher casada uma criminosa convicta e confessa, não foi nunca obstaculo para que admirasse e gostasse da mulher e rendesse culto fervoroso á belleza e á espiritualidade femininas.

Eu não sei si esta peculiaridade que herdei de meu pae e elle, por sua vez, de seus maiores, foi confirmada pelos homens de sciencia como uma das tantas doenças hereditarias. Mais sei que, si assim fôr, eu a soffro chrónica e de summa gravidade.

* * *

Adoro as mulheres bonitas!

Por isso me apaixonei por Sophia.

Bem podia ser que Thereza tivesse os olhos mais lindos; Suzanna, mais clara e sedosa cabelleira; Jovita, mais dôce o olhar... Mas Sophia tinha uns signaezinhos tão formosos, tão seductores, nas feces!... E era genial, tão esquisitamente insolente seu gesto habitual de mulher que se sabe admirada...

* * *

E' claro! Eu não sei de artimanhas. Sou franco leal na luta. Não soube, assim, dissimular minha admiração, primeiro, como depois não consegui disfarçar minha paixão...

Mas não cedi como um covarde. Ah, não! Incançavel, tenaz, esgottei recursos na campanha, a obriguei a usar as mesmas armas que eu usava. E na derrota dos dois, triumphamos eu e ella.

E' que estava tão só!

Reconhecer um erro, rectificar uma injusta accusação, não é, nem deve ser motivo de vergonha para ninguem. Eu, por exemplo, me honro em assignalar um lamentavel equivoco a respeito de minha affirmação anterior. Nem todas as mulheres que conseguem esposo são dignas da forca! Ha excepções... E muitas...

A's vezes, a gente se apaixona, fica cega, affirma temerariamente e não vê nada, ou quasi nada... Não vê sinão esses signaezinhos divinos que o ostenta, orgulhosa e feliz,... minha Sophia... Minha Sophia, que tem os olhos mais bellos que Thereza, os cabellos mais formosos que Suzanna, e os olhos mais dôce que Jovita...

* * *

Disse minha Sophia, não é verdade?

Pois bem: insisto. Minha Sophia e eu conseguimos comprehender-nos, nos quizemos, nos queremos e até nos toleramos risonhamente qualquer mutua inconveniencia involuntaria.

Tão bôa é ella para mim, e tão apaixonado estou eu por ella, que me chama de "Natinho", apesar de meu nariz de Cyrano, e eu a trato por *minha pequena*, esquecendo-me de seus setenta kilos de ampla e juvenil humanidade...

Emfim, uma tarde, quando falavamos de comidas, confessando preferencias, nos lembrámos de pensar na cozinha e... meditamos seriamente no lar futuro: a casinha commum, o estylo architectonico e mil outros detalhes.

O facto é que tanto discorremos, estudámos e vimos, que á sobremesa chegámos a descobrir o modelo de casa que nos convinha: estylo, capacidade, arranjo interior, etc...

E, com effeito, hoje moramos numa casinha completamente diversa da que haviamos escolhido...

* * *

Moramos, sim, senhores, moramos! Porque ha já seis mezes que minha Sophia é minha esposa.

E ostento o anel que me fazia recordar o boi... Mas é menor, de ouro liso, mais elegante... Só um obsecado podia fazer aquella ridicula comparação com o anel de ferro...

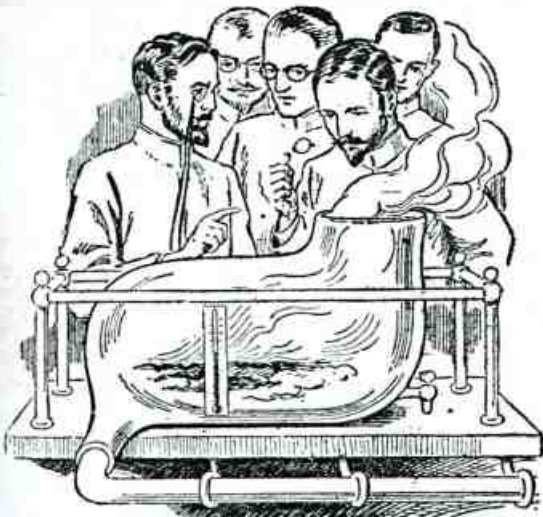
Meus amigos de hontem, que eu havia annotado como fallecimentos do affecto, são outra vez meus amigos. Resuscitaram. Verifiquei que não eram tão tolos, nem tão ingenuos, nem tão covardes... Visitam minha casa com frequencia, em companhia de suas respectivas esposas, que não são tão más nem tão terriveis como eu suppunha. São todos os casaes amigos, e nos visitam com tanta frequencia, que bem posso affirmar que nunca estamos sós Sophia e eu.

A não ser de noite, depois do jantar, quando eu me entretenho em troçar carinhosamente da infantil ingenuidade de minha esposa e ella tece pacientemente uns escarpins para o anjo de nosso amôr...

* * *

Mea culpa!

Eis aqui minha confissão. A confissão de minha culpa, que se transformou agora em um dôce castigo.

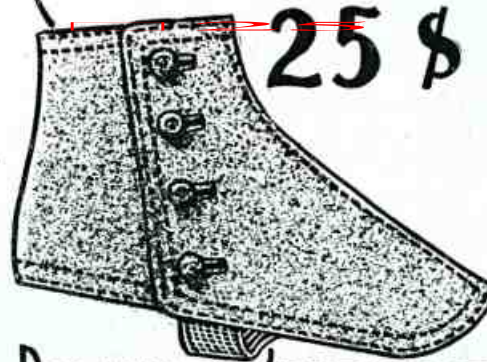
Quiz fazer eu mesmo a narrativa. Sophia a fará em outra opportunidade. Quando vocês se conformarem em ouvil-a em silencio durante dez horas seguidas... Ella, de certo, não dispensará detalhes importantes como a côr do vestido que usava no dia em que eu a conheci...

Uma vez inventado o celebre "Estomago de Crystal", os scientistas puderam ver que o EXCESSO de ACIDO era a causa de 90 % das molestias do estomago e para combater esse perigo, elles prepararam com todo o cuidado as

**PASTILHAS DO DR. RICHARDS**

para a dyspepsia, as quaes adoçam o estomago, supprimem o gaz, fortalecem os musculos do estomago e facilitam a digestão. Se não as tiver provado ainda, procure-as antes de se queixar.

A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Unicos depositarios: Sociedade Anonyma Lameiro

THEOPHILO OTTONI, 44

O MEDICAMENTO MAIS EFFICAZ PARA COMBATER E EVITAR TODAS AS MOLESTIAS DE UTERO E OVARIOS, COLICAS UTERINAS, MENSTRUAÇÕES EXAGERADAS, FALTA DE REGRAS, HEMORRHAGIAS DURANTE A MENSTRUAÇÃO, CORRIMENTOS, CATHARROS UTERINOS ETC.

O ELIXIR DAS DAMAS É UM AGENTE THERAPEUTICO DE UMA ACÇÃO ENERGICA E SEGURA, ACTUANDO TAMBEM SOBRE OS INTESTINOS REGULARISANDO SUAS FUNCÇÕES.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS.

UNICOS DESTRIBUIDORES:
MARTINS LIBER.TO & C.
RUA SENHOR DOS PASSOS 8. RIO DE .ANEIRO.

# VARINHA DE CONDÃO

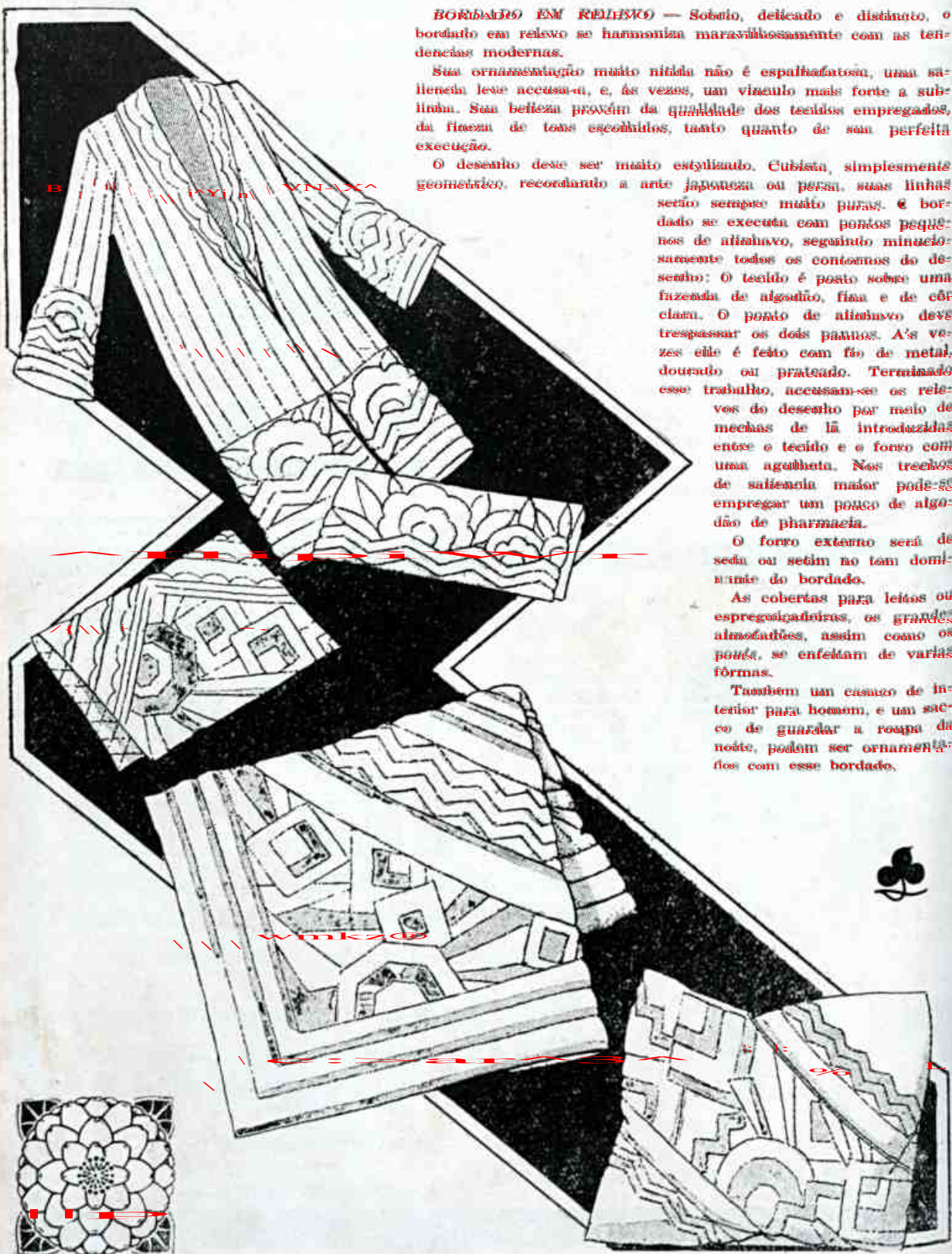
*BORDADO EM RELEVO* — Sobrio, delicado e distincto, o bordado em relevo se harmoniza maravilhosamente com as tendencias modernas.

Sua ornamentação muito nitida não é espalhafatosa; uma saliencia leve accusa-a, e, ás vezes, um vinculo mais forte a sublinha. Sua belleza provém da qualidade dos tecidos empregados, da fineza de tons escolhidos, tanto quanto de sua perfeita execução.

O desenho deve ser muito estylizado. Cubista, simplesmente geometrico, recordando a arte japoneza ou persa, suas linhas serão sempre muito puras. O bordado se executa com pontos pequenos de alinhavo, seguindo minuciosamente todos os contornos do desenho. O tecido é posto sobre uma fazenda de algodão, fina e de côr clara. O ponto de alinhavo deve trespassar os dois pannos. A's vezes elle é feito com fio de metal, dourado ou prateado. Terminado esse trabalho, accusam-se os relevos do desenho por meio de mechas de lã introduzidas entre o tecido e o forro com uma agulheta. Nos trechos de saliencia maior pode-se empregar um pouco de algodão de pharmacia.

O forro externo será de seda ou setim no tom dominante do bordado.

As cobertas para leitos ou espreguiçadeiras, os grandes almofadões, assim como os poufs, se enfeitam de varias fôrmas.

Tambem um casaco de interior para homem, e um sacco de guardar a roupa da noite, podem ser ornamentados com esse bordado.

*AGAZALHOS INFANTIS* — Ha dias tive a phantasia de ir por uma destas lindas manhãs de inverno frescas e doiradas de sol, ao campo de Sant'Anna. Como estava lindo o parque verde e sereno, com suas grandes arvores enguirlandadas de parasitas como cabelleiras desfeitas, seus extensos gramados, e a agua espelhante dos lagos a reflectirem gazes sombrios e claridades celestes... Nas alamedas, ao longe, fugiam as cotias ariscas... e os pavões empoleirados nos ramos possantes soltavam seu grito discordante. Pouca gente por alli transitava... Alguns homens nos bancos cen[illegible] liam ou cochilavam... Por que tanto abandono?... Por que não levam as mamães seus filhinhos a passearem alli, com uma pequena provisão de miolo de pão para os cysnes brancos e altivos que vêm comer nas mãos?...

Reflectia assim, quando uma luxuosa *limousine* parou a poucos passos de mim, e tres meninas saltaram com a ama ingleza... Traziam uns capotinhos tão lindos que, immediatamente, esquecida dos encantos do jardim, só pensei em bater uma chapa da min' a *kodack*, levada no intuito de photographar paizagens. Queria o modelo dos capotinhos para minhas gentis leitoras de Fon-Fon... mas fui infeliz e a chapa sahiu defeituosa... As garotas ficaram sem olhos e sem pés... (Fig. 1) Mas, para o fim desejado, assim mesmo servem... Os capotinhos estão perfeitos e bem nitidos!

Fig. 1

O primeiro é de kasha beige com bordados de galão azul vivo. O segundo, de flanella de lã vermelha com pespontos pretos na gola, no cinto e nos punhos. Emfim, o terceiro, de casimira fraise com um bordado de machina em tom mais escuro.

*ARTE DE BEM COMER* — Entre muitas outras regras a respeito da delicadeza á mesa, diz a baroneza de Staffe que ao rejeitar um prato não devemos **nunca** dizer: "Esse alimento nos faz mal." Basta recusar e agradecer. Não ha duvida que esse gesto é o mais correcto e discreto, mas a autora esquece, por certo, que nem sempre são bem educados os donos da casa... Póde succeder que, indevidamente, perguntem estes, desolados, porque não aceita o convidado a tal iguaria.

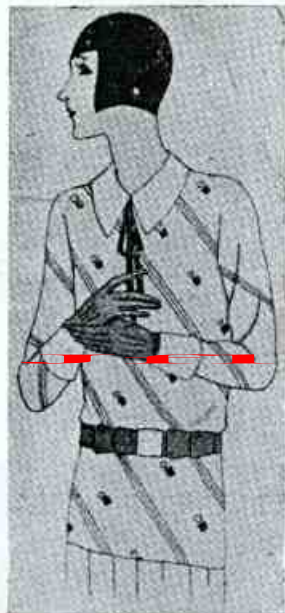
Achamos que neste caso, antes do que explicar "não gosto della", ou tomar uns ares melindrados ou mysteriosos, é preferivel dizer rapidamente, sem entrar em explicações: "Peço desculpas, mas não me dou bem com esse alimento."

Fig. 3

*TRAJES SPORTIVOS* — Os trajes para sport de Jane Regny têm um cunho de simplicidade faceira que os conserva bem femininos, através do estylo um pouco masculinizado peculiar ao genero.

Eis, para o automobilismo, um interessante blouzon de lã estampada marron sobre fundo beige, cinto, gravata e chapéo marron, emquanto, num gracioso contraste, a gola e punhos são de *lingerie ficel*. A fivella do cinto é prateada, e as luvas são marron (figura 2).

Fig. 2

Fig. 4

Para completar esse traje de sport, o sapato e a bolsa das figs. 3 e 4 são de couro fantasia beige e marron com largas applicações de couro marron.

# Um desapparecimento mysterioso

**De BERNARD GERVAISE**

O que primeiro attrahiu a attenção publica, sobre o desapparecimento de Gaviota, foi a estranha quantidade de garrafas de leite que se amontoavam na porta de sua residencia.

Todos os dias o leiteiro lhe trazia uma garrafa contendo meio litro de leite, segundo as condições de um velho tratado estabelecido entre elles. Pois bem: um bello dia, os vizinhos viram que havia muito tempo esses meio litros ficavam na porta, sem que ninguem lhes tocasse.

Um espirito engenhoso e perspicaz teve a idéa de contal-os, e verificou que eram vinte e tres, de onde se concluiu que Gaviota havia vinte e tres dias que desappa-recêra.

A conclusão foi plenamente confirmada pouco depois por outro vizinho, que, estimulado pelo exito do primeiro, contou, por sua vez, os pães de um kilo, que formavam um montão deante do conjuncto das garrafas: eram tambem vinte e tres.

Si se juntar a esses primeiros indicios o facto de que pouco depois se encontraram vinte e tres numeros atrazados de um jornal matutino, se comprehende de que modo se arraigou nos vizinhos a convicção de que devia ter succedido alguma desgraça a Gaviota.

Sobre a natureza da desgraça as opiniões estavam muito divididas: alguns acreditavam no assassinato, outros no suicidio. Como não era possivel permanecer eternamente nessa incerteza desconcertante, foi communicado o facto á policia. Esta compareceu ao local sob a forma de um commissario e um serralheiro, que, provido dos utensilios de um ladrão qualquer, depressa fez saltar a fechadura. Os circumstantes penetraram na habitação, convencidos de que, mal transpuzessem os humbraes da sala de espera, penetrariam os dominios do horrivel. Tal, porém, não se deu, porque na sala de jantar tiveram a primeira decepção: não estava alli, como era de esperar, com um metro e cincoenta de lingua de fóra, o Gaviota.

Nem tambem se achava em seu dormitorio afogado entre os dois colchões. Nem no toucador, com uma navalha de barbear cravada na garganta. Nem tampouco na cozinha, onde os partidarios da asphyxia esperavam vêl-o preso a um cano de gaz. Em vão se olhou debaixo dos moveis, se bateu o soalho, e até se olhou pelas janellas, com a vaga esperança de vêl-o extendido ao pé destas. Gaviota não appareceu em parte alguma.

Então as pesquisas attingiram um raio mais extenso e não ficou logar sem revistar.

Procurou-se em toda parte, fóra de sua casa, o corpo de Gaviota. Até nos theatrinhos de variedades, para vêr si o haviam pescado para grande phenomeno natural e desopilante: uma phoca que se parece com um homem, que fuma e tem callos nos pés! E nada. Mysterio inexcrutavel!

Então a pesquisa adquiriu maiores proporções, e se procurou Gaviota no estrangeiro. Houve enviados especiaes, commissionados linces. Appellou-se, pelo telegrapho, á sciencia de todos os Sherlock Holmes, Nick Carters e todos os do bando policial. Dessa vez nenhum delles encontrou um chronista que subtrahisse com varias linhas finaes e admirativas as historias mais ou menos possiveis de suas pesquisas. Gaviota parecia ter-se volatilizado.

Alguns espiritistas fizeram experiencias procurando provar a desintegração das moleculas infinitesimaes. Os credulos acreditaram firmemente no caracter sobrenatural do desapparecido.

Os scépticos julgaram tambem que Gaviota havia vôado, mas de maneira diversa: com os bolsos bem repletos de notas e moedas... Isso não passou de rumores. A verdade não resplandecia em parte alguma. Como tudo resultasse imfructifero, a policia resolveu dar por finda a sua tarefa.

E só depois de quasi quatorze annos se veiu a esclarecer esse conflicto, que não tinha nada de mysterioso, mas, pelo contrario, era bem natural: e assim foi comprehendido quando se viu Gaviota sahir do gabinete onde se achava installado o telephone, radiante de alegria por ter conseguido uma ligação...



## Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

*O peccado acabaria,*
*No mundo imperando o Bem,*
*Se o EUCALOL, pudesse, um dia,*
*Lavar as almas tambem.*

**Helena Pitanga.**

*Visc. Pirajá 239 — Rio*

# Nos Cinemas da Avenida

**Cotações:** OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÃO — E . . . DETESTAVEL

## LUA DE MEL

### DA METRO

Cinema GLORIA — E uma comedia alegre, ou melhor, uma série de disparates destinada a fazer rir. Os seus interpretes não trazem nem a seducção da belleza, nem o prestigio de grandes nomes cinematographicos. Entretanto, a hora em que decorre este film, é uma hora agradavel, sem que della nos fique uma impressão indelevel. Correrias, um cão intelligente e encantador; situações de grande comicidade, e eis tudo. Os nomes dos personagens são os proprios nomes dos artistas: Polly — Polly Moran; Harry — Harry Gribbon. Quem não quizer do cinema mais que uns momentos de distracção, não deve perder este film. Elle encherá as medidas com a sua mediocridade e com a sua futilidade.

Cotação — SOFFRIVEL

## A MELODIA DO AMOR

### DA UNITED ARTISTS

Cinema CAPITOLIO — Por que não concorre o publico, como devia, em numero bastante que lhe correspondesse ao merito, a este film tão extraordinariamente bello, em que a par d'um argumento tão sentimental e romantico, se agrupa meia duzia de nomes brilhantes que as platéas cariocas já consagraram? Evidentemente, o publico anda um pouco desorientado com... a desorientação geral dos pró-homens da industria cinematographica. Noutros tempos, esta pellicula era das que arrastariam multidões. Hoje... O enredo, como já dissemos, é excellente de sentimentalidade, de espirito romantico, de força emotiva. Dentro d'elle, foi Lupe Velez, sem duvida, quem melhor se compenetrou da alma que lhe entregaram. Mas todos os outros — Jetta Goudal, George Fawcett, William Boyd — foram interpretes merecedores de elogios. Bôa a direcção, d'um meticuloso cuidado na indumentaria, na criação do ambiente parisiense dos meados do seculo passado. Um bom film, afinal.

Cotação — BOM

## O RAPAZ DO CRAVO

### DA PARAMOUNT

Cinema IMPERIO — E' um excellente argumento, dos que constituiam a attracção do publico, quando o film silencioso era a suprema belleza do cinema. Talvez esta mudança do publico explique a sua ausencia deante d'uma pellicula que na verdade é bôa, sob varios aspectos: como comedia pelo seu enredo movimentado e espirituoso; pela sua realização scenica e technica; pela sua interpretação. Da collecção Al Christie que a Paramount distribue, pode-se considerar uma das suas melhores comedias. Mas para este genero de pelliculas os tempos vão máos. Isto era films no tempo de films. Hoje, não desperta o mesmo interesse. Com isso, porém, não temos nada. O sentido absoluto da obra de arte é o que nos interessa. Demos-lhe com justiça a

Cotação — BOM

## MOVIETONE-FOLLIES

### DA FOX

Cinema ODEON — Pode-se affirmar que, com esta original e interessantissima pellicula da Fox, o cinema sonoro conquistou definitivamente o publico carioca, desfazendo as ultimas desconfianças. A pellicula da Fox veio tambem demonstrar, pelo menos por emquanto, a superioridade do movietone sobre o vitaphone. O film é um primor de technica. O enredo é pouco ou nada. Nem o romance amoroso n'estas "féeries" é cousa a que se deva dar importancia. Elle desapparece deante da musica encantadora e das scenas de conjuncto, em que ha mulheres formosas e marcas de conjuncto de um grande gosto artistico. A todas as qualidades superiores d'esta pellicula se impõe a musica, de grande belleza e inspiração. Dentre todos os numeros, destaca-se pelo encanto da sua harmonia a canção "Tristezas das grandes cidades". E' uma musica destinada a uma larga vulgarização e popularidade. A interpretação é bôa, mórmente nos seus elementos comicos. Nos films falados é que se

NOS CINEMAS DA AVENIDA —— (Continuação)

revelam os temperamentos verdadeiramente artisticos. Ha muitos "galãsuras" que se impuzeram na arte muda, pela sua elegancia e pela sua destreza, e que postos a dialogar, a representar, não vão lá das pernas. E' n'este ponto que o film sonoro mais se aproxima do theatro. Em resumo, finalmente, se póde dizer que dos films falados que até hoje appareceram no Rio, este é que conquistou mais sincera e apaixonadamente o publico.

Cotação — MUITO BOM

## O AMOR DE JEANNE NEY

DA UFA

Cinema RIALTO — E' um film de grandes situações dramaticas, traçadas em torno de factos historicos que são de hoje. E' a lucta entre russos brancos e russos vermelhos nas ultimas arrancadas do bolshevismo, ao sul da Russia. O argumento inclue bem a acção amorosa n'este ambiente de perversidades, de traições, de crimes. Brigitte Helm é a artista ideal para estas figuras soberbas de mulher que o vendaval da paixão e da desgraça arrastam no seu turbilhão. Não se deve, porém, esquecer, n'este bello film da Ufa, essa outra bôa artista que é Edith Jeanne. A direcção é bôa. Temos uma impressão realista das almas e dos ambientes. Talvez a parte technica tenha as suas deficiencias. Cousas de pouca monta, a que falta verdade. O film, comtudo, é bom, porque, sendo uma obra dramatica, emociona profundamente, tendo os seus pontos delicados e sentimentaes que dispõem bem. O seu final é um pouco americanizado. Não nos agrada esta mistura.

Cotação — BOM

## SOBRE AS ONDAS

DA TIFFANY-STAHL — (*Programma Serrador*)

Cinema GLORIA — A historia não tem vulgaridades apesar de assentar muito na conhecida futilidade amorosa das pequenas norte-americanas... que se divertem. Mas é sensacional pelas situações, nomeadamente nas suas scenas finaes. A direcção de George Crane tem muita vida e aproveita com muito espirito e verdade as idéas do scenarista. Sally O'Neil, uma figurinha endiabrada dos "studios" de Hollywood, creou uma alma muito de molde ao seu feitio artistico. D'ahi o agrado que apresenta o seu trabalho. William Collier Jr. foi uma escolha excellente para o typo que interpretou e que é hoje o modelo dos rapazinhos d'esta e d'outras America. A technica é bôa, e valoriza a producção da Tiffany, que se vem impondo nas télas cariocas com a arte muda. E', sob esse ponto de vista, um film "limpo", cuja impressão é sempre agradavel, o que, com este periodo de transição da arte cinematographica, vae rareando.

Cotação — BOM

### PORQUE AS ACTRIZES NUNCA ENVELHECEM

("Theatrical World")

De tudo que se refere á profissão theatral, nada é mais mysterioso para o publico que a perpetua mocidade das suas mulheres.

Quantas vezes escutamos dizer: oh! si a vi fazem quarenta annos no papel de Julieta e me parece que não tem um anno mais de edade!" Naturalmente deve-se ter em conta a maneira de caracterizar-se, mas, quando nós as vemos fóra do palco, então se tem outra explicação.

Como é estranho que quasi a totalidade das mulheres não conhecem o segredo de conservar o rosto sempre joven. Que cousa tão facil, é comprar numa pharmacia um pouco de cera pura mercolized em inglez "pure mercolized wax" applical-a á cutis como se faz com o cold cream e lavar-se pela manhã. Esse tratamento absorve progressiva e imperceptivelmente a epiderme velha e deixa a cutis nova e fresca, livre de pequenas rugas, pallidez e excessivo rubor. O uso da pure mercolized wax é razão pela qual as actrizes não têm o rosto desfigurado com manchas, sardas, etc., etc.

Porque as nossas irmãs do outro lado dos mares não aprendem essa lição e não a aproveitam.

### PARA AFORMOSEAR E FAZER CRESCER O CABELLO.

Os sabões e os shampoos artificiaes, causam a ruina em muitas cabeças de preciosas cabelleiras. Poucas pessoas sabem que uma colherzinha das de café, cheia de stallax diluido em uma chicara de agua quente, exerce uma natural affinidade sobre o cabello e constitue a lavagem de cabeça mais deliciosa que se possa imaginar. Deixa o cabello brilhante, suave e ondulado, limpa completamente a pelle do craneo, e estimula, sobremaneira, o crescimento do cabello. Vende-se nas pharmacias, sómente em pacótes sellados, a um preço que não é elevado, porque cada pacóte contém quantidade sufficiente para fazer de vinte e cinco a trinta shampoos, o que, finalmente, resulta economico.

# POR QUE PARIS FASCINA

(1)

Cinema PATHE'-PALACE — Não é mal achado, isto de nos presentear com a Josephine Baker na téla, antes que nos surja por ahi em carne e osso. Póde, pelo menos, ser um reclame negativo, visto que ella não deve ser melhor no palco do que é no "écran". Achamos, salvo melhor opinião, que esta "senhora" não vale grande cousa como artista. E' uma excentricidade que está passando, e de quem ninguem mais se lembrará d'aqui a meia duzia de annos. O film é um trabalho arrancado do natural e que por isso nos seduz. Como obra cinematographica nada vale. Como obra photographica tem bastante interesse... sobretudo para quem deseja conhecer Paris, o Paris que se diverte, sem ter dinheiro para lá ir.

Cotação — SOFFRIVEL

# A DOUTRINA DO BEM

DE WARNER BROSS

Cinema PATHE'-PALACE — A historia norte-americana, nomeadamente a que se segue aos dias da independencia, está já fartamente explorada na téla. Não sabemos já quantas vezes a figura patriarchal de Lincoln, esse Feijó dos Estados Unidos, tem passado no "écran". Ao passo que este ambiente e esta época devem suscitar na America do Norte movimentos de grande enthusiasmo, fóra das fronteiras da grande republica, conseguem familiarizar o nosso publico com as lutas politicas do povo "leader" do novo continente. Isto quanto á historia. Quanto á arte, a successão de scenas das guerras entre o sul e o norte, só nos deixa uma impressão de monotonia e desinteresse. Ha n'este film a indispensavel e justo nota romantica. Será por isso mesmo que os scenaristas se apaixonam pelo assumpto. Dolores Costello cria uma figura encantadora. Esta artista, que não é, em absoluto, uma mulher formosa, tem um grande poder de sensibilidade transmissôra em que o publico se deixa arrastar. Mas é só.

Cotação —— SOFFRIVEL

# Ultima Rosa

José Benedicto Cursino

Fiz eu mesmo o meu canteiro pequenino. Amanhei a terra e fertilizei-a com adubos chimicos. Lancei as sementes, irriguei-as á farta e esperei as flôres louçans. Vieram á flux, porém, todas communs. Arranquei-as e joguei-as no monturo.

Certo dia, cedinho, dei com uma roseira viçosa no meu canteiro pequenino. Linda rosa era qual sorriso encarnado na transparencia daquella manhã orvalhada. Não lhe resisti ao attractivo. Avancei a mão afim de curvar o hastil, para beijal-a, e doloroso espinho feriu-me o dedo. Gotta rubida de sangue destillou. Tentei novamente e consegui inhalar-lhe o perfume. Senti, nas faces, a doçura daquellas petalas macias. Notei, então, que ao lado lhe despontava vermelho botão... Acostumei-me tanto a acaricial-a, que não podia passar um só dia longe della. E hoje ainda vivo feliz a contemplal-a cercada de botões robustos que se vão desabrochando...

Quando o sol já ia alto, outras roseiras appareceram, cada qual com sua rosa de côr differente. De todas absorvi o aroma. Deliciei-me na seda das petalas. Entretanto, nem um só botão... Faltou a purificação do orvalho... E ellas, murchas, crestadas, sumiram-se.

* * *

Hoje surge, de surpresa, no meu canteiro pequenino, uma rosa fidalga. Triste, lhe pergunto: "Por que vens tão tarde? O sol já vae em declinio. E como és linda! E's linda como a primeira rosa. Não me aproximarei, pois, de ti, afim de que, crestada como as outras, não desappareças. Entretanto, em lagrimas te peço não cedas a outrem o teu perfume; que a nenhum colibri seja dado sugar o nectar de tua corolla. Quero-te sempre assim para encanto de meus olhos magoados. Quero-te sempre assim, no meu canteiro pequenino, qual rosa mystica, virginal, inattingivel, em teu hastil espinhoso. Quero-te sempre assim..."

# A Princezinha

EU era então uma princezinha. Não penseis por isso que nasci nas grades de um throno. Não. Eu era uma princezinha apenas porque vivia com minha avó e uma antiga criada sua, a quem chamavamos Fanny. Minha avó e Fanny ostentavam grandes coifas negras, mas differentes uma da outra, e sobretudo muito differentes dos insolentes gorrinhos usados pelas avós de hoje, que não temem os cabellos curtos nem as criadas que tocam com ellas...

Eu era uma princezinha... Não tinha que occupar-me nem preoccupar-me com coisa alguma. Os que me rodeavam haviam de se preoccupar com meus gostos e fazer com que não me faltasse nada. E até que extremo o faziam! A hora da merenda era particularmente prazenteira.

— Queres mel... nozes... pêras... maçãs?...

Eu queria de tudo, ou pouco menos. Pedia um pouco de mel antes de decidir-me pelas frutas, e, com uma rabanada de pão na mão, conseguia que me abastecessem os bolsos. Em um, nozes, em outro, maçãs...

Residiamos em uma ampla casa rodeada de tres jardins. O da frente estava separado da rua por uns muros de regular altura cobertos de trepadeiras. O segundo, entre a cozinha e o curral, era dedicado ao cultivo de hortaliças. O maior de todos, situado por traz do sitio, descia, em escadas ou terraços successivos, até o rio, onde, fechado por uma grade, deixava vêr através dos ferros as arvores que se inclinavam sobre a agua.

Eu brincava nos tres jardins, e quando tinha vontade entrava na casa e abria todas as portas, inclusive a de um quarto deshabitado que só se limpava uma vez por anno, no dia da limpeza geral, quando as duas sobrinhas de Fanny iam ajudal-a e remexiam a casa de cima abaixo.

Eu dava volta á chave com preoccupação, eempurrava devagarinho a porta do quarto abandonado... e, na ponta dos pés, vagava pela penumbra que as madeiras cerradas conservavam da manhã á noite em todo o tempo. A tia Clara, que outr'ora dormiu ali, da moldura ovalada de seu retrato, seguia-me com a vista, como que vigilante e receiosa.

Uma vez a avó me surprehendeu ao sahir desse quarto onde morreu tia Clara, e, com lagrimas nos olhos, perguntou:

— Que fôste fazer ahi? Não tens mêdo? Si é tão triste esse quarto!...

Não respondi. Fôra-me impossivel explicar que para mim não havia nada triste. Eu não conhecêra a cara vivente dessa tia que Deus levára... e sabia respirar sem tristeza o suave perfume da morta, ali existente. Não. Para mim não havia nada triste. Todas as manhãs meu despertar me abria uma festa: ou era o sol que dourava o quarto, ou era a chuva que, cahindo no jardim, punha mais verdes as plantas e enchia aquelle sitio de caracóes, ou era ainda o tempo nublado que reinava — o querido tempinho que me promettia tantas cousas.

Si a avó notava que eu me aborrecia, ora me lia contos, ora me levava comsigo em visita a casas de senhoras que me mimariam tirando de algum armario os brinquedos de seus antigos filhos... E si não tivessem filhos, mandariam buscar pasteis em casa de Garrimout, que era o melhor confeitero do logar.

De qualquer maneira, me distrahiam ou devam presentes. Si eu estava inquieta, cantavam para que adormecesse, á espera de outro bom dia.

Eu era uma princezinha. Pela manhã, as duas mulheres se occupavam ao mesmo tempo de minha *toilette*. A avó me penteava o cabello, emquanto Fanny me amarrava os sapatos. E uma vez prompta, me davam um lenço limpo..., um lenço immaculado, que não o ficava assim muito tempo. Frequentemente Fanny mo tirava do bolso em um estado que a fazia suspirar e dizer:

— Veja, senhora, si não é uma vergonha!...

— Então a avó me explicava sem aspereza:

— Um lenço, minha filha, não é uma toalha, e depois de brincar com terra, a primeira cousa que uma menina deve fazer é lavar-se...

Só uma vez a vi nebulosa. Um entardecer frio fizera-me espirrar varias vezes.

— Vamos, que esperas para assoar-te? — disse a avó.

Eu retorcia em meus dedos um pobre lenço côr de barro.

— E' que procuro um logar branco, avózinha.

— Vamos, depressa, menina.

Seu aspecto de desapontamento ao dizer isso me feriu de tal maneira, que me afastei, correndo.

Quando voltei, com o nariz devidamente limpo, a avó me perguntou, já sorrindo:

— Então? Já encontraste o logar branco?

— Sim, avózinha... Encontrei um logar branco... Nas cortinas da sala...

MARGARIDA COMERT

# SELECTA

## O NUMERO ESPECIAL DE ANNIVERSARIO

No proximo dia 7 de Agosto passa o anniversario da SELECTA, a nossa querida revista cinematographica, a quem o publico brasileiro dedica tanto carinho e estima. O numero d'esse dia será uma edição excepcionalmente brilhante, com 100 paginas em couché, profusamente illustradas, contendo um texto interessante, em que se encontra tudo quanto ha de mais palpitante hoje no mundo cinematographico. A SELECTA com esse numero especial, que será uma preciosidade graphica, demonstrará que corresponde aos favores do publico, melhorando dia a dia o seu aspecto e procurando honrar as suas tradições.

# ESPIRITO ALHEIO

— Cachorro!
— Cachorro é você, seu...
— E não apparece um guarda! Quando mais se precisa delles, é que menos são encontrados...

— Amigo Baptista, os homens não somos todos iguaes.
— Exemplo?
— Nós dois fumamos os mesmos cigarros e eu os pago sózinho...

— Poderia dar-me a honra de dançar commigo, senhorita? Eu quero esmagar dois typos que estão aqui...

— Foram seus olhos divinos que inspiraram esses versos.
— Não diga! Então terei que recorrer a um oculista...

*Ella.* — Não quero que dêem cigaros a Joãozito. Elle precisa perder o vicio.
*Elle.* — Dá-lhe dos que me deste hontem, e verás como elle não fumará mais em toda sua vida.

*O pretendente velho.* — Quanto não daria eu para ser um livro! Assim você me daria mais attenção.
*A joven.* — Pois eu queria, entretanto, que você fosse um calendario...

# Um caso de consciencia

## De PIERRE MILLE

Era um medico de aldeia, já velho. Um bom homem. Ambos conversavamos em seu gabinete, severamente mobiliado, e, depois de ter tocado diversos assumptos, me disse elle:

— E' claro! O senhor pensa como todo mundo. Crê que, á medida que vamos nos acostumando, que adquirimos o habito da profissão, nossa sensibilidade se embota. Acha que as dôres dos enfermos nos interessa unicamente como symptomas; que sua morte é para nós, os medicos, em summa, alguma cousa assim como uma batalha perdida. Até a magoa dos sobreviventes, do marido, da esposa, do pae ou da mãe — que importa, si nada se póde fazer contra o destino? Tal é o conceito em que nos têm, não é verdade?

"Que erro! No emtanto ha alguma cousa que motiva essa crença. Porque o primeiro de nossos deveres consiste em conservar nosso sangue frio para o futuro. Dahi as apparencias de insensibilidade. Mas si soubessem o que occultam!...

"Outra cousa tambem nos induz ao erro: a recordação dos estudantes de medicina que conhecestes na escola, geralmente brutaes, cynicos, apparentando indifferença. Não pensastes que aquella brutalidade, que aquelle cynismo e aquella indifferença, affectados, provinham de sua semelhança comnosco. Taes bravatas são necessarias para dominar seus nervos, parecidos com os vossos.

"E, além do mais, a primeira necessidade do estudante é aprender. Por isso, o estudante de medicina só vê, no enfermo, a enfermidade. Nos leitos do hospital não percebe enfermos que soffrem, mas affecções que deve especificar, lesões organicas. Numa palavra: casos. Nos cerebros estudantinos, trepidantes, repletos de noções que se entrechocam, só fica logar para o desejo de saber e o temor de se enganar no diagnostico.

"Mas quando o estudante chega, por fim, a ser medico, lhe acontece o inesperado, dramatico, estranho. No que sua juvenil illusão havia classificado seccamente como *um cliente*, encontra *um homem*. E ao tropeçar com esse individuo, não já como um objecto de estudo, e não já um edificio onde, por assim dizer, se acham colleccionados, como num museu, outros objectos de estudo, mas em meios dos seus, em sua casa, qualquer que seja choça ou palacio, descobre o que até então lhe havia passado inadvertido: a personalidade do enfermo.

"Ao voltar á humanidade natural, normal, o medico se humaniza de novo, se condóe como os outros.

"Mas á compaixão que todos sentem se junta um sentimento que vós outros ignoraes: a preoccupação da responsabilidade. De uma responsabilidade tanto mais grave e imponente quanto só da propria consciencia depende. E então chega ao conceito do que chamaremos o *peccado medico*, o erro no diagnostico. Esse conceito póde ser tal, que lhe inspire uma mania de escrupulos analoga á de certas religiões que chegam a se julgar continuamente em peccado mortal. E' uma crise tão cruel e desmoralizada, que, por ella, abandonam a profissão muitos collegas...

"A mim proprio occorreu isso... Escute. Lembre-me que, um dia, quando começava a praticar minha profissão, fui chamado para soccorrer um menino do campo, que tinha, como me disseram, convulsões. Facil me foi diagnosticar uma meningite.

"Conhece os primeiros symptomas dessa enfermidade? A principio, dôres de cabeça fortes e pertinazes, horror á luz, vomitos, contracções de todos os membros e, principalmente, dos musculos faciaes, o que dá ao rosto certo aspecto sardonico. Finalmente, intensa febre, seguida de depressão geral.

"Mas ha duas classes de meningite: uma simples e outra de origem tuberculosa. Na primeira, é grave o diagnostico, mas se póde lutar, porque ha esperanças de cura. Emquanto que, na meningite tuberculosa, tal esperança cabe rarissimas vezes.

"Como quasi todos os symptomas são identicos, é summamente difficil distinguir uma meningite da outra. No caso do meu pequeno enfermo, a febre não attingia a quarenta gráos, mas o ataque fôra brusco e imprevisto? Nesse, tratava-se de uma meningite simples.

"Fiquei olhando o pobre menino. Estava fraco, pallido e débil. Entrevi uma tuberculose, e o tratei como enfermo de meningite tuberculosa, sem pensar que pudesse salval-o...

"Quando voltei á noite, acabava de morrer...

"Os paes, gente rude, oscillavam entre o dever de mostrar o pesar devido e a necessidade de consolar-se.

" — Foi sempre muito delicado, muito magrinho — disseram-me, referindo-se ao filho. — Não era um menino muito forte. Algumas vezes a cabeça lhe doia tanto!...

" — Ha cerca de tres semanas ou um mez, teve um pequeno derrame pelo ouvido. Mas passou sem fazer-lhe nada.

"Fôra uma meningite — proseguiu o velho medico — Uma meningite consecutiva ou uma otite, e eu não havia pensado em perguntal-o, não indagára si aquelle menino tivéra alguma cousa nos ouvidos!

"Poderia tel-o salvo.

"Nada disse, e subi ao carro. No caminho, parecia que o ruido das rodas me gritava: "Imbecil!... Assassino!... Imbecil!... Assassino!..." Desci e voltei, a pé, para não ouvil-o.

"Então chegou para mim o sinistro exame de consciencia acossada, livros e revistas compulsados febrilmente, abandonados de repente, lidos de novo. Sem duvida, existem, *tambem*, otites tuberculosas, mas, em sua maioria, não apresentam os symptomas que apresentava *meu* enfermo. Embora assim não houvesse sido, não devia eu ter agido inspirado na hypothese que offerecia alguma esperança? Como pudera esquecer aquelle paragrapho do questionario? Os paes bem me podiam ter prevenido. Mas, por que não tivéra eu em conta sua despreoccupação e sua ignorancia?

"Assim, pois, foi por culpa minha. Apesar de tudo, só minha culpa.

"Quando me deitei e apaguei a luz, foi-me impossivel dormir. Com os olhos abertos ou fechados, via continuamente a carinha do morto, e a mim mesmo eu dizia: "Haviam-no confiado a ti e o deixaste morrer." Não era um remorso como o que houvesse sentido o senhor. Não. Era algo muito mais amargo, muito mais doloroso. Mixto de aniquilamento e de humilhação. O sentimento do erro medico, do peccado profissional.

"Por volta de uma hora da madrugada, uma tris-

# As indisposições da digestão

serão de curta duração se V. S. tomar Magnesia Bisurada depois das refeições ou logo que a dôr se faça sentir. Quasi todo o mal-estar digestivo é a consequencia d'um succo gastrico demasiado acido que provoca as azias, azedume, pesadume, dilatações e indigestões. A Magnesia Bisurada neutraliza a acidez, evita assim a fermentação dos alimentos não digeridos, e protege as paredes delicadas do estomago contra toda a irritação. A Magnesia Bisurada inoffensiva e facil de tomar, acha-se á venda em todas as pharmacias.

Juventude Alexandre

Sem substituto para a BELLEZA dos CABELLOS contra a CASPA e CALVICIE

30 ANNOS DE SUCCESSO !

Leiam ás Quartas-Feiras

**SELECTA**

Custa apenas 1$000 em todo o Brasil.

FILIAL NO BRASIL: COMP. CHIMICA RHODIA BRASILEIRA CAIXA P. 2916 S. PAULO

# Quando se sentir abatido, prove isto

A PRISÃO de ventre envenena o sangue e quebranta as forças; faz com que o menor esforço esgote a energia e não haja animo nem para os divertimentos.

As Pilulas Assucaradas de Bristol combatem a prisão de ventre de modo natural. São de origem vegetal, absolutamente inoffensivas.

Convem ter sempre á mão um frasquinho. Não se deterioram em clima algum. Vendem-se em toda a parte.

5082

## UM CASO DE CONSCIENCIA

*(Conclusão)*

resolução deu fim a taes angustias. Já que acabava de demonstrar a mim mesmo minha propria incapacidade, no dia seguinte passaria minha clientela a algum collega, e me retiraria da vida activa.

"Quando tomava essa resolução, em plena noite, bateram á porta. Entrou um homem, com botas de montar e pequeno chicote na mão. Viéra a galope, sem se deter, numa carruagem.

"— Venha, doutor. Trata-se de nosso filhinho. Tem estertores... Asphixia-se... Parece-me que é tosse convulsa. Está morrendo, não é verdade, doutor?...

"Dentro de dez minutos estava eu na casa onde se preparava uma nova desgraça. Naquella época, ainda não se conhecia o sôro anti-diphterico. Fiz a traqueotomia... Oh, que alegria! Alegria delirante, triumphal, sobrehumana, senti quando introduzia a agulha de prata...

"Permaneci ali duas ou tres horas, até que fiquei certo de que o menino estava salvo.

"Ao partir, tive a impressão de que as aves, as florinhas silvestres, o céo, as nuvens — tudo era tão bello, tão novo como o dia da primeira criação-novo em folha. E eu disse: "Bem; ainda sirvo para alguma cousa."

"Durante aquella noite, não salvei apenas o menino diphterico: salvei-me a mim tambem. "Só a acção consola a acção."

— Bem — disse eu, então. O que acaba de contar-me deve ser sabido.

— Deve ser sabido por nós, medicos.

— E por mim tambem. E por todo o mundo: os povos, as nações...

M.

---

# O GRANDE CONTRASTE

ALBERTO Iturralde — da firma Iturralde & Companhia, importadora de casemiras — estava commodamente sentado em uma ampla poltrona de seu luxuoso gabinete.

Um homem de cerca de trinta annos, trajando e calçando modestamente, estava em pé deante delle, dando, nervosamente, voltas a seu chapéo.

— Senhor Moldes — disse Alberto —, sinto-o muito, mas não ha logar para o senhor em minha casa commercial. Meu amigo Berrini, que é quem mo recommenda, manda-me dizer que se trata de um cavalheiro preparado, que fomos os dois educados no mesmo collegio, que o senhor possue titulos, etc., etc. Infelizmente, porém, não posso collocal-o. Mas, espere... Tenho uma idéa. Quer ganhar dois contos de réis por um mez de trabalho?

— E qual será meu trabalho?

— Vou explicar-lh'o. Estou convidado a passar uma temporada na quinta da familia Queijido. Conhece-os, não? Ao chefe, chamam o *Rei da Manteiga*. Tem uma fortuna immensa e, além disso, uma filha encantadora: Suzanna. Estou loucamente apaixonado pela joven, e todo o meu empenho é casar com ella.

— Não comprehendo em que possa servil-o.

— Quero leval-o commigo á quinta, para fazer resaltar meus meritos. Que o senhor se mostre mediocre, ridiculo mesmo, emquanto eu obtiver exitos; que seja completamente nullo nos sports e no baile, emquanto eu triumphar nelles. Numa palavra: que seja imbecil, para que mais brilhe minha intelligencia.

— Comprehendo agora: servir-lhe de contraste.

— Exactamente. Offereço-lhe, por isso, dois contos de réis.

— Acceito.

— Si Suzanna me acceitar, terá o senhor uma gratificação. Seguiremos amanhã.

— Mas não tenho roupas decentes.

— Usará meus ternos.

— Somos de estatura diversa.

— Melhor ainda. Como sou mais alto e mais gordo que o senhor, meus trajes lhe ficarão muito mal e assim mais ainda sobresahirá minha elegancia.

* * *

Havia já tres semanas que Iturralde e Moldes eram hospedes dos Queijido.

Fluctuando, por assim dizer, num traje de flanella branca, Moldes era a irrisão das moças da casa, e mesmo das de fóra. Durante um passeio, Moldes quasi levara o automovel contra uma arvore, salvando-se todos graças ao sangue frio de Iturralde, que, tomando o volante, conseguira livral-os da catastrophe.

Durante as refeições, Moldes não abria a bocca sinão para comer. Iturralde, no emtanto, recitava epigrammas e contava anecdotas e outras historias jocosas.

Em resumo: o côro dos convidados, dirigido por Suzanna, proclamava que, si Iturralde era um verdadeiro homem de sociedade, seu infeliz amigo era a imbecilidade, o ridiculo, a estupidez personificados.

Aquella noite, uma das ultimas que passariam na quinta, Moldes estava vestindo o "smoking", quando entrou Iturralde.

— O senhor está contente? — perguntou Moldes. — Represento bem o papel de contraste?

— Muito bem: meus negocios vão por bom caminho. Mas não me atrevo a declarar-me.

— Eu não falo nada, para que o senhor possa brilhar.

— Sim, sim... Mas, não basta. E' necessario que diga algumas asneiras enormes.

— Conte commigo.

— Perfeitamente.

Quem póde comprehender e explicar o que se passa em um cerebro humano? Moldes sentou-se á mesa com a firme resolução de ser estupido. Mas Suzanna naquella noite, estava realmente adoravel.

Um impulso de ciume e de inveja poz por terra os projectos de Moldes. Elle quiz brilhar, resplandecer, triumphar, conquistar Suzanna.

Durante o jantar, externou as idéas mais grandiosas, mais cheias de generosidade; citou os philosophos e os pensadores. A' sobremesa, sem se fazer rogar, recitou poesias dos melhores classicos, achando accentos verdadeiramnte commovedores. Quando passaram ao salão, Moldes se sentou ao piano e interpretou, de um modo admiravel, peças de Chopin e Beethoven.

O pobre Iturralde recitou monologos estupidamente comicos.

Subito, Moldes teve o sentimento da sua grave responsabilidade e, pretextando uma enxaqueca, se retirou para o seu quarto.

— Fil-a boa! — exclamou, de si para si. — Não cumpri com meu compromisso. Iturralde vae despedir-me immediatamente, sem me dar siquer os dois mil pesos promettidos. E terá razão! Portei-me muito mal... Mas o sorriso de Suzanna me fizera perder a cabeça!

Abriu-se, de repente, a porta, e entrou Alberto.

— Obrigado, obrigado... Vinte milhões de obrigados!

— Como! ? — balbuciou o outro, aturdido.

— Suzanna acceitou-me! Esta noite, meu querido amigo, chegou você ao ponto culminante da estupidez, da asnidade e do ridiculo. Que cousas horriveis disse durante o jantar! E aquelles versos impossiveis que recitou? E aquella musica insipida? Quando você deixou o salão, todos os convidados se puzeram a rir ás gargalhadas, e Suzanna foi a primeira. Aproveitando essa disposição, lhe expuz minhas intenções, e... sou já seu noivo!... Aqui lhe trago, por isso, um cheque de dez contos...

Jorge Dollet.

# O Muar e o Cordeiro

AO longe, a serra quieta, eternamente envolta no silencio azul.

E o auto roncava de prazer na vertigem da carreira. Aqui, era qual uma bala pelos torcicóllos de estrada; além, desapparecia no nevoeiro do pó. Os animaes que permaneciam junto á cerca rompiam para o interior dos pastios desertos; os gallinaceos da choça á margem, cacarejantes, erguiam o vôo rasteiro. Esfumado na distancia, um tufo de palmeiras germanadas; ao lado, uma torre, apontando para o infinito. No cabeço do cómoro proximo, o gerivazeiro, qual espanador verde, com seu cabo de espique, atirado de ponta das alturas. E o céo arqueando varrido. Calma embaciada sobre a natureza.

Sempre a roncar de prazer, o auto ganhou uma recta bamba. Que sensação agradavel offereciu a corrida vertiginosa naquella como ponte pênsil! Ao acompanhar certa curva, desgarrado cordeiro que, pacifico, bebia da lympha de um regato, espantou-se atirou-se contra o tapume espinhoso, e, lanhado, frechou rumo do oviario. Tombou, porém, num cabouco trahidor, occulto entre relvas. O ovelheiro soccorreu-o; mas, coitadinho! estertorava. Os olhos tristes fitavam a verdura extensa dos prados, e o infinito da abobada azul, num lacrimoso adeus.

E o auto sempre a roncar na delicia da carreira.

Muito além, na intersecção de duas collinas, atravessava a estrada o arroio que fugia do lameiro acima. Bem sobre a ponte, estacava um muar tranquillo. A' distancia, o motorista buzinou forte, afim de, removido o empeço, embalar para vencer a encosta fronteira. O muar parecia zombar de tudo na sua immobilidade serena. O auto bufava, buzinava, e, entretanto, parou. Tentaram aproximar-se do bicho luzidio. Foi inutil. Coices como que fuzilavam no ar... A custo conseguiram um embornal com milho; e, maneirosamente, com ternura na voz, fizeram-n'o comer. Puzeram-lhe, então, barbicacho; e o animal, sempre a comer, deixou-se levar...

---

Na estrada da vida, para se obter triumpho, não se deve imitar o exemplo do cordeiro...

JOSÉ BENEDICTO CURSINO

CREANÇAS FRACAS MAGRAS ANEMICAS
?
TONICO INFANTIL
VIDRO - 5$000
LAB. NUTROTHERAPICO-RIO


Ar puro e alimentos puros são essenciaes á vida. Póde assegurar-se a pureza de uma parte essencial das refeições usando o
SAL DE MEZA
Cerebos


Casa Candès
Data de 1849
BELLEZA DO ROSTO
O LEITE ANTEPHELICO
ou LEITE CANDÈS
puro ou misturado com agua, dissipa Sardas, Tez Crestada, Pintas-Rubras, Borbulhas, Rosto Sarabulhento e Farinaceo, Rugas e conserva a cutis liza e clara.
Paris
Bd St Denis 16
CRÊME CANDÈS Oxydante
Dá mocidade, tez limpida e frescura

# DRAMA DE CIRCO

## DE ROBERTO FRANCHEVILLE

A *ménagerie* Bandolin installou-se, uma manhã, em Villa Soldati.

Formavam a collecção: 1º. — "Remy", um cachorro de leão da Abyssinia. 2º. — Uma serpente bôa, que não exigia sinão uma lebre por mez e estava depois sem dar signaes de vida durante quatro ou cinco semanas. 3º. — Um camello centenario, que deve ter pertencido a Mahoma. 4º. — Quatro monos, sujos e revoltosos. 5º. — Um cão pelludo, que desempenhava o papel de lôbo indomito e que tomava tão a sério a cousa, que ninguem se atrevia a se aproximar de sua jaula.

O domador Heitor Bandolin vegetara durante muitos mezes no tranquillo posto de amanuense de um advogado sem pleitos. Mas, um dia indo a um circo, surgiu nelle vivissimo desejo de imitar os domadores que vira.

— Viva! — exclamou, enthusiasmado. — Não serei mais escrevente; serei domador.

E, sem perder tempo, comprou um chicote, botas de montar, um dolman adornado com metaes reluzentes, e mandou imprimir cartões com a palavra "Domador" em baixo do nome.

Só lhe faltava, pois, adquirir uma *menagerie*.

Não teria realizado nunca seus ideaes, ficando vestido e sem féras, si seu tio Homobono não houvesse tido a lembrança de morrer deixando-lhe como herança um aquário e dez contos de réis.

Ainda sem perda de tempo, vendeu os peixes, e comprou em segunda mão a collecção de féras do Jardim Zoologico de Calamuchita.

E começou sua odysséa de aldeia em aldeia, exhibindo sua collecção de féras.

E a multidão estremecia vendo-o luctar com um leão, um lôbo, uma panthéra ou um tigre, que aturdiam o publico com seus rugidos.

Como é logico, Bandolin sahia sempre vencedor dessas terriveis luctas, que lhe valiam estrondosos applausos.

Mas, por desgraça, quando os dez contos se dissiparam, Bandolin deduziu, alarmado, que os ingressos de bilheteria eram tão insignificantes como a ferocidade de seus pupillos.

E não era isso o peor. Em consequencia da falta de dinheiro, os viveres começaram a escassear.

O bello Heitor se viu obrigado a apertar dois pontos do seu cinturão de couro, para que não lhe cahissem as calças...

Mas os animaes não podiam appellar para o mesmo recurso.

E nessa situação se achava a *ménagerie*, quando desembarcou em Villa Soldati, onde seu proprietario esperava fazer muito bôas entradas. Mas—oh, cruel decepção!—Barnum acabava de installar seu circo no mesmo povoado, annunciando a exhibição de quinhentos leões e tres mil elephantes. Heitor comprehendeu o desastre que se avizinhava. E pensou:

— Ha tres dias que minhas féras e eu não comemos nada. Pois é necessario viver. O mono Anatolio tem appendicite. Vou matal-o, e faremos com elle um estufado á portugueza.

E dito e feito. Aquella mesma tarde o mono Anatolio era transformado em um guizado, que a *ménagerie* devorou em poucos minutos.

Desde então, as féras se olharam com certo receio, como si cada uma dellas dissesse para si:

— A quem tocará a vez, agora?

Embora Heitor tivesse a idéa de dividir a leôa em fatias, como si fosse mortadella, desistiu de tal proposito, preferindo amputar a giba do camello, porque dizia elle:

— Para que serve a giba do camello? E' incommoda e superficial, que não importa que desappareça.

Uma hora depois, a giba do ruminante apparecia em um prato, frito com cebola, e todo o pessoal, inclusive o proprio camello, se deliciou com ella.

Afinal, chegou o domingo. Oito pessoas fizeram-lhe a honra de comprar entradas para assistir ao espectaculo. O domador, que havia quatro dias não provava bocado, teve que appellar para toda sua energia afim de entrar na jaula.

Terminado o numero do cão pelludo, que fazia de lobo melhor que um authentico lôbo siberiano, chegou a vez de Remy, o ferocissimo leão da Abyssinia.

O pobre animal dirigiu a seu amo um olhar supplicante, tentando em vão modelar um rugido.

Um dos exercicios de Bandolin consistia em introduzir a cabeça entre as enormes mandibulas do leão.

Nesse dia, Heitor prescindiu de tão sensacional momento.

O leão pareceu perguntar-lhe:

— Por que não fazes o de sempre?

Mas, de repente, o domador foi presa de um accesso de loucura famelica. E, lançando um espantoso grito, se atirou sobre o leão, com evidente proposito de devoral-o.

Rapido como o raio, Heitor cravou seus dentes na pata do animal.

— Soccorro! — gemeu Remy, em seu idioma inintellegivel.

Produziu-se o panico.

Heitor, faminto, exaltado pelo cheiro de sangue, mordia freneticamente a presa. Para que elle a soltasse, tiveram que ameaçal-o com barras de ferro a fogo. Uma vez dominado, e afim de evitar outro accesso de ferocidade, encerraram Heitor em uma jaula e conduziram o leão á pharmacia mais proxima.

. . . . . . . . . . . . . . . . . .

Depois desse dia memoravel, o leão Remy, victima de um accidente de trabalho, foi comprado por Barnum, que o exhibia ao publico com esta inscripção:

"Remy, o celebre leão da Abyssinia, que em novembro ultimo, quasi foi devorado pelo domador Heitor Bandolin."

# VERSOS

## MINHA MUSA

*Nos meus ditosos dias, sob os lumes*
*Do céo todo dourado, a Musa crente,*
*Envolta em niveo manto, mil perfumes,*
*Pelo meu braço andava sorridente.*

*Foi nesse tempo alheio de negrumes*
*Como a nave de um templo aurifulgente,*
*Que, inspirado de Apollo e brandos numes,*
*O teu louvor tracei num canto ardente...*

*Hoje não trago a Musa pelo braço:*
*Vae silente, num tropego cansaço,*
*Vae sem rumo, sózinha, destituida...*

*Somos dois cegos que, no mundo torto,*
*Se procuram, tacteando, em desconforto.*
*— O amargo engano da enganosa vida!*

BENEDICTO SALGADO